FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 16 DE MAIO DE 1959

ANO 39.º — NÚMERO 13 087

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 4 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE S
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Adeus a Somerset Maugham

Somerset Maugham, aos oitenta e cinco anos, despede-se da literatura. Mas não sem uma ultima e preciosa lembrança para todos os seus numerosissimos amigos e admiradores, que os tem nos mais variados países do Globo:—envia-lhes ainda uma recordação — agora diz-se mensagem: — um livro de ensaios biográficos de alguns escritores que particularmente o interessem ou interessaram. Goethe, Tchecov, Katherine Mansfield, os dois Goncourt, Julio Renard, Léautaud, o pensador inglês do século XVIII, o arcebispo Tillotson, e certo famoso sábio indio, cuja presença parece que mais ou menos inspirou o romance «O fio da navalha». Nele, nesse livro se verifica, afinal, que Somerset Maugham se recolhe ao «claustro do silêncio» não porque sentisse ou supuzesse perdidos o seu es-

JOÃO DE BARROS

(Continua na 3.ª página)

PEREZ JIMENEZ
não pode residir nos Estados Unidos

WASHINGTON, 16 — Perez Jimenez, antigo «leader» venezuelano, exilado nos Estados Unidos desde Março de 1958, cuja autorização de residência expirou na sexta-feira, á meia-noite, foi convidado a explicar as razões pelas quais ele crê que não deve ser expulso.

Os Serviços de Imigração informaram ontem o antigo «leader» venezuelano de que não seria renovada a licença para residir na Flórida. — (F. P.).

2.ª TIRAGEM

VIU MORRER a mulher e os filhos

STAMFORD (Connecticut), 16.— Viu a mulher e os cinco filhos morrerem debaixo do comboio . operário Frank Slarrow que, ontem, resolvera ir passear com a família pelo campo. Deixara-os atravessar a passagem de nível da localidade onde moravam e não pôde valer-lhes. — (A. N. I.).

Um barco isolado
com ornamentações e iluminações transportará para Cacilhas a imagem de Nossa Senhora de Fátima

É amanhã, ás 17 horas, que se inaugura, em Almada, o monumento nacional a Cristo-Rei, construído por voto feito em Fátima pelos bispos portugueses, se «Portugal fosse poupado á hecatombe da guerra», e graças á contribuição de muitos milhares de compatriotas nossos espalhados por todo o Mundo. A grandiosa cerimónia — na presença da imagem de Nossa Senhora de Fátima que milhões de fieis, durante muitos anos, têm venerado na Cova da Iria — assistirão : o sr. Presidente da República ; os cardeais portugueses patriarca de Lisboa, e arcebispo de Lourenço Marques ; o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro e o cardeal arménio Aggagiani; o patriarca das Indias; membros do Governo ; o Episcopado Português ; e altas autoridades.

Tudo indica que o acontecimento vai ter um relevo e um esplendor extraordinários, ficando inesquecivel para as centenas de milhares de pessoas que, de perto. ou de longe o presenciarem.

A comissão central organizadora da inauguração, dirigida pelo cónego dr. António Abranches, prior da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, e que tem a trabalhar, sob as suas ordens, várias subcomissões, tem sido infatigável para dar, não só áquela cerimónia. mas á procissão desta noite, a grandiosidade própria de actos de tão grande simbolismo nacional.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima, que se encontra naquele templo, tem sido ali venerada. por milhares de fieis, velhos e novos, de ambos os sexos e de todas as categorias sociais.

Por motivo da procissão, com aquela imagem, que se efectua esta noite, a comissão organizadora pediu á população de Lisboa e da Outra Banda : a iluminação das janelas, por meio de electricidade, velas, azeite, etc. ; a sua ornamentação, com colgaduras, colchas e tapeçarias ; e a colocação dos aparelhos de telefonia ás janelas, a partir das 21 e 30, sintonizados para a estação de Lisboa 2 da Emissora Nacional.

A imagem de Nossa Senhora de Fátima sai, sem qualquer cerimonia, ás 20 horas, da igreja para o Instituto Superior Técnico, onde chegará meia hora depois. A seguir será conduzida para o alto da esca-

(Continua na página seguinte)

A Suíça venceu Portugal (4-3)
no desafio desta tarde em Genebra

GENEBRA, 16. — No Estádio Charmilles, disputou-se esta tarde, o 7.º encontro de futebol entre as selecções representativas da Suíça e de Portugal.

Com cerca de 20.000 pessoas as equipas entraram no campo, calorosamente aplaudidas. Depois de executados os hinos nacionais dos dois países, as equipas alinharam:

SUIÇA — Elsener; Grobety e Codury; Maegerli. Schmidhauser e Burger; Raboud, Hamel, Huegi, Mauron e Frey.

PORTUGAL — Vital; Virgilio e Barbosa; Mendes. Arcanjo e Torres; José Augusto, Hernani, Teixeira, Coluna e Cavém.

A jogada inicial pertenceu aos Suíços e Burger entrou no meio campo dos Portugueses, mas Torres cortou o lance e Cavém delineou uma avançada que não teve consequências de maior, devido ao corte oportuno da defesa adversária. O jogo estava a ser esquematizado em grande velocidade e Vital foi chamado a fazer a sua primeira parada, aliás, fácil a remate de Mauron.

Hernani, autor do primeiro golo do desafio

Os Suíços lançaram-se ao ataque, e, bem apoiados pelo seu publico, obrigavam os defensores lusitanos a actividade atenta.

Os Portugueses tentaram novo

(Continua na ultima página)

MALOGROU-SE
um ensaio com o «Atlas»

CAPE CANAVERAL, 16 — Um modelo do engenho balístico intercontinental «Atlas» foi ontem lançado neste campo de ensaios, mas os seus motores pararam, pouco tempo depois, devido a desarranjos mecanicos. — (F. P.).

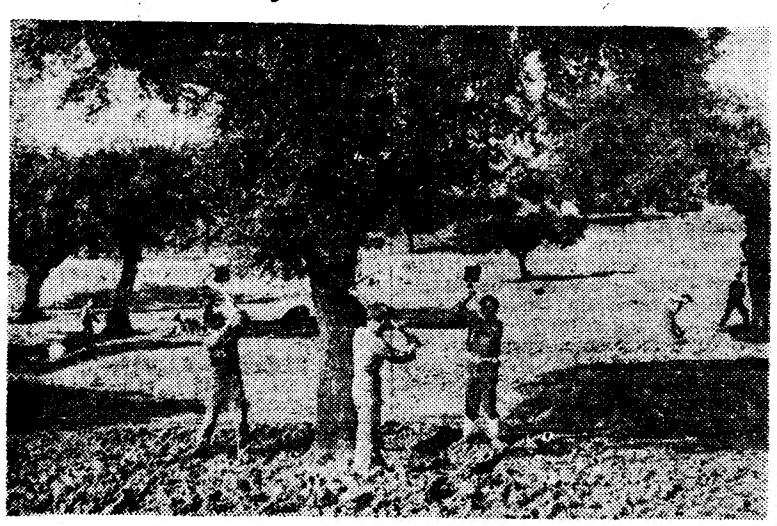
Nota do dia

GUERRA AO MOSQUITO!

Um médico alemão fez uma descoberta sensacional. Após uma série de experiências bem sucedidas, chegou á conclusão de que os mosquitos têm a alergia da vitamina B e não atacam as pessoas regularmente providas desse complexo. Uma das experiências consistiu em reunir num laboratório algumas pessoas que tinham préviamente absorvido quantidades apreciáveis daquela vitamina e outras que estavam desvitaminizadas. Largou em seguida sobre elas cinquenta mosquitos famélicos dispostos a sugar o sangue de um anémico. Os insuportáveis dípteros fugiram dos vitaminados como o diabo da Cruz e lançaram-se como vampiros sequiosos sobre as pessoas cujos organismos não tinham sido enriquecidos com o precioso complexo que, além de facilitar a digestão, serve de preventivo contra o beriberi e outras doenças da pele. Esse parasita odioso abunda, infelizmente, entre nós, em algumas zonas onde parece que não devia existir, exactamente pelo grau de civilização e de asseio a que se convencionou terem chegado. É o caso da Costa do Sol, onde há anos se fez, aliás com bons resultados, uma campanha contra as moscas e os mosquitos, mas que voltou a ser habitada por uma fauna indesejável de culicídios — e visitada agora com frequência por outra fauna muito mais perigosa de larapicídios que se deslocam de Lisboa, ao que parece, para tomar conhecimento das condições materiais em que vivem os residentes e os veraneantes. Contra os dípteros, podemos desde já armar-nos com a vitamina B. Mas contra os gatunípteros não existe por enquanto remédio eficaz, nem mesmo na farmacopeia da Polícia, que não está ainda convenientemente apetrechada para combater o beriberi que ataca as vivendas desabitadas e vulneráveis.

Para a história das Fundações portuguesas—(10)

Moças e moços acolhidos
ao beiral da escola rural da Fundação Abreu Calado



O Alentejo também tem sombra. A dos sobreiros acolhe os rapazes da Escola Rural da Fundação Abreu Calado que, através do ensino prático, adquirem um conhecimento prático de todos os ramos da agricultura

Vamos fechar a série de reportagens que fomos fazer á Fundação Abreu Calado, de Benavila. Falámos da terra — são dos mais ricos, do Sul, estes «barros» do Alentejo — dos homens, dos seus desesperos e das suas realidades. Vamos falar agora dos rapazes, da extensa e profunda acção que a Obra lhes consagra. Mas, antes de o fazermos, queremos ainda traduzir a esperança de todos os que orientam a Fundação:

—Quando vier a energia eléctrica! Quando toda a região for regada pelas águas da barragem do Maranhão! Ah! então, tudo será diferente, então, tudo poderá ir melhor e mais depressa!

A obra de engenharia civil é tida por admirável. Mas alguém pergunta: acompanhou-a, acaso, a engenharia agronómica? Em que medida saberá aproveitá-la o homem sem conhecimentos do solo, do clima e das culturas?

Benavila aguarda a chegada da luz eléctrica transportada pela Com-

(Continua na 10.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO

Valor terapêutico
dos frutos e dos vegetais (6)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

OS açúcares dos frutos são muito importantes, desempenhando função de primeira plana na alimentação normal e racional do homem, obrigado a cada momento a trabalhar, a vencer e a ultrapassar dificuldades sem conta.

Todo o animal é um motor, a um passo complicado e simples, que consome açúcar como a máquina vulgar queima carvão ou gasóleo. Sem a presença de açúcar — a imagem é de Laulanier —, não se verifica trabalho muscular e produção de calor. Sem trabalho e sem calor, o ser vivo arrefece e morre (não vem a propósito citar as excepções...).

Trinta gramas de açúcar (Landouzy) fornecem mais calorias do que cem gramas de carne. A vida é

(Continua na 13.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O mônumento a Cristo-Rei

(Continuação da página anterior)

daria daquele estabelecimento de ensino, virada para a fonte monumental, para receber a aclamação geral dos fieis. Estará colocada num trono, coberto de flores brancas. Do lado esquerdo, ver-se-á uma piramide irregular, descaindo para o lado oposto, formada por centenas de cirios enormes, revestidos de metal, cujas luzes devem ter um aspecto feérico.

Dali, a imagem sairá, processionalmente, ás 21 e 45, dirigindo-se ao Terreiro do Paço, entre canticos e preces, com milhares de velas, e percorrendo o seguinte itinerário: Alameda D. Afonso Henriques, Avenida Almirante Reis, Rua da Palma, Rua D. Duarte, Praça da Figueira, Rua da Betesga e Rua Augusta.

A imagem, acompanhada pelo Episcopado, ao dar entrada na Praça do Comércio, pouco antes da meia-noite, será iluminada por potentes projectores. Ao chegar á placa central deter-se-á alguns momentos e passará pela rua aberta entre alas formadas pelas diversas irmandades.

Ao longo do percurso entre o Cais das Colunas e Cacilhas, estacionarão, fazendo como que um canal, além de alguns navios de guerra, a «Fragata D. Fernando», as embarcações da pesca do alto que se encontrem disponiveis, e outros navios.

Não haverá cortejo fluvial, pois o barco onde será conduzida a imagem, ornamentado e iluminado, seguirá isolado, apenas podendo circular no referido canal as duas lanchas ocupadas pelos representantes da Imprensa e pelos elementos da Rádio, da Televisão e do Cinema.

A imagem ficará na igreja de Cacilhas, donde sairá, ás 10 horas, para o monumento, onde, ao meio dia, o bispo auxiliar de Braga celebrará missa.

A assistência sanitária ao público

A Defesa Civil do Território montou hoje de manhã, no Terreiro do Paço, um posto de socorros com pessoal e material do Comando Distrital de Lisboa; e logo á noite montará outro, também na Praça do Comércio, com a comparticipação da Brigada Naval, do Clube Nacional de Natação e da vedeta «Briosa» para transporte de qualquer pessoa que necessite de assistência, a qualquer das duas margens. Em reforço deste meio rápido, dispõe ainda a D. C. T., por valioso contributo das Forças Aéreas Portuguesas, de um helicóptero que poderá rápidamente evacuar qualquer caso considerado mais grave, de Almada até ao Terreiro do Paço, local onde está montado o posto de socorros que, em permanente ligação rádio com os restantes postos, fará conduzir o evacuado a qualquer hospital da cidade.

Um almoço em Belém

O sr. almirante Américo Tomás oferece, na próxima segunda-feira, no Palácio Nacional de Belém, um almoço em honra dos srs.: cardeais D. Manuel Gonçalves Cerejeira e Teodósio Clemente de Gouveia, de Lisboa e Lourenço Marques, respectivamente; cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro; representante do cardeal-arcebispo de S. Paulo; patriarcas D. José da Costa Nunes e D. José Veira Alvernaz; e arcebispos e bispos do Ultramar. O almoço começa ás 13 horas, assistindo ao mesmo os elementos da Casa Civil e Militar do sr. Presidente da Republica.

A Televisão e o monumento a Cristo-Rei

Associando-se ás cerimónias inaugurais do monumento a Cristo-Rei, a Radiotelevisão Portuguesa realiza, amanhã, dois periodos extraordinários de emissão, das 10 ás 12 horas e das 17 ás 19, para transmissão directa do Solene Pontifical Joanino, do Mosteiro dos Jerónimos, e dos actos solenes da inauguração do monumento, do Alto do Pragal, em Almada.

Não haverá cortejo fluvial

Após as aclamações a Nossa Senhora, a imagem será embarcada e transportada para a margem Sul do Tejo.

Navios embandeirados

Os navios de guerra e da Marinha Mercante, as embarcações de pesca e de recreio e todas as que transportam passageiros entre as duas margens do Tejo, apareceram hoje embandeirados festivamente.

40 mil crianças numa festa esta tarde realizada no Estádio do Restelo

Integrada nas comemorações da inauguração do monumento a Cristo-Rei, realizou-se, esta tarde, no Estádio do Restelo, a «Festa das Crianças e da Juventude», na qual tomam parte cerca de 40 mil crianças das catequeses, escolas, cruzadas eucarísticas, organismos pré-juvenis da Acção Católica e todos os meninos do coro das paróquias de Lisboa e de vários pontos do País.

O festival, que principiou ás 15 e 30, engloba numeros simbólicos e evocativos de Portugal cristão, Lisboa cristã, do Infante Santo, de Camões, Nossa Senhora da Conceição, Fátima, D. João I e D. Nuno e epopeia marítima, intercalados com canticos religiosos alusivos, terminando com a «Consagração das crianças» aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, lida ao microfone por 5 meninos de cada sexo. Um avião lançará do ar pétalas de flores, enquanto se procede á bênção do Santíssimo, que será conduzido para a igreja dos Jerónimos.

Assistem o cardeal-patriarca de Lisboa e a maioria dos bispos que se encontram na capital. Durante o festival foram vendidas pequenas bandeiras comemorativas.

Baptismo do ar sobre a estatua do Cristo-Rei

Aproveitando a inauguração da estátua monumental de Cristo-Rei, no alto do Pragal, a TAP resolveu efectuar voos turísticos, com a duração de 45 minutos, que sirvam ao mesmo tempo de propaganda da aviação comercial.

A iniciativa tem já o êxito assegurado, pois que o numero de inscrições ultrapassou todas as expectativas. A partir das 9 horas de amanhã, dois aparelhos quadrimotores «DC-4» levantarão voo, sucessivamente, com um total de mil pessoas, a grande maioria das quais realizam o seu baptismo aéreo e a quem a TAP passará diplomas de baptismo do ar que lhes serão entregues posteriormente.

O voo abrange a Lisboa Nova, o estuário do Tejo, a outra margem e a estátua do Cristo-Rei e os arrabaldes saloios.

Efectuam-se 22 voos, com 44 pessoas cada um.

Voo com a Imprensa

Esta manhã, um avião «DC-4» realizou um voo turístico, com representantes da Imprensa e da Rádio, para o qual descolou ás 11 e 30, do aeroporto da Portela, seguindo sobre o Lumiar e Odivelas até alturas da Ericeira. Voltando para Sul, e sempre junto á costa, passou sobre as Azenhas do Mar, Praia das Maçãs, Sintra, Cabo da Roca e Guincho. Mesmo sobre a fimbria do mar acompanhou a costa desde a quinta da Marinha até S. Julião da Barra e depois foi á mata da Caparica Lagoa de Albufeira, Sesimbra, Arrábida, Outão e Setubal. Vindo a Palmela, voltou a Setubal e fez o mesmo percurso até á Costa da Caparica e Almada. Ladeando a estátua do Cristo-Rei veio a Lisboa, para sobrevoar novamente Almada e o Alfeite.

Iluminação do monumento a Cristo-Rei

O projecto de iluminação do Monumento a Cristo-Rei foi estudado pela Philips, que forneceu o material para a respectiva instalação.

TRAFARIA

Todos os domingos partidas do CAIS DO SODRE de hora a hora, das 7.30 ás 17.30

ASPIRINA BAYER

O Dia de Portugal

será comemorado pela Mocidade Portuguesa

A exemplo dos anos anteriores e organizado pela Delegação Distrital de Lisboa, da Mocidade Portuguesa, vai ser condignamente comemorado o «Dia de Portugal», cujo programa causou muito interesse não só nos filiados como nas suas famílias.

No Estádio Nacional e nos terrenos anexos, nos dias 6 a 10 de Junho, efectuar-se-ão várias demonstrações de actividades nas quais está integrado um grande acampamento nacional, um festival náutico e demonstrações de várias modalidades desportivas, em colaboração com a Mocidade Portuguesa Feminina, que apresentará danças regionais na tarde do dia 10.

No decurso do acampamento serão disputados os campeonatos nacionais da M. P.

No acampamento tomarão parte 1.500 filiados pertencentes a todas as divisões distritais do País. Do seu programa consta uma missa campal, um espectáculo nos Jerónimos ou no Estádio, distribuição de prémios e trofeus, inauguração do busto de Carneiro Pacheco, o fundador da Organização, homenagem a Camões, no Largo de Camões, vigilia junto do monumento de Cristo-Rei, visitas ao acampamento, práticas desportivas, etc.

Foram presos dois gatunos

que praticaram vários furtos

A Polícia Judiciária enviou ao Tribunal da Boa-Hora um processo no qual são arguidos Armando Borges da Silva o «Tacho», e António Cerqueira, mais conhecido pelo «Perpétua», de terem assaltado um estabelecimento comercial.

Submetido a interrogatório, o «Tacho», acabado de sair da cadeia do Limoeiro, onde cumprira uma pena a que fora condenado, confessou que, na companhia do Cerqueira, entrara, por meio de chave falsa, numa oficina, situada na Rua Serpa Pinto. Dali roubaram uma máquina de escrever, um aparelho de telefonia, portátil, e uma camisola de lã, que o «Tacho», logo na manhã do furto, foi empenhar, vendendo, em seguida, as respectivas cautelas. A Polícia apreendeu aqueles objectos, que foram entregues ao queixoso.

Na mesma casa de penhores empenharam, ainda, em nome do Armando Borges da Silva, outra máquina de escrever e outro aparelho de telefonia, portátil, cujos proprietários ainda não foram identificados.

Pequenas notícias

PELA POLÍCIA

AUTOMÓVEL ROUBADO — A Polícia Judiciária está a proceder a diligências para localizar um automóvel, da marca «Anglia», com a matrícula IC—21-24, de cor verde e duas portas, que foi roubado na noite de 6 do corrente na Rua D. João V.

PELOS HOSPITAIS

CAIU DE UM ELECTRICO — Caiu de um eléctrico em andamento, na Calçada de Santa Apolónia, Ana de Jesus Felício Martins, de 32 anos, cuja morada se ignora e que levava nos braços seu filho, Vítor Manuel, de 8 meses. Recolheram á sala de observações, onde se verificou que ela tinha ficado ferida na cabeça e o filho nada sofrera.

COLHIDA POR UM AUTOMÓVEL — A serviçal Rosa Fernandes, de 18 anos, foi colhida por um automóvel na Avenida da Republica. Ficou ferida na cabeça.

Pierre-Maxime Schuhl

A convite da Alliance Française deve chegar hoje a Lisboa, vindo de França, o prof. Pierre-Maxime Schuhl, grande especialista da filosofia antiga e autor de valiosas obras. O prof. Pierre-Maxime Schuhl, que é catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Paris e director da «Revue Philosophique», ficará entre nós até ao fim do mês e fará várias conferências em Lisboa, Porto, Braga, Viana do Castelo e Faro.

A greve na Argentina não foi total

e Frondizi não se dispõe a ceder às reclamações operárias

BUENOS AIRES, 16 — Segundo informações não confirmadas, foram ontem efectuadas 40 prisões em resultado da greve. Contudo, as forças da ordem não foram por assim dizer chamadas a intervir e, quando o foram, fizeram-no discretamente.

Vários observadores perguntam se realmente os resultados obtidos estão á altura das esperanças que os dirigentes sindicais tinham posto no movimento. Efectivamente, o presidente Frondizi não pareceu disposto a ceder ás reclamações operárias, visto tentarem atenuar os efeitos do plano de austeridade. E era este justamente o objectivo principal dos sindicatos grevistas.

Nestas condições—segundo a opinião dum alto funcionário — o movimento foi dum efeito bastante limitado e que de nada serviu.—(France Presse).

Incidentes na província

BUENOS AIRES, 16.—A greve geral decretada pelos sindicatos peronistas e comunistas não conseguiu perturbar a vida normal desta cidade, embora algumas fábricas dos suburbios industriais ao Sul e a Oeste tivessem paralisado a actividade. Os transportes funcionaram normalmente, os jornais publicaram-se como nos outros dias e noventa por cento dos estabelecimentos e outras empresas comerciais estiveram abertos. Constituiram excepção alguns armazéns, «cafés», «bars» e restaurantes mais importantes. Os quiosques, encerrados em greves anteriores, trabalharam ontem, bem como os cinemas.

No entanto, registaram-se actos de violência em alguns pontos da província, em consequência da paralisação do trabalho. Em La Plata, a Polícia surpreendeu dois empregados do Banco de la Província no momento em que colocavam bombas no edifício. Na mesma cidade, cinco homens incendiaram um carro eléctrico, destruindo-o parcialmente. Uma bomba danificou o caminho de ferro de Belgrano, próximo de Munro. Em Tres Arroyos, cinco empregados bancários foram detidos quando lançavam bombas contra o Banco de la Província. Em Mendoza, um armazém sofreu grande Estado para a Industria e as Na mesma cidade, quatro homens embuçados e armados forçaram os passageiros de um autocarro a descerem e incendiaram o veículo. Noutro incidente semelhante, o motorista conseguiu extinguir o fogo depois do ataque de um grupo de homens armados.—(A. N. I.).

Frondizi nomeou quatro ministros

BUENOS AIRES, 16.—O actual embaixador da Argentina em Montevideu, Diógenes Taborda, é o novo ministro dos Negócios Estrangeiros argentino.

Três novos secretários de Estado foram também nomeados pelo presidente Frondizi: Cesar Bunge, para as Finanças; Mariano Apelani, para o Comércio; e Alberto Constantini, para os Transportes.

Alberto Medin, actual secretário tério do Interior informa que nos Minas, sobraça interinamente a pasta da Agricultura.—(F. P.).

Centros comunistas encerrados

BUENOS AIRES, 16.—O Ministério do Interior informa qeu nos ultimos dez dias a Polícia encerrou cinquenta centros comunistas em todo o país. Acrescenta que em rusgas efectuadas ontem, á noite, em Mendoza, Baía Blanca e noutras cidades argentinas, foram presos elementos comunistas. — (A. N. I.).

OS CIVIS CUBANOS criminosos de guerra passam a ser julgados

pelos tribunais comuns

HAVANA, 16. — Por ordem do presidente Fidel Castro, os civis cubanos, acusados de crimes de guerra, deixarão de ser julgados por tribunais militares, como até agora, passando a responder nos tribunais de direito comum.

O dr. Joaquim Martinez Saenz, antigo presidente do Banco Nacional de Cuba, e Ernesto de la Fé, antigo membro do Governo Baptista e um dos principais adversários do comunismo, serão os primeiros civis a ser transferidos para a jurisdição dos tribunais de direito comum.—(F. P.).

OS TIBETANOS não querem continuar a combater

TEZPUR, 16 — Chegou ontem a Foothills, um novo grupo de refugiados tibetanos, composto de 100 pessoas, entre as quais se encontrava Tutin Chotuk, governador civil da província de Lhoka, e um monge de Potala, Tuttin Suchin, com 70 anos.

«Nós não temos armas — declarou Chotuk — somos um país religioso e não queremos combater mais. Assim, resolvemos sair do Tibet». O lama Tuttin Suchin, de longa barba e veste cor de laranja, disse: «Os bombardeamentos e tiroteio foram tais, que não pudemos mantermo-nos por mais tempo. Fugi de Potala em pleno bombardeamento». — (F. P.).

Os Khampas também abandonam a luta

NOVA DELHI, 16 — Segundo o correspondente do jornal «Times of India», que cita refugiados khampas, estes parecem dispostos a abandonar a luta contra as tropas chinesas.

Um dos guerreiros khampas que relata estes factos, revelou que dias depois da passagem do Dalai Lama para a União Indiana, os chefes do seu grupo tinham decidido ser inutil prosseguir na luta, devido á forte pressão chinesa, e que mais de mil khampas passaram para a India em busca de asilo.

O correspondente acrescenta que muitos tibetanos continuam, no entanto, a lutar, apesar das pesadas baixas que sofrem. — (F. P.).

LINDAS CACHEMIRAS E IMITAÇÕES.

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

TECIDO ALVINIZ

Largo do Carmo

Seja esperta!
Ninguém precisa de saber que o seu vestido novo é do ano passado!
Modifique-o e tinja-o, avive-lhe a cor, em casa, com as famosas tintas RAPOSA, a marca almã que domina em todo o Mundo há mais de 60 anos. As tintas RAPOSA para tingir em casa estão à venda em todas as drogarias.

De ontem para hoje

PORTUGAL CRISTÃO

NO Pavilhão dos Desportos estiveram ontem reunidas milhares de pessoas, para assistirem à sessão cultural integrada nas festas de inauguração do monumento a Cristo-Rei. Ali se encontrava todo o episcopado português da Metrópole e do Ultramar e a entrada do cardeal-patriarca de Lisboa foi saudada com uma entusiástica ovação bem significativa dos sentimentos católicos daquele sector largamente representativo do povo português. Manifestação católica e nada mais, pois não o pretendeu nem poderia ou deveria sê-lo, a noite de ontem, àparte a conferência do dr. Cid Proença, que lhe deu uma nota de retórica doutrinária, foi um momento-síntese do Portugal cristão, ecuménico e evangelizador. Terminou a reunião com a representação do auto de mons. Moreira das Neves «Cristo sobre o Tejo», após o concerto de música coral e sinfónica, de grande beleza, dirigido pelo maestro Frederico de Freitas.

FEIXE DE NOTÍCIAS

DE entre os desastres de viação que todos os dias se registam são particularmente aflitivos e inquietantes — sobretudo quando o seu número se avoluma — aqueles de que são vítimas as crianças. Despreocupadas, irrequietas, imprudentes, elas estão naturalmente expostas a mil perigos, contra os quais há que acautelá-las. Dois casos dramáticos assinalaram o dia de ontem. Um menino de 7 anos, André Vieira Amante, foi colhido mortalmente por uma camioneta, na aldeia de S. Lourenço (Grandola), quando tentava atravessar a estrada. Nas mesmas circunstâncias encontrou a morte, quando corria ao encontro de seu pai, no lugar da Estrada Nova (Esmoriz), a pequenita Carminda da Silva Ramos, de 6 anos. Só que não foi uma camioneta a atropelá-la, mas um automóvel. Idênticas as lágrimas de dor e desesperação das famílias tão cruelmente feridas. É uma conclusão a tirar, mais uma vez: a necessidade de reforçar a protecção ás crianças nas vias publicas!

*** Mais um caso doloroso e repugnante — e quanta tragédia ainda por detrás — de que é heroína, heroína morta, uma criança, uma recém-nascida, cujo cadáver, recolhido por uns pescadores, apareceu no Rio Mondego, onde, segundo todas as probabilidades, fora recentemente lançada. Drama da miséria de desvario, do destino? ..**

*** Dia malsinado o de ontem para os motociclistas. Na freguesia de Afife, terra de bailados e descantes, bela como as mais belas, risonha como as mais risonhas, pelo menos em poemas, amanheceu a desgraça quando o lavrador Manuel Moscoso foi com a sua motocicleta contra um marco da estrada. Projectado a três metros, não tardou a expirar, a cabeça desfeita, enquanto o sol subia no horizonte de um quente e perfumado dia de Maio. Irónica, a paisagem não se comove com os padecimentos humanos.**

JORNAL PEQUENO

ESTIVERAM no Palácio de Belém, a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado, o ministro das Obras Públicas; comandante-geral e 2.º comandante da G. N. R.; dr. José Coelho de Almeida Cota; major do C. E. M. Filipe de Barros Rodrigues; engs. João Ribeiro Fráguas e Abel António Tavares da Silva; arquitecto Artur Manuel Bentes e escultor Raúl Xavier. * O ministro da Defesa visitou o Campo de Tiro de Alcochete, onde foi recebido pelos respectivos dirigentes e em cuja messe almoçou. * Numa longa viagem pelo Alentejo, o subsecretário da Agricultura visitou o perímetro florestal de Mértola e respectivo viveiro, e os viveiros de Cabeça Gorda, Salvado Neves e Herdade da Contenda (pertence á Câmara de Moura e as fábricas da Nodar, em Moura. * Na quinta do Anjo (Boa Fé, perto de Évora) apareceu morto, sob os ramos de uma árvore, o jornaleiro Jose Joaquim Neto, de 75 anos, concluindo as autoridades que não houve crime. * Num poço, a boiar, apareceu o cadáver de José Joaquim Esteves da Rocha (56 anos, Casais de Cima, Maiorca). * Foi mortalmente colhido pelo comboio o operário António de Sousa Valente (solteiro, de 24 anos) natural de Baião. Trabalhava na ponte de Canelas (Estarreja).

VIDA SOCIAL

DIPLOMATAS

Partiu, de avião, para Copenhague, onde vai submeter-se a tratamento o sr. Frantz Christoffer Boeck, embaixador da Dinamarca em Lisboa.

ANTÓNIO FRANCISCO DE SOUSA

Para assistir ás festas do monumento a Cristo-Rei, encontra-se em Lisboa o sr. António Francisco de Sousa, vereador do Município de Vila Nova de Gaia.

Encerra-se amanhã

na Faculdade de Letras a exposição José Júlio

Na Faculdade de Letras encerra-se amanhã a exposição de pintura de José Julio que tem despertado o mais vivo interesse nos meios universitários. A obra deste artista, a sua evolução, temática e técnica, são plenamente reveladas neste certame que reune telas desde as da primeira fase do pintor até ás mais recentes. A exposição está aberta amanhã, das 14 ás 18 horas.

O MOVIMENTO

do porto de Lisboa

Segundo o último boletim mensal do Porto de Lisboa, entraram neste, no passado mês de Março, 418 navios, abstraindo os da pesca costeira, com a arqueação bruta total de 1.547.323 toneladas, tráfico este superior ao do mês anterior, de 1.257.359 toneladas.

A movimentação de mercadorias no porto em Março foi também superior á do anterior mês de Fevereiro, pois atingiu o total de 425.199 toneladas, das quais 268.892 desembarcadas e 156.307 embarcadas, contra 404.166 em Fevereiro.

O movimento de passageiros por via marítima, em Março, foi de 27.072, sendo 8.365 embarcados, 5.437 desembarcados e 13.270 em transito, contra o total de 16.078 em Fevereiro.

A receita corrente do porto foi, em Março, superior á 9.500 contos, mais que a do anterior mês de Fevereiro, de 7.300 contos.

A situação de contas mostra, por sua vez, a necessária normalidade, pela cobertura da despesa pela receita.

Em Coimbra

prosseguiram alegremente os festejos académicos da «Queima das Fitas»

COIMBRA, 16 (Pelo telefone) — A cidade vive horas de grande entusiasmo e esfuziante alegria com as festas académicas da «Queima das Fitas», que, este ano atingem desusado brilho e aqui atraíram enorme multidão de forasteiros, notando-se a presença de inumeros estrangeiros atraídos pela fama e as tradições dos festejos. Por toda a parte é o mesmo ambiente festivo e risonho, em que ressaltam a graça, o espírito e a ruidosa alegria dos estudantes.

Velhos estudantes vieram reviver os tempos da mocidade e matar saudades, confraternizando com os escolares, entregues a toda a sorte de folguedos. Vieram também celebrar a reunião do seu curso de 1926-1930 os licenciados em Farmácia, que observam as tradicionais cerimónias e os usos da praxe.

Entre os vários numeros e atracções do notável programa das festas da «Queima das Fitas», salientam-se, hoje, as realizações artísticas e culturais, a «Tarde de Arte», que atraiu ao Teatro Avenida, numerosa e distinta assistência.

No magnífico espectáculo colaboram o Teatro dos Estudantes, a pianista Angeles Presutto da Gama e os *ballets* dirigidos por Margarida de Abreu.

No final serão distribuidos os prémios aos classificados na Exposição de Artes Plásticas. Nos jogos florais as classificações foram as seguintes:

Poesia — 1.º prémio, «Cinco poemas líricos», de Fernando Manuel de Abreu Lima; 2.º prémio, «Sonho inícuo», de Eduino Moreira de Jesus.

Menção honrosa — José Afonso dos Santos.

Conto — 1.º prémio, «Um poeta na noite», de António José Simões Neto.

Menção honrosa — Maria Madalena Teles Marques.

Ensaio literário — 2.º prémio, «Em torno da Laotse», por Fernando Manuel de Abreu Lima.

Não foram atribuidos prémios de teatro, ensaio ultramarino, e ensaio de tema universitário.

No Parque Dr. Manuel Braga celebra-se a «Noite de Letras», em que tomam parte categorizados artistas da Rádio e da TV.

No ginásio do Liceu D. João III efectua-se o «Baile das Faculdades», o maior e o mais notável de quantos se organizam em Portugal, com a colaboração de afamadas orquestras, do trompetista americano Bil Coleman, que vem expressamente de Paris, de Almeida Cruz e a açoriana Teófilo Frazão.

Amanhã é o dia da garraiada na Figueira da Foz, para onde haverá comboios especiais; e, na segunda-feira, «Dia do Quintanista», destinado a obras de beneficência, os *doutores* farão a venda da pasta, a favor do Asilo da Infancia Desvalida, que é obra do prof. dr. Elísio de Moura e *verbena* no Jardim Botanico.

O festival de aviação

O festival de aviação teve êxito invulgar. A despeito do campo do Bolão estar a uns 3 quilómetros da cidade atraiu muitos milhares de pessoas.

Assistiu o comandante da 2.ª Região Militar, general Portugal da Silveira. Foram executados os numeros do variado programa, alguns deles bem arrojados, que o publico sublinhou com fartos aplausos.

Adeus a Somerset Maugham

(Continuação da 1.ª página)

pirito criador, a sua imaginação ou a sua emoção. Apenas por que assim o quer, assim o decidiu voluntariamente. A' entrada do livro, que se intitula «Pontos de vista» o respectivo editor declara: — «O senhor Maugham afirma que este livro será o ultimo que publica; e, sabido que ele costuma cumprir o que afirma, pode crer-se que, de facto, diz adeus ao leitor e terminará as relações que principiaram com este há sessenta anos».

Leitor antigo de Maugham, e, para mais, tendo tido a boa fortuna de conhecê-lo pessoalmente, quero corresponder, embora ele decerto não o venha sequer a suspeitar, ao seu adeus, enviando-lhe daqui também o meu. Aliás, foi Joaquim Manso quem, no gabinete directorial do «Diário de Lisboa», me apresentou o autor célebre da «Servidão humana». Depois fomos almoçar ao Guincho, e, acabado o almoço, regressámos a Lisboa pela Serra de Sintra. O acaso protegia-me naquele dia, e aconteceu-me a boa sorte de, no próprio automóvel de Maugham, fazer esse belo trajecto de uma hora, ouvindo as impressões e observações vivas, pitorescas e sagacissimas do meu companheiro. O grande intérprete de almas e de factos, que num estilo claro e singelo, sem retorica balofa, traduziu sempre a sua visão da paisagem, a sua psicologia dos homens e dos povos, e a sua lucida compreensão dos ambientes, deslumbrou-me naquela conversa, inesquecivel para mim. E isto sem nenhuma espécie de pedantismo, sem tentar impor as suas opiniões de verdadeiro mestre literário, e, interrogando-o uma vez por outra, sobre a sua arte e o seu critério da existência, explicando-me sempre na melhor disposição o seu critério de romancista e de contista, e o seu permanente desejo de prender a atenção de quantos o liam. Já tem sido criticado, por alguns apaixonados cultores da obscuridade que a todo o passo é hoje de uso excessivo e mesmo vulgar, já têm sido, repito, criticadas e censuradas, a sobriedade e a clareza da obra de Maugham. Mas confesse-se que elas são um dos maiores encantos dessa vastissima obra, e que em nada a prejudicam. Não excluem profundidade de pensamento, nem delicadeza de sentir. Pelo contrário, realçam-nas. Virtude a atitude dum génio que pretende que o entendam e não só que o adivinhem. O estilo de Maugham e limpido e comunicativo, por muito que o neguem. Não o comparo a Balzac, que, a meu ver, ninguém ainda suplantou até agora no romance. Mas não se olvide que o próprio Balzac levou longo tempo a ser considerado e aceite como escritor e estilista de raro vigor, de construtor de beleza formal, e de prosa pura, nobre e de incomparável poder sugestivo. Maugham receberá um dia tal homenagem da apreciação alheia. E os pseudo-requintados do momento actual, se viverem então, hão-de compreender que ele ofereceu ao futuro a imagem exacta da gente do nosso tempo e das suas acções e reacções em face dos acontecimentos que defrontaram.

Mais uma vez encontrei Maugham: — no Instituto Britanico, onde lhe ofereceram uma festa. Mas guardei, para sempre, a vivida e salutar saudade da sua presença cativante, como guardo e resguardo a boa recordação da máxima parte dos seus livros, cuja leitura me deliciou. Eis porque lhe venho dizer este comovido «adeus», embora longe de acreditar que ele não o ignorará entre o coro de louvores justos e sinceros que o rodeiam, no instante decisivo do seu consciente e voluntário exílio da literatura mundial, em que foi um glorioso triunfador.— J. de B.

Embarcou na Madeira

clandestinamente com destino a Lisboa

A ansia de melhores dias, em terra estranha, obrigou um Madeirense a embarcar clandestinamente, no Funchal, no paquete «Carvalho Araujo», que chegou hoje a Lisboa, vindo da Madeira e dos Açores, com 165 passageiros. Chama-se Marcelo Rodrigues, tem 24 anos de idade, e não tem profissão oficial, embora afirme que se emprega em trabalhos de pedreiro. Tendo embarcado sem dificuldade, durante a viagem foi servido no salão das refeições, tal como qualquer outra pessoa, pois os criados supunham-no passageiro. Não tinha acomodações para dormir, mas fazia a vida que faziam outros passageiros, igualmente sem alojamento; e, assim, chegou a Lisboa, sem que alguém tivesse dado pela sua presença ilegal. Quando o navio atracou, dispôs-se a desembarcar, e só por falta de serenidade, ou por pressa, não o conseguiu, pois já estava no portaló do navio, quando um agente da Polícia Internacional lhe perguntou se era passageiro ou tripulante. Não teve coragem de mentir e declarou em que condições havia viajado, repetindo a narrativa na Polícia Marítima, para onde foi conduzido.

Bolseiros da Gulbenkian

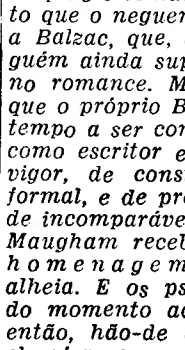
em Paris expõem em Lisboa

Inaugura-se dentro em breve em Lisboa, na sala do primeiro andar da Sociedade Nacional de Belas Artes, uma exposição, que constitui um importante acontecimento artístico e cultural, pois se trata das obras produzidas por artistas — os pintores Celestino Alves e Navarro Hogan e os escultores Vasco da Conceição e Maria Barreira — que fizeram um estágio em Paris como bolseiros da Fundação Gulbenkian em 1958.

As obras destes artistas, a cuja inauguração o próprio dr. Azeredo Perdigão, presidente do conselho de administração da Fundação Gulbenkian, assistirá no próximo dia 23, ás 16 horas, são naturalmente o reflexo da sua estada em Paris, de onde um acréscimo de interesse para esses resultados.

A P. S. P. de Leiria

procura um cadastrado



José de Sousa Sobral

LEIRIA, 16. — O comando da P. S. P. desta cidade, pediu a todas as autoridades do País a captura de José de Sousa Sobral, de 25 anos, solteiro, natural de Lisboa, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, ex-recluso da Prisão-Escola desta cidade, implicado no assalto á firma Auto-Leiria, Ld.ª, com sede na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, na noite de 29 para 30 de Abril findo, como então noticiámos, de onde foram furtados quatro cheques sobre o Banco Nacional Ultramarino, no valor de 435.632$00, 3.350$00 em dinheiro, 80$00 em selos fiscais, uma telefonia no valor de 1.490$00 e ainda outros valores.

O HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
GIANNA QUINTI
VEDETA DA CANÇÃO ITALIANA
DOMINGO: — Matinée com todas as atracções. Chá completo, 25$00
(Maiores de 17 anos)

Tágide
Gil Bernard
The Jitter's Stars
Rosita Pomares
Helena Tavares
(Maiores de 17 anos)
Palm Beach

TEM DORES, PORQUE NÃO TEM...
CORYPHEDRINE
CARTEIRAS DE 1 COMPRIMIDO: $50. TUBO DE 20 COMPRIMIDOS: 9$50

TEATROS E CINEMAS

No RITZ CLUB
uma sensacional novidade
GULMAR y ANA ELSA
que o publico consagrou com louco entusiasmo

A noite de ontem, no Ritz Club, ficou assinalada por um grande acontecimento: a estreia da extraordinária parelha «Gulmar y Ana Elsa», que logrou conquistar, passo a passo, um lugar de honra nos domínios do espectáculo sobre a ciência ocultista. Expressamente contratada pelo activo empresário do mesmo «dancing», sr. António Araújo, que está sempre a par da repercussão triunfal das maiores novidades artísticas e envida todos os esforços, sem olhar a pesados sacrifícios, para apresentar tudo quanto de inédito pode provocar sensação e merecer os mais calorosos aplausos do publico, a notável atracção «Gulmar y Ana Elsa» manteve a assistência maravilhada e, por vezes, suspensa, com a perfeição dos seus trabalhos sobre telepatia, ilusionismo e astrologia. Em realidade, nunca se exibiu, em Lisboa, uma parelha de tão excepcional classe no seu género. O louco entusiasmo com que o publico sublinhou a actuação dos dois brilhantes artistas não deixou dúvidas sobre o facto de reconhecer estar em presença da revelação de muitos problemas científicos que esclarecem as comunicações mentais. O que anos atrás se julgava impossível de compreender, resulta numa clarividente realidade através da ciência do professor Gulmar. Famoso membro da Federação Americana de Astrólogos Científicos, conferente dos mais brilhantes e profundo analista das tendências que mais influem na formação psiquica e mental de cada indivíduo, o notável mestre Gulmar fascinou o publico pela facilidade e clareza de compreensão dos muitos enigmas que envolvem a personalidade humana. Nascido em Santiago de Cuba, onse se consagrou, desde criança, ao estudo das forças ocultas que comandam as vibrações mentais e as dirigem no campo de telepatia, o insigne astrólogo dedicou-se ao teatro ao contrair núpcias com Ana Elsa, que se converteu em sua companheira de estudo e de trabalho. Ambos maravilharam, com a sua arte-ciência, as plateias de vinte e um países, revelando-lhes, ao mesmo tempo, que na magia do teatro existe alguma coisa mais transcendente a envolver os truques da ilusão. Devido a tão sensacional novidade, o empresário do Ritz Club, sr. António Araújo, foi muito felicitado, pela arrojada iniciativa de apresentar uma atracção precedida de grande fama. O publico está, também, de parabens pelo ensejo de admirar, ainda, Ana Elsa, em algumas canções de folclore cubano, nas quais evidencia um temperamento artístico que lhe valeu ser contratada para intervir no desempenho dos filmes «Príncipe de Contrabando», «Hotel para Raparigas» e «Anjo caido».

Uma Feira Popular
em benefício dos Inválidos do Volante

De Junho a Setembro, vai realizar-se a Feira Popular dos Inválidos do Volante, a favor da Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses.

A Camara Municipal de Lisboa autoriza a utilização do terreno municipal existente na zona de Campolide, com acesso pelo n.º 38 da rua deste nome, onde existiu o campo de futebol «Aliança».

A iniciativa teve, também, o melhor acolhimento por parte dos moradores locais e todas as facilidades concedidas pelo Ministério do Interior, Governo Militar de Lisboa, Governo Civil e Polícia de Segurança Publica, que assim colaboram na obra social de amparo e protecção ao inválido do volante.

Os interessados têm ás suas ordens elementos de informação na secretaria da Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses, todos os dias uteis, das 15 ás 19 horas, na Rua Nova de São Mamede, 72-r/c., ou no local respectivo, Rua de Campolide, 38, das 9 ás 12 e las 14 ás 20.

A ópera portuguesa «Mérope», em S. Carlos

Chegou a vez de ser apresentado em S. Carlos o original de Joly Braga Santos, em que se falava há bastante tempo. Foi um acontecimento que não desiludiu ninguém, — cremos — a começar por nós; e o ainda hoje fiel discípulo de Luís de Freitas Branco (no princípio como aprendiz de compositor, então e sempre pela orientação de espírito e correspondente cultura) pôde saborear um êxito de viva simpatia e apreço, mais significativo porventura do que as recepções entusiásticas que a sua musica sinfónica já conheceu.

Antes de falar da musica e do desempenho, falemos do teatro. Era coerente, com as tendências desde sempre manifestadas por Joly Braga Santos e fortalecidas pelo seu mestre, que iniciasse a sua carreira operatica sobre um tema teatral do alto classicismo da antiguidade. Para melhor estímulo, encontrou um tema já tratado em português, precisamente esta «Mérope», por um escritor de primeira grandeza, o visconde de Almeida Garrett, que apesar de contar apenas 18 anos quando deu realização a este sonho da sua adolescência, soube conservar a sua envergadura dramática através duma linguagem comovedora não só para a protagonista mas também para todas as personagens da tragédia. Á leitura, podemos queixar-nos da rapidez com que as situações se transformam, principalmente nos dois momentos capitais da peça,— quando *Mérope* reconhece o seu filho, *Egisto*, e quando este, no desfecho da tragédia, assassina *Polifonte*. Mas cremos que na representação, é possível dar o efeito desses dois lances, (recordamo-nos, por exemplo, da comunicativa estupefacção de *Orfeu* quando *Euridice* cai, morta). O facto é que a versão operática de *Mérope* não corrige esse defeito que nos assaltou na leitura, pelo contrário agrava-o, privando-se de elementos capitais de edificação e acção.

Falou Joly Braga Santos também, e falaram por ele, do carácter português que a língua deve provocar na musica. Há tanto tempo que somos dessa opinião! Mas não vemos muito que tal aconteça na *Mérope*, não vemos, ainda sobretudo, que as características de euforia e de colorido contidas na língua sejam velouzadas; constatamos, sim — e já é bem importante — que a prosódia é muito cuidada, embora não justificados certos arroubos de ritmo, e demasiadamente triviais alguns «parlandos». Dum modo geral, os recitativos e suas três modalidades essenciais, quer para o compositor quer para o intérprete, são dos pormenores que mais contribuem para o estilo e sua exactidão. A própria partitura de Joly Braga Santos é que tem carácter português, pelo que se exala da contextura dos temas, alguns dum leve orientalismo; e na qualidade do seu sinfonismo tira uma grande parte da sua eficiência. As passagens um pouco mais complicadas, alternando com outros efeitos fáceis, que o facto ás situações. E nenhuma das nais não anula, correspondem de facto á isstuações. E nenhuma das personagens é maltratada, vocalmente. Para o papel de «Mérope», seria preciso outro tipo de voz e outro estilo de representação do que no-los pode dar Natália Viana, a quem, no entanto, não faltam recursos vocais e gentileza, admirados tantas vezes; as passagens que se relacionam com a mãe e o filho são as mais veementes e foram das mais bem sucedidas, contracenando com Natália Viana, Armando Guerreiro, em «Egisto», com um encanto de timbre e uma desenvoltura de técnica que são enormes vantagens. A bela voz de Hugo Casais, industriada numa robusta escola que se confirma de dia a dia, propaga-se sem esforço pela grande sala; e Hugo Casais também se esforça por compenetrar-se do seu papel, mas a sua indumentária é das mais prejudicadas pelas condições a que obedeceram todos os pormenores de um guarda roupa, que, no geral, faiscou dum luxo baralhado. (Claro, nem nos atreviamos a pensar que teriamos assim sem mais nem menos um espectáculo helénico). Álvaro Malta, no Sumo Sacerdote, satisfaz igualmente, com uma propriedade de timbre e um domínio da arte de cantar que devem poder adquirir mais plenitude e mais vigor de expressão neste mesmo papel, a avaliar, entre outras provas, pelo admirável *D. Basílio* que nos desenhou no *Barbeiro de Sevilha*. Luís França, em *Polidoro*, tem algumas responsabilidades, em que se defende com uma voz cada vez mais macia. Belo escol para uma companhia portuguesa, em que não é menor trunfo o esmero na pronuncia da língua, em que todos se empenham, figurando em primeiro lugar Hugo Casais e Álvaro Malta. (E os cantores estrangeiros de categoria são os primeiros a ensinar-nos, por vezes, que o pronunciar claramente pode ser preterido por outras exigências da execução vocal).

Um luxo verdadeiro da partitura, é o trabalho coral. Logo no preludio, um coro masculino se anuncia com magnitude de expressão. A entrada da 1.ª cena é para o coro ampliado, com efeitos de contraste de agrado sempre certo, e uma escrita invulgarmente brilhante sem ser pesada. Nas ultimas cenas da ópera, sem irmos ao ponto de pedir ao coro uma transformação psicológica provocada pelo assassinio de Polifonte, o grandioso fôlego do conjunto e da sua execução desencadeou a definitiva consagração do publico ao trabalho honesto e brilhante do compositor, aqui secundado por Pellegrini e sua confirmadíssima competência.

Nesse acto final, a colocação geométrica dos elementos de cena e a iluminação contribuiram para o impressionante efeito. Contudo, a colaboração de Eurico Lisboa, (Filho), no aspecto teatral, não resultou para nós suficientemente nítida. E o que faltou em sobriedade á montagem cénica da obra, teve-o em excesso o cenário unico imaginado e executado por Furiga. Composição dura, sem a mínima sugestão decorativa complementar, mas de linhas bem lançadas sem o aspecto desolador de paredes de papelão.

Por hoje, temos de terminar, aflorando apenas a animada e entendida direcção que o autor pôde dar á sua partitura, com a Sinfónica Nacional no seu habitual recinto. E' muito natural porém, que nos seja necessário voltar a falar da *Mérope*. Mas, embora sem aderir totalmente ás afirmações feitas de que se partiu inteiramente do nada para a edificação desta obra, e sem considerá-la, em si, uma demonstração definitiva, não deixamos de saudar em Joly Braga Santos um valoroso pioneiro da arte operática portuguesa.

FRANCINE BENOIT

Atrás do reposteiro

Esta época não subirá á cena, no Teatro Experimental do Porto, o original de Bernardo Santareno «O primo da aldeia velha».

— Na próxima semana, começam os ensaios do reportório da companhia de revistas que o empresário Giuseppe Bastos vai levar a Africa.

— A revista «Encosta a cabecinha e chora», estará em cena no Teatro Maria Vitória até ao dia 24 do corrente.

— A revista em ensaios no Teatro ABC só será estreada na próxima semana.

— Foi adiada para depois de amanhã a estreia no Teatro Avenida, da peça «Fachada».

— Ainda no corrente mês, o T. N. P. representará, em algumas cidades da Provincia, a peça «A' espera de Godot».

— E' hoje que, na sede do Andorinha Futebol Clube se realiza um festival artistico em que tomam parte Anita Guerreiro e Artur Ribeiro.

— Continuam as negociações para se organizar duas companhias, uma de comédias e outra de revistas, para actuar nos teatros Avenida e Variedades, respectivamente.

— O actor Camilo de Oliveira foi novamente convidado para fazer parte da companhia de revistas que vai fazer uma digressão a Africa.

No Teatro ABC
vai estrear-se «Mulheres à vista !»

Raul Solnado

No Teatro A B C, ultimam-se os preparativos para a estreia da nova revista de Nelson de Barros e José Viana, «Mulheres á vista!». O guarda-roupa e os cenários estão práticamente concluidos, mas só nos primeiros dias da próxima semana será possível estrear a revista. Tudo parece conjugar-se para que a estreia de «Mulheres á vista!» seja um êxito. Um grupo de vedetas das mais populares, em que se destacam Leónia Mendes, Aida Baptista, José Viana, Raul Solnado e Carlos Coelho; as atracções nacionais Maria de Fátima Bravo, Max e a parelha de bailarinos Yola & Paulo; as «estrelas» internacionais Lina Belmonte e Berta Loran, encarregar-se-ão de interpretar a revista, que conta, ainda, com a colaboração de quatro deliciosas estrelinhas da «Cinecitta» e um friso de modelos, discipulas e «girls».

Teatro infantil
amanhã, à tarde, no Monumental

Amanhã, ás 18 e 30, no Teatro Monumental, apresenta-se novamente o Teatro de Gerifalto, que mantém no cartaz as peças de L. Tieck, «O Gato de Botas», e «Dependurado na Lua», de Fernando Paços. A interpretação destas peças está a cargo de Luís Horta, Maria Albergaria, Fernanda Alves, Rosina Rego, Teresa Cotinelli Telmo, Morais e Castro, Rui Mendes, Elvira Pais, António Anjos, Paulo Rodrigues, Palma Vaz. Todas as crianças até aos 7 anos, quando devidamente acompanhadas, têm entrada gratuita. Os preços são populares, com lugares desde 5$00.

Um espectáculo
do Orfeão Universitário de Lisboa

Na próxima quinta-feira, ás 18 e 30, o Orfeão Universitário de Lisboa promove, no Cinema Império, o seu primeiro sarau cultural, de que fazem parte diversos numeros de folclore e poesia. O espectáculo é para maiores de seis anos.

«Music-hall»
O novo programa do Casino Estoril

O Casino Estoril oferece aos seus habituais frequentadores, desde ontem, um novo programa de «music-hall» que inclui a apresentação de Yves Thomas, cançonetista francês de apreciáveis recursos; Elder Barher, a voz de oiro da Argentina; o grupo de baile de Fernando Lima, que apresentou o pitoresco bailado «Minho»; e a orquestra nacional de Ferrer Trindade.

O programa agradou plenamente e os aplausos da assistência premiaram as actuações dos excelentes artistas.

BREVEMENTE
Maria da Conceição?...

«Olhos negros»
em 5.ª semana, no Avis

O filme «Olhos negros» recebeu agora a consagração do publico lisboeta, ao entrar em quinta semana de exibição no Avis. Precedido pela fama de ter sido escolhido para representar a Alemanha em diversos festivais cinematográficos internacionais, «Olhos negros» estreou-se em Lisboa num ambiente de expectativa, que não foi iludida.

A interpretação do filme foi confiada a Edward Balser, Ivan Desny e Johanna Von Kockzian. A musica e o colorido são belos. Quem apreciava os filmes alemães de antes da guerra não poderá deixar de se sentir encantado. E, para os mais novos, há em «Olhos negros» uma história de amor universal, um conflito trágico até hoje insoluvel, que a todos emociona.

Coliseu
TORNEIO INTERNACIONAL DE LUTA (CATCH)
Hoje, 3.ª Jornada de grande competição com 5 renhidos combates, num dos quais intervem, o Lutador Misterioso. Amanhã, 4.ª jornada

Continua a despertar o mais vivo interesse e entusiasmo em todo o publico, o Torneio Internacional de Luta («Catch») que, com enorme brilho e notável organização se está desenrolando no Coliseu.

Nas jornadas que ontem e anteontem se realizaram viu o publico, nitidamente, a categoria excepcional dos campeões que tomam parte neste torneio e muito especialmente, do Lutador Misterioso, o atleta mascarado que, reservando absoluto incógnito, continua valorosamente a disputar o título máximo da competição, defendendo as cores da nossa cidade de Lisboa.

Hoje realiza-se mais uma jornada, a 3.ª do grande Torneio, com os seguintes combates: Moyan contra Eengoechea, campeão da Europa; J. Mari contra H. Plata, G. Blanches contra Galan; «O Mascarado», contra Echevarria; Catarecha, campeão do Mundo, contra Lambain. Amanhã, 4.ª jornada em que «O Mascarado» defrontará Jean Mari.

Recintos de diversões

Maria da Saudade, Fernanda Maria, Maria Vicente, José Borges, Alfredo Descartes Junior, António Ramos, Luís Arruda, Henrique Ribeiro, o imitador Hernani Fernandes e o nóvel artista Renato Morgado, deram a sua adesão á festa do próximo dia 23, no Grupo Desportivo da Mouraria.

— O violista Alberto Correia, vai fazer parte do elenco, do salão tipico «A Toca», propriedade de Carlos Ramos, que por estes dias é inaugurado.

Reunião de alunos
no Instituto Alemão

Reuniram-se, no Instituto Alemão, os antigos adunos da Escola Alemã, num ambiente de franca camaradagem. O director do Instituto, dr. Manfred Kuder, dirigiu palavras de saudação e algumas das actuais alunas tocaram e cantaram vários numeros de musica. No final foi servido a todos os presentes um «cocktail». Como estes «Encontros» se devem repetir, todos aqueles que não compareceram, e que neles estejam interessados, devem comunicar para o Instituto Alemão o seu nome e morada para poderem ser notificados na próxima reunião.

Restaurante Saloio
Filha da Ti Jaquina
TODOS OS DOMINGOS
ALMOÇOS COM FOLCLORE
DANÇAS E BAILE
OPTIMA COMIDA
(6 ANOS)
CARRICHE
OLIVAL DE BASTO
a 500 metros do Autocarro
Telefone 910082

LUSO
T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
Hoje (até de madrugada) — Extraordinária «Soirée» com uma PARADA DE ARTISTAS, organização do Clube de Foot-ball «Os Unidos».
AMANHÃ — Grandiosa «Matinée» (Adultos, maiores de 17 anos).

ULTIMAS

REPRESENTAÇÕES

H. Madeira

NO TEATRO **MARIA VITORIA**

BIBI
ANTÓNIO BARROSO
MADEIRA
TERESA MIMI
E
PERLA CRISTAL

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»

SALVADOR

APRESENTA

A REVISTA DO POVO!

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

2 sessões ás 20.30 e 22.45 — Adultos — M/17 anos

AMANHÃ ESP.º À TARDE ÀS 16 HORAS

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE, ás 21.30

HOJE E AMANHÃ, ULTIMAS REPRESENTAÇÕES DE UM GRANDE EXITO

SAIAS

DE ALFREDO CORTÊS

com a colaboração do grupo de PAULITEIROS DE MIRANDA

NOTÁVEL INTERPRETAÇÃO

MAIORES 12 ANOS

Na Avenida de Berne (Junto á Embaixada de Espanha)

HOJE «MATINÉE» às 16,30 e à NOITE às 21,45

Para que todos possam admirar o empolgante êxito

— BAGDAD —

A deslumbrante fantasia Oriental com a FAMILIA ARRIOLA, IRMÃOS CAMPOS e as 25 atracções surpreendentes e originais

VENDA DE BILHETES

No Circo a partir das 13 horas; NA BILHETEIRA AMBULANTE (junto ao Teatro Nacional) e nas Agências Autorizadas

«Matinées» ás Quintas e Sábados, pelas 16.30; aos Domingos 2 «Matinées» ás 15 e 18.15

Espectáculos para maiores de 12 anos
«Matinées» para maiores de 6 anos

BREVEMENTE

Maria da Conceição?...

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Segunda-feira, 18 às 21.45 h.

no **AVENIDA**

A «COMPANHIA DO TEATRO DE SEMPRE», subsidiada pelo Fundo de Teatro, apresenta em

estreia o ultimo original português da sua brilhante temporada

FACHADA

3 ACTOS DE LAURA CHAVES

Espec. p.ª Adultos Maiores 17 anos

Interpretado por: SAMWEL DINIS, CARMEN DOLORES, ROGÉRIO PAULO, MADALENA SOTTO, ADELINA CAMPOS, BEATRIZ DE ALMEIDA, HENRIQUE SANTOS, MÁRIO PEREIRA, ALEXANDRE VIEIRA, CONSTANÇA NAVARRO, FERNANDA ALVES, CARMEN DE ALMEIDA, AUSENDA MIRANDA e ALBERTO DE OLIVEIRA

Pasapoga

NOVO ELENCO EXCEPCIONAL

SÁBADOS e DOMINGOS

«Matinées» das 18 ás 20 horas com todo o elenco de atracções

TELEF. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

3 EXTRAORDINÁRIOS ÊXITOS DE SENSAÇÃO — 3 NOTÁVEIS ATRACÇÕES

O CONJUNTO GREGO DE JUSTA FAMA MUNDIAL:

BALLET NIKOLSON

EM MARAVILHOSAS DANÇAS FOLCLÓRICAS

A TRIUNFAL RARIDADE EM BAILE ESPANHOL

TRIO LA CAVA

A ESCULTURAL VEDETA **VENUS RUBIA** EM CRIAÇÕES FRÍVOLAS

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

«BOITE DE NUIT» **N-I-N-A** (Adultos M. 17 anos)

HOJE ESTREIA

LUCY FABERY

Vedeta da Rádio e T V Norte-Americana

TRINDADE

Só mais alguns dias

AS 21 e 45 (17 ANOS)

Não deixe de ver a peça que é assunto de todas as conversas

À ESPERA DE GODOT

• ABC •

Para maiores de 17 anos

Emp. Teatral ABC, Ld.ª — T. 366745

José Miguel apresenta **BREVEMENTE**

A REVISTA DE NELSON DE BARROS E JOSÉ VIANA

Mulheres à vista!

DOÇARIA CASEIRA no BAR RIBATEJO

Uma Pega 6.50 — Café de Balão — P. do Areeiro, 11-D

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27173

15.15 e 18.15 (p. r.) 21.30 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

Picante... Malicioso... Ousado.

FRUTOS DE VERÃO

com **Edwige Feuillère** e **Henri Guisol**

EDEN — TEL. 20768

As 15.30, 18,30 e 21.45 (M/12 anos)

2.ª SEMANA

Um filme português diferente

A LUZ VEM DO ALTO

com **Maria Dulce — Roberto Camardiel — Mário Pereira** e **Curado Ribeiro**

Um obra digna, surpreendente, apaixonante e arrebatadora.

ALVALADE — Telefone 763088

15.45 e 21.45 (M/17 anos)

2.ª SEMANA

A deliciosa comédia francesa

FRUTOS DE VERÃO

com **Edwige Feuillère** e **Henri Guisol**

ODEON — Telefone 26283

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

Os dois artistas mais queridos do publico

Pedro Infante e **Sarita Montiel** em

PRECISO DE DINHEIRO

ROYAL — TEL. 845037

A's 21 (M/17 anos)

OS IRMÃOS KARAMAZOV

com Yul Brynner

PAIXÃO PERIGOSA

CINEMA IDEAL

Às 21 (M/12 anos)

Prog. Vistavision

FLAMENGA O FUGITIVO

TERRASSE — TEL. 20913

A's 21 (M/12 anos)

JERRY, AMA SECA PERDIDO EM PARIS

TIVOLI — TEL. 58595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)

A alegria, o riso e a graça num dos melhores espectáculos do ano!

A MORENA ARDENTE

com **Paul Newman** e **Joanne Woodward**

Na história de uma mulher que é um vulcão de carne e osso!

POLITEAMA — TEL. 26301

15.15 - 18.15 e 21.30

2.ª Semana triunfal

Uma sensacional história de amor, desonra, audácia e castigo revivida no agitado e esplendoroso ambiente da Russia imperial

OS BARQUEIROS DO VOLGA

com **John Derek** e **Elsa Martinelli**

Totalscope — Eastmancolor

(Maiores 12 anos)

CONDES — TEL. 22525

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

O maior romance de todos os tempos! Em technicolor

OS TRÊS MOSQUETEIROS

com **Lana Turner — Gene Kelly — June Allyson** e **Van Heflin**

CAPITÓLIO — TEL. 27493

A's 21 (M/12 anos) Cinemascope col.

O RAPAZ E O TOURO

com Michel Ray

O FIDALGO E A CIGANA

com Richard Basehart

LIZ — TEL. 48560

As 21 (M/12 anos)

PÃO, AMOR E ANDALUZIA

Abbot, Costello e a **Mumia**

RESTELO — Telefone 510375

21.15 (M/17 anos) Cinemascope Techn.

RAIZES DO CÉU

c/Errol Flynn

CASINO ESTORIL

21.30 (M/17 anos)

FIM DE SEMANA NO ASCENSOR

com Jeanne Moreau

IMPÉRIO — Tel. 55134/5

15.15 - 18.15 (p. r.) e 22.00 (M/17 anos)

Um filme sublime sobre o primeiro amor de uma mulher

NOITES BRANCAS

com **Maria Schell—Marcelo Mastroianni** e **Jean Marais**

Realização de **Visconti**

AVISO — Por motivo das solenidades religiosas que terão início ás 21 horas de hoje na Alameda de D. Afonso Henriques, a sessão da noite no Império começa ás 22 horas.

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Virginia McKenna. Bill Travers e **Ivonne Mitchell** em

UM VERÃO APAIXONANTE

Um romance delicioso e apaixonante Amores escaldantes sob o sol dos trópicos! — Eastmancolor.

MONUMENTAL — TEL. 55131

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

O amor e a astucia de dois homens fortes num filme violento

DUELO NA CIDADE FANTASMA

c/ **Richard Taylor** e **Richard Widmark**

ROMA — Telet. 727778

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

O drama da guerra numa história trágica da resistência francesa

ALTA ESPIONAGEM

com **Françoise Arnoul** e **Bernard Blier**

AVIS — Tel. 47183

15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

5.ª SEMANA

O filme mais deslumbrante e mais romantico do ano!

OLHOS NEGROS

com **Johana V. Koczian, Ivan Desny** e **Ewald Balser**

O Sporting
empatou com o Caldas

No campo da Mata, disputou-se ontem um jogo particular entre a equipa do Caldas e um misto do Sporting, sob a arbitragem do sr. José de Jesus Agostinho. Os dois grupos formaram:

CALDAS — Vitor; Amaro e Rogério; Anacleto, Saraiva e Orlando; oJão (JaJnita), António Pedro, Mateus (João), Vasco Oliveira e Lenine.

MISTO DO SPORTING — Carvalho; Valente e Mesquita; Ferreira Pinto, Osvaldinho (Pacheco) e Pacheco (Caraballo); Carlitos (Quim), Tomé (Pompeu), Oscar, Diego e Cafum.

O jogo terminou empatado a uma bola, resultado feito no primeiro tempo, golos de Oscar, aos 4 minutos, e Saraiva, de grande penalidade, aos 42 minutos.

A lesão de Carlos Duarte

O «internacional» do F. C. Porto, Carlos Duarte, foi observado pelos médicos do clube. A lesão, que contraiu no ultimo treino da selecção nacional, não é de carácter grave, Trata-se de uma tendinite num dos joelhos. Julga-se que, com oito dias de tratamento intensivo Carlos Duarte estará em condições de regressar á actividade.

Uma reunião dos corpos gerentes do Sporting

Hoje, á noite, a direcção do Sporting reune-se com todos os seus corpos gerentes, sob a presidência do prof. dr. Diogo Furtado, para tratar de asuntos do maior interesse para a vida do clube.

O Vasco da Gama à frente do torneio Rio-São Paulo

RIO DE JANEIRO, 16 — Termina amanhã o torneio de futebol Rio-São Paulo. Hoje, no Pacaembu, defrontam-se Flamengo e São Paulo. Amanhã, jogam Santos-Vasco da Gama e Fluminense-Palmeiras.

Por pontos perdidos, a classificação actual é a seguinte: 1.º, «Vasco», 4 pontos; 2.ºs Flamengo e Santos, 5; 4.º, Palmeiras, 6; 5.º, São Paulo, 8; 6.º, América, 9; 7.ºs, Botafogo, Fluminense e Corinthiams, 12, e 10.º, Portuguesa, 13. — (A. N. I.).

LUTA LIVRE

Excelente exhibição
de Catarecha e Bengoechea na jornada de ontem

Foi superior, em muitos aspectos, a segunda sessão do Torneio Internacional, realizada ontem, á noite, no Coliseu.

Os combates decorreram com mais equilíbrio, notou-se mais variedade de golpes, embora o «Mascarado», por lentidão, dando a impressão de actuar como um autómato, não tivesse efectuado um combate empolgante. Fez alguns golpes bastante curiosos especialmente no segundo assalto, de molde a fazer perceber que possui conhecimentos. O publico, por todos os meios, procura descobrir a sua identidade. Com frequência, ouviamos junto de nós, afirmar que o «Mascarado» era o Kid Max, o José Luís ou o Carlos Rocha, variando de opinião consoante os golpes empregados.

A segunda jornada iniciou-se com o combate entre Moyan e Henry Plata. O triunfo acabou por pertencer a Plata, lutador que o publico muito admira, devido á categoria que tem demonstrado. O assento de espáduas verificou-se no terceiro assalto.

Jean Mari alcançou a sua primeira vitória por desclassificação de Lamban, reincidente em irregularidades.

A encerrar a primeira parte defrontaram-se Bengoechea e Catarecha. Pelo valor dos intervenientes, pela correcção com que se exibiram, pela variedade de golpes que executaram, tanto Catarecha como Bengoechea bem mereceram a extraordinária ovação que o publico lhes dispensou. O final do combate, que terminou com a vitória de Catarecha, foi, a todos os títulos, notável. Depois de «placar» o adversário, o campeão mundial lançou-o pelo ar ,de molde a fazer uma prisão de cabeça, nas cordas.

Ao «Mascarado» coube defrontar Benito Galan, saindo vencedor por K. O. no início do ultimo assalto. A misteriosa vedeta, porém, não mereceu os favores do publico, que no final o assobiou, talvez devido ao facto de actuar com lentidão, embora tivesse aplicado golpes bastante curiosos.

A finalizar a sessão, defrontaram-se Blanches e Echevarria. O triunfo coube ao primeiro, por assentamento de espáduas, no terceiro assalto.

*

Hoje, terceiro dia de provas, realizam-se os combates: Moyan-Bengoechea, Jean Mari-Henry Plata, Blanchs-Benito Galan, «Mascarado»-Echevarria e Catarecha-Lamban.

INFANTARIA 5
comemorou uma batalha

CALDAS DA RAINHA, 16 *(Pelo telefone)*.—O regimento de Infantaria 5 comemorou a batalha Alqueira, em França, onde os soldados desta unidade se cobriram de glória, na Grande Guerra. O regimento desfilou pela cidade.

O AMÉRICA
deve chegar a Lisboa na quarta-feira

RIO DE JANEIRO, 16. — A equipa do América Futebol Clube que devia ter partido, ontem, de avião para a Turquia, via Lisboa, adiou a saída para quarta-feira próxima, por não ter recebido as passagens, de Istambul — segundo declarou o treinador da equipa, Yustrich.

Por este motivo já não se realiza o jogo com o Benfica, que estava marcado para amanhã, em Lisboa. — (A. N. I.).

O vencedor da taça de Inglaterra no ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE

NOTTINGHAM FOREST

SPORTING CLUB DE PORTUGAL

NA QUARTA-FEIRA, 20, ÀS 21 E 45

Precedido do encontro **Sporting - Estoril**

(RESERVAS) ÀS 20 HORAS

BILHETES À VENDA: NA SEDE DO SPORTING (RUA DO PASSADIÇO, 86) — DAS 10 ÀS 13 E DAS 15 ÀS 24 NAS AGÊNCIAS **A. B. E. P. - ABELHA - DÁVILA - JOBE**

PREÇOS DOS BILHETES

SÓCIOS	10$00
PEÃO	11$00
SENHORAS	11$00
SUPERIOR	20$00
BANCADA LATERAL	25$00
BANCADA CENTRAL	35$00

(ESPECTACULO PARA MAIORES DE 12 ANOS)

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — Estão previstas várias competições entre filiados da M. P. Assim:

Atletismo — 2.ª jornada do campeonato distrital, no Estádio Nacional, ás 10 h.: 250, 300, 1.500 e 2.000 metros; estafetas 3×60, 3×80, 3×150, 7×700 e 3×800 metros; salto em comprimento; disco e martelo.

Futebol — Torneio da Taça «Delegação» — Liceu Francês-E. Afonso Domingues, no Estádio Nacional, ás 10 h.

Handebol de sete — Campeonato Regional — Centro 10-Liceu Passos Manuel, em «vanguardistas B», no campo da Casa da Mocidade, ás 11 horas.

ATLETISMO — Continuação do Torneio Regional na nova classe de «Cadetes». Ás 16 horas, nas pistas do Estádio Universitário: 80 m. barreiras, peso, altura (aspirantes), 500 m. (extra), comprimento, 4×600 m. e 3.000 m. obstáculos «extra).

As provas extra são reservadas a atletas juniores e seniores.

AUTOMOBILISMO — Promovida por um grupo de amigos do Sport Alenquer e Benfica, realiza-se no campo deste clube, uma gincana de automóveis.

BASQUETEBOL — Principia a fase final dos campeonatos de juniores e infantis, com os encontros:

JUNIORES: ás 9 horas: Queluz-Belenenses, em S. Bento; Tabacos-Algés, no Passadiço; Ateneu-Benfica, na Tapadinha; Sporting A-C. Ourique, em Algés; Liberdade-Nacional, no Campo Grande; Benfica-Cruzquebradense, no Restelo; Oriental-Sporting B, na Boa Hora; L. Ginásio-Carnide, em Pedrouços e Paço de Arcos-Maria Pia, nos Barbadinhos; ás 11, Casa Pia-Atlético, em S. Bento.

INFANTIS: ás 10 horas: Sporting A-C. Ourique, em Algés; Queluz-Belenenses, em Algés; Algés-Carnide, no Passadiço; Nacional-Cruzquebradense, no Campo Grande; Sporting B-Pedrouços, na Boa Hora; P. Arcos-L. Ginásio, em Pedrouços; Atlético-Ateneu, nos Barbadinhos, e Sacavenense-Alvalade, no Liberdade.

A Educação Física desistiu dos dois campeonatos.

O torneio do Cruzeirense reserva-nos os jogos Cruzeirense A-Estrela, Caparica-Unidos; Leões-Racing; Moinhense-Império e Giestal-Fontainhas.

CAMPISMO — No Parque de Campismo da Costa da Caparica, 12.º «Acampamento da Primavera», organizado pelo Clube de Campismo de Lisboa. A noite haverá a eleição da «Miss camping 1959», jogos e gincanas.

CICLISMO — Campeonatos nacionais de juniores e iniciados, com partidas e chegadas no Estádio Alvalade:

Juniores — Distancia: 150 quilómetros. Partida: ás 8 h. Percurso: Lisboa, Loures, Venda do Pinheiro, Malveira, Rosário, Torres Vedras, S. Pedro da Cadeira, Murgueira, Paz, Ericeira, Lourel, Algueirão, Belas, Caneças, Odivelas, Lisboa. Abastecimento entre Paz e Achada.

Iniciados — Distancia: 100 quilómetros. Partida: ás 8.30 h. — Percurso: Lisboa, Lourel, Malveira, Mafra, Paz, Ericeira, Lourel, Algueirão, Belas, Caneças, Odivelas, Lisboa.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão (2.ª fase)—1.ª «mão» das meias finais: C. Telefones (Lisboa)-Mário Navega (Porto), no campo da Picheleira (Telefones), ás 9 h.; Secil (Setubal)-Fábrica Lufapo (Coimbra), em Setubal, ás 10.30 h.

Camp. da 2.ª Divisão (Distrital

(Continua na página seguinte)

PROVAS DA A. F. L.
Jogos marcados para amanhã

Prosseguem amanhã os Campeonatos distritais da 3.ª Divisão, de Juniores da 2.ª Divisão, de Reservas Torneio Popular e a Prova Distrital de Principiantes, iniciando-se a «Taça de Lisboa». Ao todo 25 desafios.

Ei-los:

Campeonato Distrital da 3.ª Divisão — 1.ª jornada da 2.ª fase — Linda-a-Velha c. Loures, no Estádio Nacional (treinos); Vialonga-Algés, em Vialonga — ambos ás 16 e 30 h.

Campeonato Distrital de Juniores da 2.ª Divisão — 2.ª fase — 8.ª jornada — Série A — Algés-Sintrense, em Algés, ás 10,30 h.; Amadora c. Casa Pia, na Amadora, ás 10,45; Linda-a-Velha c. Sporting, no Estádio Nacional (treinos), ás 11,15 h. *Série B* — Santa Catarina-Sacavenense, em «Pina Manique» (treinos); Vilafranquense-Oriental, em Vila Franca — ambos ás 10,30 h. O Santa Iria averbará pontos por f. c. do Clube Operário de Futebol.

Prova Distrital de Principiantes — 12.ª jornada — Série A — Palmense-Sporting, em Palma, ás 9 h.; Oriental-Amadora, em Marvila; Belenenses-Atlético A, no Restelo (treinos) — ambos ás 10,30 h.; Casa Pia-Torriense, em «Pina Manique», ás 11 h. *Série B* — Benfica-Vilafranquense, no Campo Grande, ás 9,30 h.; S. L. Olivais-Sacavenense, nos Olivais; Vialonga-Alhandra, em Vialonga — ambos ás 10,30 h. O Atlético B averbará uma vitória por f. c. do U. Povoense.

Taça de Lisboa — 1.ª mão da 1.ª eliminatória — Amadora-Amoreiras, na Amadora; Palmense-Fut. Benfica, em Palma; U. Povoense-Charneca, na Póvoa; Povoense A. C.-Camarate, na Amoiteira; Alverca-Odivelas, em Alverca; Belas-Queluz, em Belas; Lourel-Malveira, no Lourel — todos ás 16 horas.

«Torneio Popular» 2.ª fase — 1.ª eliminatória — Real-Liberdade e Lisboa F. C.-F. C. Lisboa, em «Pina Manique» treinos), respectivamente, ás 15 e 17 h.; Penha-Fonte-Santense e Frielas-Império, no campo «Alvaro Gaspar», respectivamente, ás 15 e 17 h.

VÁRIOS DIRIGENTES
do V. de Guimarães foram castigados pela D. G. D.

Em relação ao processo disciplinar instaurado a propósito de factos relacionados com o jogo de hóquei em patins, realizado entre o Vitória Sport Clube, de Guimarães, e a Associação Desportiva Sanjoanense, em 18 de Novembro de 1957, o director-geral dos Desportos acaba de aplicar as seguintes suspensões aos directores do clube vimaranense, as quais entram em vigor a partir de 1 do corrente:

5 meses — Dr. António Emílio Brochado de Oliveira Teixeira, Julio Fernandes Martins e José Ribeiro Mendes (seccionista);

10 meses — João Mendes de Oliveira, Manuel Cardoso do Vale e Luís Ferreira de Oliveira (seccionista).

O presidente da Comissão Regional de Árbitros do Norte foi suspenso por três meses.

BADMINTON
Benfica e Académica jogam hoje para o campeonato Nacional

No ginásio do Liceu Gil Vicente defrontam-se, hoje, ás 21 horas, as equipas de badminton do Sport Lisboa e Benfica e da Associação Académica de Coimbra, para disputa da 1.ª «mão» das meias-finais do Campeonato Nacional. O encontro embora o favoritismo tenha de conceder-se á equipa dos estudantes, está a despertar o maior interesse, pois a equipa dos «encarnados» tem revelado melhória e é capaz de oferecer magnífica réplica. O encontro repete-se, no próximo sábado, em Coimbra.

A outra meia-final é disputada entre o Triangulo Vermelho e o Sporting, na próxima 3.ª-feira, no ginásio dão Triangulo, e na próxima 6.ª1feira, no ginásio da Escola «Nuno Gonçalves».

Portugal
defronta hoje a Holanda

A equipa de Portugal estreia-se hoje contra a Holanda, ás 21 horas.

Amanhã, defronta a Inglaterra (2.ª-feira ás, 10 h.), seguindo-se a França (4.ª-feira, ás 21,55 h.) e Suiça (5.ª-feira, ás 21.55 h.).

No dia 21 começa a segunda-fase em que participam numa só «poule» os dois primeiros de cada um dos dois grupos da fase inicial; os restantes jogam entre si para os 5.º e 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º lugares. A prova termina no dia 23.

O «NACIONAL» DE JUNIORES

Termina a 1.ª volta
da 2.ª fase

O 19.º Campeonato Nacional de Juniores tem amanhã a 3.ª jornada da 2.ª fase, com ela terminando o 1.º volta.

O programa inclui os seguintes jogos:

F. C. Porto-Académica
Boavista-Leixões
Sporting-Olhanense
Portalegrense-Benfica

O desafio mais importante é, sem duvida o que põe frente a frente Portistas e estudantes. Uma vitória dos nortenhos deixaria as duas equipas em igualdade de pontos, a elas se devendo juntar o Boavista, pois este merece favoritismo no seu jogo contra o Leixões. Mas os Conimbricenses têm vindo a dar boa conta de si e sabem bem que a vitória lhes daria quase a certeza de estarem na final. A perspectiva é de dois encontros ardorosamente disputados, com possibilidades maiores de um empate nas Antas e de vitória dos «axadrezados», no campo «Dr. Mascarenhas Junior».

Pelo que se refere á Zona Sul, os dois grupos lisboetas são favoritos, mas nem por um só instante pode pôr-se de lado a ideia de que os Algarvios e os Portalegrenses não dêem a melhor réplica. Exige-se, pois a maior aplicação dos «leões» e dos «encarnados». O vencedor de Alvalade ainda poderá acalentar esperanças de vir a discutir a presença na final e, por isso, a maior importancia desse jogo em relação ao de Portalegre.

XADREZ
Começa hoje o campeonato de Lisboa de 1.ªs categorias

Com a participação de 22 jogadores, entre os quais o campeão de Portugal e outros mestres categorizados, principia esta noite, ás 20 e 45, no Ateneu Comercial, o Campeonato de Lisboa de Xadrez, de 1.ªs categorias, cujas sessões se efectuarão ás terças e quintas-feiras e aos sábados.

Concorrem jogadores do Benfica, Sporting, Belenenses, «Alekhine», Ateneu, Técnico e Faculdade de Ciências. Serão apurados nove jogadores para o Campeonato do Sul.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

SPORT LISBOA E BENFICA

Jogo Benfica - América
COMUNICADO

Por motivos imprevistos a equipa do clube brasileiro AMERICA F. C. teve de adiar a sua viagem á Europa, razão porque o jogo que deveria relizar-se amanhã, dia 17, no Estádio da Luz, com a equipa do Benfica é adiado para data a indicar oportunamente.

Os possuidores de bilhetes para o citado jogo, no caso de assim o desejarem, poderão proceder ao recebimento das respectivas importancias a partir da próxima 2.ª feira, dia 18, na Comissão Central do Novo Parque de Jogos.

Lisboa, 16 de Maio de 1959.

A DIRECÇÃO

DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

Os 24 Campeonatos da Europa

através de breves notas históricas

Começa, hoje, em Genebra, o 25. Campeonato da Europa de Hóquei em Patins.

É a segunda vez que aquela cidade suíça serve de cenário para a grande competição. A primeira vez foi em 1953, tendo os Italianos conquistado o título. Os Portugueses classificaram-se em 2. lugar. Em 1940, isto é 14 anos depois do primeiro, os campeonatos sofrem o seu primeiro interregno. Foi a guerra a causadora da interrupção Entretanto, Portugal fez a sua estreia, em Herne-Bay, em 1930, conquistando o 5.º lugar (o penultimo) Até que em 1936, em Estugarda surge o primeiro campeonato mundial, integrado nos «Europeus» Conquistou-o a Inglaterra. Portugal ficou em 3.º lugar, atrás da Itália. Da Espanha só se falaria em 1947, quando a prova teve como palco Lisboa. Os Lusitános conseguiram o seu primeiro título e os nossos vizinhos quedaram-se pelo terceiro lugar

O campeonato deste ano, aliás, como sucedeu já em 1957, não engloba o «Mundial» porque este passou a disputar-se de dois em dois anos Os Portugueses são, portanto campeões do Mundo e da Europa. Se este ano perdermos o primeiro lugar, continuaremos a ostentar o título de campeões do Mundo.

Classificações

As classificações dos campeonatos são as seguintes (entre parentesis indica-se o numero de ordem dos campeonatos do Mundo).

I — 1926 (Herne-Bay) — 1.º, *Inglaterra;* 2.º, França; 3.º, Alemanha; 4.º, Suíça; 5.º Bélgica; 6.º Itália.

II — 1927 (Montreux) — 1.º, *Inglaterra;* 2.º França; 3.º, Suíça, 4.º, Alemanha; 5.º, Itália; 6.º, Bélgica.

III — 1928 (Herne-Bay) — 1.º, *Inglaterra;* 2.º, França; 3.º, Alemanha; 4.º, Suíça; 5.º. Bélgica; 6.º. Itália.

IV — 1929 (Montreux) — 1.º, *Inglaterra;* 2.º, Itália; 3.º. França; 4.º Alemanha; 5.º. Suíça; 6.º, Bélgica.

V — 1930 (Herne-Bay) — 1.º, *Inglaterra;* 2.º, França; 3.º, Alemanha; 4.º, Suíça; 5.º. *Portugal;* 6.º, Bélgica.

VI — 1931 (Montreux) — 1.º *Inglaterra;* 2.º, França; 3.º, Suíça, 4.º. Itália; 5. Alemanha; 6.º. *Portugal.*

VII — 1932 (Herne-Bay) — 1.º, *Inglaterra;* 2. Alemanha; 3.º, França; 4.º. *Portugal;* 5.º Suíça; 6.º. Bélgica.

VIII — 1934 (Herne-Bay) — 1.º, *Inglaterra;* 2.º. Alemanha; 3.º. Suíça; 4.º. Itália; 5.º Bélgica; 6. França.

IX — (1 mundial) 1936 (Estugarda) — 1.º. *Inglaterra;* 2.º Itália, 3.º. *Portugal;* 4.º Suíça; 5.º Alemanha, 6.º, França; 7. Bélgica.

X — 1937 (Herne-Bay) — 1.º *Inglaterra;* 2.º. Suíça; 3.º. *Portugal;* 4.º. Itália; 5.º Bélgica; 6.º Alemanha; 7.º França

XI — 1938 (Anvers) — 1.º, *Inglaterra;* 2.º Itália; 3. Bélgica; 4.º. *Portugal;* 5.º. Alemanha; 6.º. Suíça; 7.º. França.

XII — (II) 1939 (Montreux) — 1.º. *Inglaterra;* 2.º. Itália; 3.º. *Portugal;* 4.º. Bélgica; 5.º. França; 6.º. Alemanha; 7.º. Suíça.

XIII — (III) 1947 (Lisboa) — 1.º. *Portugal;* 2.º, Bélgica; 3.º. Espanha. 4.º, Itália; 5.º Inglaterra; 6.º. França; 7.º Suíça.

XIV — (IV) 1948 (Montreux) — 1.º, *Portugal;* 2.º. Inglaterra; 3.º. Itália; 4.º. Espanha; 5.º. Bélgica; 6.º, Suíça; 7.º França; 8.º. Egipto. 9.º. Holanda.

XV — (V) 1949 (Lisboa) — 1.º. *Portugal;* 2.º, Espanha; 3.º. Itália; 4.º. Bélgica; 5.º, Inglaterra; 6.º, França; 7.º. Suíça; 8.º. Holanda.

XVI — (VI) 1950 (Milão) — 1.º, *Portugal;* 2.. Itália; 3.º, Suíça; 4.º, Espanha; 5.º. Alemanha; 6.º. França; 7.º. Inglaterra; 8.º. Bélgica; 9.º, Holanda; 10.º. Egipto.

XVII — (VII) 1951 (Barcelona) — 1.º. *Espanha;* 2.º. *Portugal;* 3.º, Itália; 4.º. Bélgica; 5.º, Alemanha; 6.º, França; 7.º Inglaterra; 8.º, Suíça; 9.º, Holanda; 10.º. Irlanda; 11.º Dinamarca.

XVIII — (VIII) 1952 (Porto) — 1.º. *Portugal;* 2.º. Itália; 3.º, Espanha; 4.º, Bélgica; 5.º Holanda; 6.º, França; 7.º, Inglaterra; 8.º, Suíça; 9.º, Egipto; 10.º, Dinamarca.

XIX — (IX) 1953 (Genebra) — 1.º, *Itália;* 2.º, *Portugal*, 3.º, Espanha; 4.º, Suíça; 5.º. Bélgica; 6.º. Inglaterra; 7.º Alemanha; 8.º, Holanda; 9.º, França; 10.º, Brasil; 11.º, Irlanda; 12.º, Dinamarca; 13.º. Egipto.

XX — (X) 1954 (Barcelona) — 1.º, *Espanha;* 2.º *Portugal;* 3.º, Itália; 4.º, Bélgica; 5.º. França; 6.º, Alemanha; 7.º, Suíça; 8. Inglaterra; 9.º. Chile; 10.º, Holanda; 11.º. Uruguai; 12.º, Irlanda; 13.º, Egipto; 14.º Noruega; 15.º, Dinamarca.

XXI — (XI) 1955 (Milão) — 1.º. *Espanha;* 2.º, Itália; 3.º *Portugal;* 4.º. Suíça; 5.º, Chile; 6.º, Alemanha; 7.º, Bélgica; 8.º Inglaterra; 9.º, França; 10.º. Jugoslávia; 11.º, Holanda; 12.º. Irlanda; 13.º, Noruega; 14.º. Dinamarca.

XXII — (XII) 1956 (Porto) — 1.º. *Portugal;* 2.º Espanha; 3.º, Itália; 4.º. Alemanha; 5.º, Inglaterra; 6.º. Suíça; 7.º, Holanda; 8.º, Bélgica; 9.º. França; 10.º Noruega; 11.º. Brasil.

XXIII — 1957 (Barcelona) — 1.º, *Espanha;* 2.º, *Portugal;* 3.º Itália; 4.º. Alemanha; 5.º, Inglaterra; 6.º, Suíça.

XXIV — (XIII) 1958 (Porto) — 1.º, *Portugal;;* 2.º, Espanha; 2.º. Itália; 4.º, Holanda; 5.º, Inglaterra; 6.º. Bélgica; 7.º, Alemanha; 8.º, Suíça; 9.º, França; 10.º Dinamarca.

Péssimas instalações para os hoquistas lusitanos

Especial para o «Diário de Lisboa»

GENEBRA, 16. — A equipa portuguesa de hóquei em patins chegou a esta cidade, ontem, cerca das 13,30 horas, após uma agradável viagem de avião. Imediatamente, foi instalar-se no «Hotel Mon Repos», longe do centro de Genebra, em acomodações reservadas pelos organizadores do Campeonato da Europa.

Causou péssima impressão aos membros da caravana os quartos que lhes foram destinados. Alguns jogadores dormem em divans pouco cómodos; nota-se por isso um compreensivel mal estar. Os dirigentes portugueses providenciaram no sentido de arranjar outros alojamentos, mas depararam com grandes dificuldades visto Genebra estar presentemente cheia de milhares de estrangeiros. A equipa espanhola, no entanto, ficou hospedada num bom hotel...

Para o encontro desta noite, Vitor Lemos, seleccionador, realizou ontem o ultimo treino. O «cinco» da estreia deverá formar com Matos, Edgar, Adrião, Velasco e Bouços. Como suplentes figuram Alves, Souto e Perdigão.

Esta manhã, ás 11 horas, os jogadores lusitanos efectuaram um ligeiro galope para conhecimento do rinque. A' tarde, a caravana do hóquei assistirá á primeira parte do encontro Portugal-Suiça, em futebol. Para o efeito, os dirigentes helvéticos ofereceram bilhetes para o jogo, atitude que muito sensibilizou.

A Imprensa local refere-se ao «Europeu», apontando Portugal como favorito não só no encontro com a Holanda como no grupo de que faz parte. Contudo, admite a qualificação da Suiça para a fase final, embora não actuem os famosos irmãos Monney que por motivo da próxima deslocação a Moçambique não podem ter agora férias.

As equipas espanhola e italiana são consideradas como grandes vedetas no segundo grupo. Aliás, qualquer delas é capacissima de conquistar o campeonato, através de uma luta porfiada com os Portugueses, os quais decerto tentarão tirar a desforra do que se passou em Montreux.

A presença dos hoquistas lourenço-marquinos tem sido muito realçada nos jornais suiços.

Com «sopa suiça» e «bacalhau sueco» oxalá não apanhe uma indigestão...

Os técnicos helvéticos mostram-se muito preocupados com as possibilidades do "onze" português e receiam que a "série negra" continue

Especial para o «Diário de Lisboa»

GENEBRA, 16 — O treino que, ontem, os jogadores portugueses realizaram no Estádio de Charmilles, com a duração de cerca de hora e meia, constou, conforme já informámos, de ligeiros exercícios físicos e de remates á baliza.

A' sessão, visivelmente interessados, assistiram os técnicos helvéticos que, no final, sem quaisquer hesitações procuraram saber dos portugueses presentes, jornalistas e dirigentes, alguns pormenores relacionados com a maneira de jogar da nossa equipa sobretudo no que respeita á dureza. Claro, as informações prestadas se não iludiram a realidade também não adiantaram nada. Pudera...

Os observadores suíços, no entanto, pretenderam ser inteirados sobre o estilo de José Aguas ao mesmo tempo que manifestaram grande surpresa pela ausência de José Travaços, cuja fama internacional não é um mito. O modo de actuar do guarda-redes Acursio causou-lhes acentuada impressão.

Estas e outras perguntas, lançadas em jeito de panico, denunciam um estado de espírito correlativo. Com efeito, a selecção da Suiça não pode contar com os homens do «Young Boys». As dificuldades, portanto, não são uma figura de retórica. São reais, são palpáveis.

O «onze» nacional

O dr. José Maria Antunes ainda não anunciou, á hora em que expedimos esta notícia, a constituição do «onze» nacional. Todavia, segundo nos declarou, as suas principais duvidas consistem no preenchimento dos lugares de médio-direito e avançado-centro.

Pensa-se, no entanto, que o grupo alinhará com Vital; Virgílio e Barbosa; Mendes ou Germano, Miguel Arcanjo e Torres; José Augusto, Hernani, Teixeira ou Matateu, Coluna e Cavém.

O grupo helvético

A formação dos Suiços só será conhecida pouco antes do jogo principiar, mas julga-se que não andará longe do seguinte:

Elsener; Karrer e Grobety; Maergeli, Sthmidhauser e Burger; Rabord, Hamel, Hugi, Vonlanden e Mauron.

O jornal «Tribuna de Geneve» salienta a falta dos jogadores do «Young Boys», considerando esse facto como vantajoso para o grupo lusitano. Estranha o mesmo jornal a colocação de Grobety a defesa-esquerdo e de Burger a médio do mesmo lado, bem como a de Karrer a defesa. Anota que o sector ofensivo é dos mais fracos de quantos a Suiça apresentou nos ultimos tempos e refere á debilidade do compartimento defensivo, cujos elementos se conhecem mal, uns aos outros. Todavia, o mesmo periódico admite a hipótese da Suiça triunfar, invocando a necessidade de se acabar com a «série negra», opinião que não é totalmente perfilhada noutros sectores.

Por outro lado, numa espécie de preparação psicológica em caso de se verificar a derrota do grupo helvético, o articulista, que juntou ao seu artigo uma fotografia de Monteiro da Costa embora o médio portista tivesse ficado em Portugal, aponta os ultimos resultados conseguidos pelo «onze» lusitano.

Entre os jogadores portugueses reina a calma. Todos denunciam boa disposição e um certo optimismo, embora cauteloso.

HOJE À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — Em Genebra, ás 21,15 horas, Portugal-Holanda, para o Campeonato da Europa.

RAGUEBI — No Estádio do Restelo, ás 2 horas, o Belenenses defronta o «quinze» da «Association Sportive de Rabat», campeão de Marrocos.

TENIS DE MESA — Na sede do Lisboa Ginásio Clube, ás 21.30 horas, Belenenses-Real Madrid para disputa das taças «Dr. Vale Guimarães» e «Eugénio Moita».

Na Associação de Lisboa, ás 21.30 horas, efectua-se a Assembleia Geral Ordinária, precedida da distribuição de prémios referentes ás 21 e 2 2horas: Agronomia-Aca-

VOLEIBOL — Campeonato Universitário. No ginásio do Técnico, ás 21 e 2 horas: Agronomia-Academia Militar e Técnico-I. N. E. F.

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

Outra jornada incompleta

O Campeonato Nacional da Terceira Divisão, já na sua 2.ª fase, tem amanhã a sua 2.ª jornada, como a anterior incompleta, por via do caso dos Leões de Santarém, levantado pelo Vila-franquense.

O programa anuncia:

Ovarense - Beira Mar
Paredes - Régua
U. Coimbra - Acad. de Viseu
Benf. Castelo Branco - Naval
Torres Novas - Olivais
Elvas - U. de Montemor
Silves - Lusitano

Folga o Casa Pia A. C., sem adversário designado...

A maioria dos encontros — os dois primeiros e os dois ultimos — são repetições dos que se realizaram na 1.ª fase da prova, mas, nem por isso, deixam de oferecer interesse.

Mas, naturalmente, despertam maior curiosidade, os que se realizam em Coimbra, Castelo Branco e Torres Novas, com o vaticínio mais difícil, por carência de pontos de referência para fundamentar o prognóstico.

Várias provas de amanhã

(Continuação da página anterior)

de Lisboa) — Standard-Simca, no campo de Belém ás 9 h.

O campeonato de Tiro prossegue na carreira de Belém, ás 9 h.

FESTIVAIS—No campo de Chelas, o Clube Operário de Futebol começa a festejar o seu 38.º aniversário fazendo disputar os seguintes jogos: ás 14 horas, Operário-Oriental (equipas da velha guarda); ás 16 horas, Operário-Sporting.

FUTEBOL AMADOR — Continuação do torneio do Internacional, com o jogo Grã Via-Veiga Beirão ás 11 h., nas Telheiras.

HANDEBOL — Campeonato Nacional, de 11 — Penultima jornada: Benfica-Salgueiros, no campo de Moscavide (C. D. Olivais), ás 9.30 h.

HIPISMO — Continuação do 48.º Concurso Hípico Internacional de Lisboa, no Jóquei Clube (Campo Grande) a partir das 14 horas: Prova «Palhava» (Omnium do Concurso Nacional; Prova «Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo» — com os cavaleiros ingleses, espanhois e portugueses.

HÓQUEI EM PATINS — Continuação do campeonato regional de juniores; Parede c. Paço de Arcos, Benfica B c. Vilafranquense, Física c Maristas, Liceu Francês c. C. U. F., Azeitonense c. Belenenses, Sporting c. Benfica A e C. Ourique c. Fut. Benfica—todos nos «rinks» dos clubes indicados em 1.º lugar, ás 10 horas. Em principiantes: Algés-Benfica, Azeitonense-Sintrense, Cascais-L. Francês e P. Arcos-C. Ourique — nos «rinks» dos clubes indicados em 1.º lugar, ás 10 h.

AEROMODELISMO — Sob a orgaização do Clube de Aeromodelismo de Lisboa, realiza-se no aérodromo de Alverca um torneio destinado a novos praticantes, nas modalidades de planadores, «borrachas», motomodelos, acrobacia, corridas, combate e velocidade.

TENIS — Nos «courts» de Monsanto, ás 17 horas disputa-se a final de «singulares-homens» do torneio «Leões», entre Larg Silfverling e J. Fonseca.

TENIS DE MESA — No Centro Espanhol, ás 21.30 horas, «II Torneio Internacional», com o patrocínio do jornal Ténis de Mesa e da Federação Portuguesa de Ténis de Mesa. Tomam parte os melhores jogadores lisboetas e os espanhois Castillo e Buitrago, do Real Madrid.

TIRO A CHUMBO — O Clube Português de Tiro a Chumbo faz disputar no seu «stand» do Lumiar, a partir das 15 horas, uma prova de prancha (30 partos) e outra de pombos (5 pontos).

— No «stand» «José Hipólito», em Santa Cruz, realiza-se, a partir das 10 horas, um torneio de tiro aos pratos, que inclui uma prova de «handicap», outra de ensaio e, ainda outra de honra.

VELA — A secção náutica do Clube Oriental de Lisboa promove o festival «Conde de Caria». Ás 10.30 h., primeira largada da classe «Dragões», seguindo-se as outras classes com intervalos de 10 minutos.

As largadas repetem-se, pela mesma ordem, a partir das 16.30 h. Se for possível, haverá, ás 15 horas demonstrações de Moto-náutica e Esqui-aquático.

Rosa dos Ventos

Frank Lloyd Wright, o arquitecto de génio que foi alcunhado de «sumo sacerdote da construção americana», autor dos projectos espantosos do Imperial Hotel de Tóquio, do Museu Guggenheim de Nova York e de outras maravilhas da arte da edificação nos Estados Unidos, imitado e admirado em toda a Europa e especialmente na Alemanha e na Holanda, era, por vezes, de uma acidulada causticidade. Numa ocasião em que o interrogavam sobre o modo de resolver os problemas do congestionamento do transito em Nova York, respondeu: «Levantem em Central Park dois arranha-céus de 1.800 metros de altura cada um; instalem aí os 7.700.000 novaiorquinos, destruam o resto da cidade e plantem erva nos espaços que ficarem livres...».

*

O Islão moderno está já bem longe da ética maometana observada há cem anos. Neste momento assistimos áquilo que seria, no tempo de Maomé Ali, um verdadeiro prodígio: abre-se ás mulheres, no Cairo, a mais antiga Universidade islamica, a célebre e venerada Al Azhar, construída em 972. Á exclusividade do ensino ceramico, de tipo puramente comentarial, sucede revolucionáriamente uma vasta abertura de matérias nos novos programas de Al Azhar, onde já se estudam ciências políticas e económicas, sociologia e literaturas ocidentais. Mas a cadeira que constitui a grande novidade intitula-se «As mulheres no mundo muçulmano».

*

Dois psiquiatras de Filadélfia, após um inquérito científico, concluiram que o ombro humano representa uma espécie de «muro protector». Espreitar por cima do ombro de uma pessoa nervosa ou de temperamento inquieto, particularmente de mulheres ou crianças, provoca uma reacção de medo ou de angustia, que pode provocar perturbações de maior ou menor gravidade, desde o simples tique á mania da perseguição, se o caso se repetir com frequência.

*

Treze anos após o termo da guerra mundial, ainda há soldados japoneses combatendo numa ilha situada entre Manila e Corregedor. Desde 1945 para cá, esses obstinados guerrilheiros mataram 275 soldados americanos, sem que fosse possível liquidá-los, nas operações de limpeza levadas a efeito na selva.

*

Toureiros ambos e cunhados, os astros espanhois Luís Miguel Dominguin e António Ordoñez, que estavam de relações cortadas, reconciliaram-se enfim. Mas com uma condição singular: a de que os seus honorários sejam sempre, doravante, rigorosamente iguais.

*

Durante um recenseamento, um funcionário norte-americano interroga um camponês do Nebraska:

— Quantos filhos tem?

— Quatro.

— E tenciona ter mais algum?

— Deus me livre!

— Porquê?

— Porque já ouvi dizer que em cada cinco crianças que vêm ao Mundo uma é chinesa.

Maria do Rosário

a jovem heroína da Marinha Grande pupila do «Diário de Lisboa»

completou os seus tratamentos e recebeu mais de 30 mil escudos

Era o dia 16 de Janeiro de 1955. Seis da tarde, tarde chuviscosa. Duas meninas, uma de 10 anos, outra de 7, tinham ficado sós em casa. A roupa enxugava na chaminé por toda a quadra, e as meninas resolveram acender o fogareiro de petróleo. A máquina, porém, explodia, toda a casa parecia um caleidoscópio. Adélia e Raquel pareciam hipnotisadas pelas cores das chamas que já envolviam as roupas da chaminé. Foi, então, que Maria do Rosário Miguel Henriques apareceu. Mas, uma nova explosão, atirou-a para o hospital com os cabelos, o rosto, a face e a mão irreconhecíveis.

Maria do Rosário Miguel Henriques passou meses no hospital. Tinha, então, 17 anos e não hesitara em arriscar a vida para salvar a vida de duas crianças. Esquecera-se, mesmo, no seu impulso humano e generoso, que tinha ofensas graves da mãe das crianças e destas próprias, seguindo o seu exemplo.

Agora, Maria do Rosário estava ali na cama do hospital, com um rosto negro inchado, horrível, acarinhada por quem ia de longe para a mimar com palavras e presentes. Entre todos, estava um moço que soluçava como uma criança. E toda a gente sabia que aquelas lágrimas eram de ternura...

A' volta desta jovem heroina da Marinha Grande criou-se, imediatamente, um moivmento de apreço e de solidariedade. A Liga dos Bombiros condecorou-a e o «Diário de Lisboa», correspondendo ao próprio impulso dos seus leitores, deu a esse movimento de solidariedade concretização e forma. Através das suas colunas, abriu uma subscrição que cresceu admirávelmente. Houve ofertas comoventes de noivas para a jovem noiva Maria do

(Continua na 11.ª página)

Maria do Rosário quando hoje veio despedir-se, e agradecer aos nossos leitores a sua generosidade

Elizabeth Taylor e Eddie Fisher em "lua de mel"

passaram por Lisboa

Afinal o Mundo é pequeno. O par que ainda há pouco, nos E. U., se casava diante do Mundo e para a primeira página dos jornais, Elizabeth Taylor, ex-senhora Mike Tod, e Eddie Fisher, trovador de 1959, esteve esta noite em Lisboa. Pousou de leve, na pista do aeroporto da Portela, no ventre de um avião da Pan American, mais vasto e cómodo que o interior da baleia de Jonas. Ela, a noiva triste da América, Liz para os «fans», não saiu do avião. Ficou a dormir, sob a protecção deste letreiro: «Peço que me acordem uma hora antes da aterragem em Barcelona».

Eddie Fisher dignou-se aparecer. Jovial, a sorrir, com um fato leve, a camisa aberta, sem gravata e óculos escuros na mão, o «sr. Taylor» entrou no edifício do aeroporto para desentorpecer as pernas. Não havia ali muita gente áquela hora mas o jornalista estava lá.

—Então, sua mulher não desce?

—Não, está a dormir.

—E' pena.

Eddie deteve-se a admirar as filigranas inevitáveis mas acabou por comprar uma pulseira de 80 dólares (2.300$00). E porque afinal

Eddie Fischer, ao descer, esta madrugada, no aeroporto da Portela

sempre havia um admirador de Fisher nas redondezas lá apareceu um galo de Barcelos que o cantor admirou. Até porque o galo é o cantor por excelência apenas ligeiramente menos afinado que Eddie.

—Onde vão passar a lua de mel?

—No Mediterraneo.

—Mas dirigem-se a Barcelona...

—Sim, para embarcar no iate «Olnice», no qual faremos um cruzeiro.

—Quanto tempo durará o cruzeiro?

—Duas semanas. A Liz tem de estar em Inglaterra no princípio do próximo mês para as filmagens de «Suddendly last summer».

—Já esteve em Portugal?

—Sim, com a minha primeira mulher, Debbie Reynolds.

—E' feliz?

O sorriso de Fisher foi a resposta.

Muito antes dos passageiros voltarem a embarcar Eddie Fisher regressou ao avião. Voltava para junto de Elizabeth Taylor. Quase corria.

As notas cubanas

não têm valor no estrangeiro

Da embaixada de Cuba, com o pedido de publicação, recebemos o seguinte comunicado:

«Por ordem do seu Governo, a embaixada de Cuba faz saber que a Republica de Cuba retirou totalmente a força liberatória a toda a nota cubana, actualmente no estrangeiro, e adverte que não deverão ser adquiridas tais notas, pois os detentores sofrerão a perda total do seu valor».

A determinação do Governo de Cuba não afecta o nosso País

Segundo as conclusões de um rápido inquérito junto do Banco de Portugal, do Grémio das Casas Bancárias e de alguns dos mais importantes estabelecimentos de cambio, a resolução tomada pelo Governo de Cuba, talvez para anular o elevado montante de divisas que algumas individualidades ligadas ao Governo anterior enviaram para o estrangeiro, não provocou no nosso País importantes prejuizos, porquanto, segundo se calcula, não deverá existir nos cambistas portugueses mais de um milhar de pesos cubanos.

O intercambio comercial com Cuba é, praticamente, inexistente, informaram-nos no Banco de Portugal, quanto ao intercambio turístico, ele faz-se geralmente em dólares. Em alguns estabelecimentos, lamenta-se que disposições deste género sejam decididas tão bruscamente, não permitindo prazo para troca denotas e implicando perda de confiança no papel-moeda, pois outros casos semelhantes se têm verificado. Vários cambistas portugueses já não negociavam com pesos cubanos desde o começo da intensificação da agitação política naquele país e outros possuiam em depósito pouco mais de 100 pesos cada.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos ultimos modelos
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata. 257

A princesa Margarida

tenciona nadar em Portugal e vai adquirir novos vestidos próprios para a praia

LONDRES, 16 — Este principio de Verão, que banha Londres de sol, tem permitido aos Londrinos prever o género de vestidos que a princesa Margarida prefere e vai escolher para a sua próxima viagem a Portugal.

O seu mais recente «duas-peças» é de um tom claro de aveia e tem o elegante casaco de linhas direitas a cair sobre a saia estreita.

Quando passeia no seu carro, a princesa em geral vai em cabelo, deixando admirar o corte arredondado dos seus cabelos castanhos, primorosamente penteados por René. Nas cerimónias oficiais, no entanto, a princesa usa sempre chapéu, bem como em todas as suas aparições oficiais em publico.

Habitualmente, Margarida prefere uns chapelinhos redondos, de palha, que formam uma espécie de coroa no alto da cabeça, a que os elegantes de Londres chamam «boaters», porque fazem lembrar os que usavam os homens, nos primeiros anos do século, quando velejavam no Tamisa. Esses chapelinhos tornaram-se extremamente elegantes tanto em Londres como em Paris, onde Dior os apresentou. O «boater» da princesa Margarida é cor de coral e tem uma fita e laço da mesma cor.

Margarida tem uma predilecção

(Continua na ultima página)

Foi nomeado

presidente da Junta do Crédito Publico o dr. Gois Mota

O sr. ministro das Finanças vai nomear presidente da Junta do Crédito Publico o sr. dr. Carlos Cecílio Gois Mota, actual secretário da Procuradoria Geral da Republica.

O dr. Gois Mota, que conta 51 anos de idade, é natural de Tomar e foi aluno do Colégio Militar, tendo-se licenciado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa com a elevada classificação de 17 valores.

Exerceu as funções de sub-delegado e de delegado interino do Procurador da Republica no 4.º Juizo Criminal da Comarca de Lisboa, até que foi escolhido para o cargo que exerce na Procuradoria Geral da Republica, desde 1936.

Dispensou eficiente colaboração aos serviços da Direcção do Boletim do Ministério da Justiça, departamento este em que foi nomeado para diversas comissões de serviço, e colaborou em vários trabalhos legislativos.

O sr. dr. Gois Mota, que comanda presentemente o Batalhão N.º 1 da Legião Portuguesa e de cuja folha de serviço constam muitos louvores, possui algumas condecorações nacionais e estrangeiras, entre elas a da Ordem do Cruzeiro do Sul.

O GATO matou o menino

JOANESBURGO, 16 — A senhora Margareth Russel, mãe de dez filhos, encontrou morto, no berço, de madrugada, o filho mais novo—um menino de quatro semanas. Foi vitima da furia do gato da casa. — (A. N. I.).

Hospital de Santa Maria
COMUNICA-SE
a todo o pessoal de que acabaram as n/obras pelo que estamos aptos a fornecer todos os trabalhos de arte em flores naturais.
JARDIM DE MODAS — Florista
Av. de Roma, 59-B — Tel. 778907 (junto á Av. dos Estados Unidos)
Distribuição ao domicílio — Aberto aos domingos

Um

foi p

Quando
gada, o gu
do Areeiro
a sair de
Junqueiro,
já estar en
parar, mas
pois de pu
chegou a
alcançá-lo,
o intimida
finalmente,
ramentas,
da pistola

Entregue
cou tratar-
mando Ro
nha». Co
atrás, assal
to de ond
Assaltou, a
duas estan
mente, na
Avenida C
na primei
2.700$00. E
cearia, no
do-lhe esse

Na sua
didos muit
transitaram
Judiciária.

O Arma
uma triste

Um

SÓ

«IMPÉ
Luchino
cinematog
dos reali
dos em P
suas obra
tido come
fáceis e
mais, aut
o que ac
Brancas»,
de uma
nos dá,
traordiná
do com
dores e
as desven
no final,
emociona
ver até á
bras, a
ra», os gi
de que se
principal
de «Noit
profunda
das pers
sorte des
da sua ca
vida e t
ao conto
gens de t
ma .Tem
to comer
«Noites
mos de
triunfal
interpret
é admirá
viver me
de sonha
si próprio
bitualmer
excelente
Complem

*(Trans
de M. G
Popular»*

aos nossos

Um perigoso cadastrado

que assaltara um café

foi preso por um polícia

depois de perseguido a tiro

Quando andava de giro, de madrugada, o guarda n.º 2.450 da Esquadra do Areeiro, surpreendeu um indivíduo a sair de um café, na Avenida Guerra Junqueiro, depois do estabelecimento já estar encerrado. O guarda mandou-o parar, mas aquele pôs-se em fuga, depois de puxar pof uma pistola, que não chegou a utilizar. O cívico conseguiu alcançá-lo, disparando alguns tiros para o intimidar, lutou com ele, e deteve-o, finalmente, apreendendo-lhe várias ferramentas, próprias para assaltos, além da pistola — que era de alarme.

Entregue á Secção de Justiça, verificou tratar-se do célebre cadastrado Armando Rodrigues Gouveia, «O Vianinha». Confessou que, há oito dias, atrás, assaltara o mesmo estabelecimento de onde furtou dinheiro e tabaco. Assaltou, ainda, desde que anda fugido, duas estancias de madeira, respectivamente, na Rua Neves Ferreira e na Avenida Cinco de Outubro, furtando, na primeira 2.200$00, e na segunda, 2.700$00. Penetrou, também, numa mercearia, no Bairro de Alvalade, rendendo-lhe esse assalto 4.000$00.

Na sua residência foram-lhe apreendidos muitos e variados objectos, que transitaram, com ele, para a Polícia Judiciária.

O Armando Rodrigues Gouveia tem uma triste celebridade na escola do crime. Conta 29 anos, é solteiro, natural de São Tiago de Litem (Pombal). As brigadas da Secção de Justiça da P. S. P. tomaram contacto com ele, há meia duzia de anos, nuns terrenos do Areeiro, onde sustentaram com o «Vianinha», ainda em princípios da sua «carreira», mas já com um assalto a uma moradia do Aeroporto, movimentada correria e saltos por barreiras, até que conseguiram detê-lo. Transitou por diversas cadeias, conseguindo algumas evasões, e ainda há dois anos, nas ruas da Baixa, ao fugir á Justiça, disparou vários tiros contra um guarda da P. S. P. que o perseguia. Preso e condenado, transitou para a Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, de onde conseguiu evadir-se, no mês de Novembro do ano findo.

Em Fevereiro deste ano, numa tarde, foi perseguido pelas ruas da Mouraria, conseguindo desaparecer, depois de ter abandonado vários artigos de que era portador. Daí em diante, tanto em Lisboa como na província, nunca abrandaram as diligências para a sua recaptura que agora se efectivou, após encarniçada perseguição.

Um filme

só para as elites?

«IMPÉRIO — «*Noites Brancas*» — Luchino Visconti, nome cimeiro da cinematografia europeia, deve ser dos realizadores menos popularizados em Portugal. Porquê? Porque as suas obras se afastam daquele sentido comercial que faz celebridades fáceis e procuram ser, antes do mais, autênticas obras de arte. Eis o que acontece com estas «Noites Brancas», em que Visconti, a par de uma lição magnífica de poesia, nos dá, principalmente, uma extraordinária lição de cinema, jogando com os sonhos e as ilusões, as dores e as alegrias, os prazeres e as desventuras de dois jovens, para, no final, num choque insólito e emocional com a plateia, a comover até ás lágrimas. A luz e as sombras, a movimentação da «camera», os grandes silêncios, a ansiedade que se espelha no rosto das duas principais figuras — são os esteios de «Noites Brancas». Neles, e na profunda humanidade que dimana das personagens, joga Visconti a sorte deste filme. Só um encenador da sua categoria seria capaz de dar vida e tão alta expressão plástica ao conto de Dostoiewsky em imagens de tão puro e requintado cinema. Temos a certeza de que o êxito comercial não bafejará entre nós «Noites Brancas»; mas não duvidamos de que entrarão pelo arco triunfal na história do cinema. Na interpretação, Marcello Mastroianni é admirável de sinceridade. Difícil viver melhor a sua figura humilde de sonhador! Maria Schell igual a si própria, e Jean Marais como habitualmente. Fotografia e musica excelentes. Secundários muito bons. Complementos agradáveis.»

(Transcrição integral da crítica de M. G. R., publicada no «Diário Popular» de 14 de Maio).

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de vários rumos; o céu estava pouco nublado em algumas regiões, muito nublado em outras e havia nevoeiro no litoral Oeste por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão complexa centrada sobre a Península Ibérica.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Porto e Lisboa, 17°; Coimbra, 19°; Faro, 22°; Funchal, 18°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ —Céu geralmente pouco nublado; vento moderado de Noroeste; nevoeiros durante a madrugada no litoral oeste do continente; condições favoráveis á formação de trovadas nas regiões montanhosas do interior durante a tarde de amanhã e pequena descida de temperatura.

O presidente do Municipio de Lisboa cumprimenta o ministro do Interior, ao chegar ao Palácio de Sintra

Almoço em Sintra

oferecido pelo ministro do Interior

aos delegados ao Congresso dos Municipios

Os membros do Congresso Hispano-Luso-Americano-Filipino de Municipios, visitaram hoje Sintra, onde, no Palácio da Vila, lhes foi oferecido um almoço pelo sr. ministro do Interior, com assistência do sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, do presidente da Camara Municipal de Lisboa e de outras individualidades. O almoço, volante e para quinhentas pessoas, foi servido na sala dos cisnes e nas várias dependências e pátios exteriores. No final houve troca de saudações.

Após o almoço, os congressistas seguiram para o Estoril e Cascais, cujo municipio oferece uma recepção no Palácio dos Condes de Castro Guimarães.

Pela manhã, os congressistas dividiram-se em grupos que visitaram os pontos turisticos da capital, o Museu dos Coches, o Matadouro e a Central Leiteira.

O alcaide de Madrid, Conde de Mayalde, não pôde assistir por ter tido de partir para a capital espanhola, em avião.

Uma feliz iniciativa

Não queremos deixar de registar, com prazer e honra para os nossos comerciantes e para que sirva de exemplo e estímulo, que o nosso País se orgulha também de saber ditar a moda.

Desta vez, coube a honra aos homens, pois são eles que criam, em grande parte, afinal, tanto a moda masculina como feminina.

Por terem conhecimento de que em Portugal há a preocupação do «Bem Vestir», reuniram-se cerca de vinte proprietários de estabelecimentos de camisaria, alfaiataria e novidades para homens, de Paris, comerciantes daquela cidade, a fim de apreciarem diversas novidades, entre as quais as que um representante de ADÃO CAMISEIROS lhes levou.

Já regressou daquela cidade o representante desta firma que nos deu conta do grande êxito obtido e do feliz resultado da iniciativa parisiense.

Parece-nos, pois, que os elegantes e aqueles que julgam as novidades dos outros países são melhores e mais bonitas, só porque são estrangeiras, estão iludidos visto que os modelos de ADÃO CAMISEIROS andam de braço dado com o que de melhor se apresenta no estrangeiro.

O PRETO NO BRANCO

Resposta a uma carta

De RAMADA CURTO

Recebi, a propósito do meu ultimo «Preto no Branco», uma carta anónima, que é tudo menos amável. Ora nesse meu artiguelho eu não escrevi nada que justificasse o tom dessa carta. Primeiro, porque não fugi ao jeito habitual desta minha colaboração, já antiga, neste jornal — o tom ligeiro de ironia que não pretende mais do que ser ligeira, se possivel graciosa e sem molestar ninguém. Bastará reparar que eu, de mim próprio, dizia estar desconfiado que sofria de varizes nos miolos. Confessava-me velho, o que só pode ser desagradável para mim mesmo e para ninguém mais. Se eu não apreciava, não gostava da arte, da musica, da literatura contemporanea, reconhecia que isso era uma infelicidade para mim só, que não podia gozar do prazer estética de que gozam os que compreendem, os que gostam, em suma os que são novos e têm uma sensibilidade, uma receptividade, uma compreensão que eu não posso ter. Essas simples linhas, se alguma coisa podiam exprimir, seria apenas a tristeza, a minha pena, de não gozar tudo isso de que gozam os homens do presente, e de que gozarão os do futuro. Isso não justificava, meu prezado e anónimo correspondente, a parelha de considerações com que me mimoseou. O que me há-de permitir é que eu continue a sorrir, ou a rir mesmo, como dizia o Tolentino de Almeida do bom Democrito, que «ria do que a nós nos faz chorar». De resto o bom gosto é um conceito vago. Só a estupidez é que é uma constante cósmica, que se poderá talvez pôr em equação. Cada um come do que gosta. Não sei se o meu correspondente sabe do que gostava o Morgado da Amora? Não lho digo porque não pretendo ser instrutivo. Permita-me que eu lhe conte um facto histórico que é o seguinte: «Aqui há uns trinta e tal anos, houve uma alteração da ordem publica da qual resultou a formação de um Governo. Havia nesse Governo, naturalmente, um ministro da Instrução Publica. Ora sucedeu que a nobre colectividade dos professores de instrução primária estava descontente com coisas que interessavam á classe e atribuia a responsabilidade das tais coisas que lhe desagradavam a um qualquer alto funcionário, director, inspector ou chefe que considerava, digamos por eufemismo, pouco inteligente. Chegado o novo ministro ao seu ministério foi logo uma enorme comissão de professores de instrução primária expor ao estadista as suas reclamações. Sua Excelência não estava e recebeu a comissão o seu chefe de Gabinete, que assim falou aos comissionados:

— Isso que os senhores querem vai tudo ser resolvido a vosso contento. Os senhores não calculam quem é este homem! Isto é uma pessoa excepcional! Bastará saber que ele resolve tudo pela matemática! Problema que se lhe apresente ele põe-no logo em equação e pôr o problema é resolvê-lo! Por matemática ele encontra a solução a tudo. Basta-lhe olhar para um homem, fazer-lhe duas ou três perguntas e fica logo sabendo se ele vale ou não vale, se é competente ou não é. Os comissionados ouviam o chefe de gabinete absortos! Que extraordinário homem será este novo ministro? — e entreolhavam-se, esperançados mas sem responder nada ao discurso do chefe de gabinete. Só um velhote, encanecido a aturar rapazes e que não podia suportar o tal alto funcionário, não se conteve e exclamou: — Ora ainda bem! ainda bem que vamos ter alguém que nos vai dar a certeza de que o Rodrigues — o tal alto funcionário chamava-se Rodrigues — é uma besta chapada! E tudo pela matemática!

Não me recordo como o caso foi resolvido. E de resto, meu anónimo correspondente, por definição, não o conheço, visto ser anónimo. Além do que eu, em matéria de matemática, não vou muito além da tabuada e se viesse a conhecê-lo não o podia pôr em equação e achar-lhe a raiz. Repito: a raiz da equação, não a de V. Ex.ª. De resto em matéria de Arte, os artistas são todos iniciadores. Inventam expressões novas e novos ideais. Quanto á sensibilidade, cada um tem a sua. Quanto ao entendimento, dizem que esse é geral. A Arte é em si mesmo o seu próprio fim e cada artista tem, como hoje se diz, a sua mensagem. A Ciência tem limitações. Ao contrário, a Arte é livre como os ventos. A menos que as suas manifestações sejam proibidas. Mas isso é uma outra questão. A Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação — disse não sei quem. Ora a Natureza não se deixa resumir. E lá para os meus sitios uma orquestra regida pelo Toscanini não chegava á filarmónica de Alcoentre e quando se lê, vai-se pouco além do Borda d'Água. V. Ex.ª é capaz de pensar de mim o que o velho professor de instrução primária pensava do tal Rodrigues. E desconfio que V. Ex.ª não me punha em equação. Que eu sou uma equação a várias incógnitas. Se eu, nem com o auxilio de uma tábua de logaritmos conseguiria resolver-me porque não me conheço bem. O que lhe aconselho é que não escreva mais cartas. Sobretudo não as assine. Não gostei da sua sintaxe, não achei bem a sua gramática, mas, como se dizia numa zarzuela, a forma literária pareceu-me preciosa. Seu correspondente agradecido:

Os projectos de lei

sobre a Constituição

As «Actas da Camara Corporativa», hoje publicadas inserem oito pareceres daquela Camara, acerca doutros tantos projectos de lei apresentados, respectivamente, pelos deputados: António Carlos dos Santos Fernandes Lima, João do Amaral, Manuel José Archer Homem de Melo, Afonso Augusto Pinto, Carlos Alberto Lopes Moreira e outros; Adriano Duarte Silva, Américo Cortês Pinto e outros; e Augusto César Cerqueira Gomes.

Foi relator de todos eles o prof. Afonso Rodrigues Queiró.

segredo alma do negócio!
NA
EMPRESA PREDIAL NORTENHA
Há Protecção e valorização do s/ capital
COMPRA · VENDA HIPOTECA DE PROPRIEDADES
HIPOTECA S/ AUTOMOVEIS SEGUROS
TRANSACÇÕES RÁPIDAS. COLHAM REFERÊNCIAS
PORTO
LISBOA
PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º-TELFS. 26706-30181 ★ PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º-TELFS. 366812-366731

TERMAS
DAS CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

DENTES
COMO ESTES
SÓ COM
PASTA MEDICINAL COUTO
CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

A história das Fundações portuguesas

(Continuação da 1.ª página)

panhia Nacional de Electricidade, para abrir mais os braços, numa nova adesão ao mundo novo. A freguesia serve-se da luz que lhe fornece uma pequena geradora da Fundação. Era inicialmente para uso próprio mas as necessidades da terra eram tão grandes que a vendem á Camara, para uso de todos. E como quem dá o que tem a pedir vem, a Fundação tem agora o seu crescimento dependente da boa-vontade com que os outros lhe resolvam as necessidades...

Então, será mais fácil a bombagem — processo de retirar a água da barragem, como privilégio especial de quem perdeu na sua construção as melhores e mais produtivas terras de regadio — então será possível instalar um aviário, para exportação de ovos e galinhas; então, enfim, será possível substituir todo o sistema motriz da Fundação, tão insuficiente que tem de se racionar a energia.

O fenómeno da máquina

Depois, também, com novas terras de regadio, será possível emprestar as suas nesgas de terra para hortejo em que se desentranhem e transmitam cuidados e dísvelos de 99 pais assoldados e seus filhos. Mais tarde, quando a Fundação encontrar terrenos de regadio para comprar, dividi-los-á em casais de família que entregará, a título definitivo, aos seus melhores trabalhadores.

Os benefícios, aliás, são ainda outros. Há a assistência médica, hospitalar — incluindo operações de alta cirurgia — medicamentos, tudo num total superior a 138 contos, no ano findo (numeros que somam no decénio para cima de 700 contos e que, de ano para ano, têm sempre subido).

De fora, naturalmente, ficarão ainda os 211 jornaleiros — são ao todo 201 as famílias abrangidas pela Fundação, quer dizer, 603 pessoas — mas não está em cada ano, a alargar-se o quadro dos que entram na posse de todos os direitos?

Cinco anos de bom trabalho dado á casa será bastante para entrar na «família». E' que o fenómeno da máquina, em Benavila, não podia ser diferente do que vai pelo Mundo: á medida que a lavoura se mecaniza, vai reclamando mais gente: a terra produz mais e melhor e com menor esforço. Não vai a máquina promovendo o trabalhador rural a especializado?

—Temos cada vez mais gente e cada vez a terra reclama mais braços — diz-nos um dos directores da obra — e, daí, verem-se paralisados certos trabalhos urgentes: a conclusão da barragem privativa, a construção do grande depósito de vinho, na adega; a casa onde se fará o curso prático de ensino doméstico; o aviário... Repare, a própria vinha se multiplicou em numero de cepas e em produção e, isto, em grande parte, porque o trabalho foi nela mecanizado, até mesmo o da cava. Pois, ali, como nos olivais, faltam braços a tempo e horas. E não faltam, também, nos extensos campos, donde estamos a arrancar as azinheiras?...

Sim, é verdade, saibam-no quantos a quem interessa o exemplo, as azinheiras, em certas terras da Fundação, estão a ser arrancadas. A casca há-de render bem pago tanino. Mas não é por isso que as deitam abaixo, antes porque ali, nesses campos votados até agora ao trigo, vão surgir outros produtos mais industrializáveis: tomate, rícino e até algodão, tudo de colocação desde já assegurada no mercado!

E' a terra, este labor intenso de progresso que dá ao homem seu tratador perspectivas de mundos novos. Também aos engenheiros e regentes agrícolas que os conduzem — estes são dois — a verdadeira escola do saber humano e uma razão mais justa da sua sabedoria. Todos eles são homens que sabem o que querem e o que vale aquilo que estão a fazer.

E só assim, na verdade, vale a pena trabalhar... Porque só assim poderão dar novas raizes e seiva á vida das crianças. Essas que não são muitas em Benavila, as dos filhos dos assoldados — que aberração impede a multiplicação dos seres no Alentejo? — jornaleiros e operários da Fundação ou, até, os que lhe sendo estranhos, nela encontram amor, amparo e estímulo.

Rapazes e raparigas

Enquanto não se constrói o edifício da escola primária da Fundação, vinte e dois filhos dos trabalhadores vão á escola oficial de Benavila. Moram aqui e vão almoçar cola, têm um estágio de pre-pepa-ajudam-nos a vestir. Depois do exame de instrução primária, como a lei os não deixa ingressar na Escola, fazem um curso de pre-preparação: eles terão preparação complementar rural de dois a quatro anos, com serviços no campo; elas vão aprender «pontos» de bordados e rendas, sob as vistas de rapazes e raparigas da Escola. A noite, frequentam os cursos de extensão cultural que são no fundo a preparação para o exame de admissão. Depois dos 14 anos, feita a Escola Rural, cada um, dentro de certas condições, sobretudo ditadas pela sua inteligência e conduta, poderá escolher o seu caminho. O liceu, a escola técnica? A Escola Rural José Godinho de Abreu, um nome que é homenagem á memória do mais lavrador dos três irmãos, será, de qualquer modo, o seu segundo lar, nas férias — as ajudas nos estudos, cá fora, vão de 40 a 80 por cento, para propinas e internato e há prémios anuais de acordo com as notas, de 500 a 3 mil escudos — pois eles e elas não perderão o contacto da Fundação nem a lição que desta receberam.

E' agora a partir dos 14 anos, que frequentam a Escola Rural — ganham no 1.º ano 60 escudos, no 2.º ano 90 e no 3.º ano 120 — que vão estreitar-se os laços dos rapazes á Fundação. A escola é linda, limpa, funcional. Tem um anexo a que chamam «casa de malta» e que são modernos e higiénicos dormitórios com seis camas a par—. As camaratas não têm portas — e as salas de aula são amplas, luminosas, como o refeitório, onde se juntam á hora das refeições, as raparigas do curso doméstico que presidem ao ritual da comida e aprendem, como eles, a estar á mesa.

Dois anos deste curso para eles é de preparação geral; o terceiro é de aperfeiçoamento. Dali saem sabendo de tudo que respeita ao campo e á industrialização da lavoura, porque trabalham, aprendendo; dali eles partem, se querem e o merecem, por seus dotes especiais, a aprender de coudelaria na Fonte Boa, de pomares, em Alcobaça, de apicultura, na Tapada da Ajuda, de galináceos, na Venda Nova, de regadio em Braga, de arrozais, no Vale do Sado.

Podem fazer-se regentes agrícolas, engenheiros ou veterinários. Recorde-se, entretanto, que a Escola Rural, como as ajudas que ali prestam, para cursos médios e superiores não são apenas para filhos de assoldadados mas de quantos no concelho de Avis mostrarem devoção pela Fundação, inteligência e amor ao estudo. São hoje, ao todo, 56 rapazes os que frequentam a escola. E se mais lá não vão, é que esta mais não comporta.

A mulher é para casa

As moças também frequentam a Escola. São externas, como eles têm direito a todo o material didactico, roupas, calçado e alimentação. Mas na região a mulher não trabalha a terra. Fica em casa — coitadas das suas irmãs nortenhas! — cuidando dos filhos, do marido. Se é casadoira, anda nas mondas, nas ceifas e na apanha da azeitona. Ganhará, para compra do enxoval. Daí, a criação dos cursos domésticos — em regra, só depois de casadas fazem a aprendizagem de donas de casa — cursos que são práticos e ao mesmo tempo lucrativos. E' que, nos três anos que frequentam a Escola receberão material para o enxoval, no valor de dez mil escudos. Cada uma, ao entrar, recebe a arca pintada ao gosto da região. Quando o curso terminar, levá-la-á cheia de peças de bom pano, delicadamente bordadas, mantas tecidas, fiadas e tintas por elas próprias, conjuntos finos, de «tricot», feitos á máquina, seu brinquedo de encantar...

São oito, apenas, por agora, as que chegaram com mais de 14 anos e três as dos cursos de pré-formação. Que de caminhos andados, nos poucos meses da Escola! Quando tiverem feito o 2.º ano, transitarão para o 3.º que é de aperfeiçoamento. Então, numa casinha de tipo rural, feita propositadamente para o seu ensino — tem casa de banho, cozinha, casa de arrumações, três quartos e a sala de entrada, pátio com poço e flores — aprenderão puericultura, administração caseira, a arte de fumeiro, de fazer compotas e conservas. Então, também saberão tratar da casa, do marido e dos filhos; aprenderão a cozinhar pratos que sendo-lhes estranhos lhes são necessários. Serão educadas, dadas á leitura, ao gosto das coisas de arte; a música, o canto e o desenho são-lhes facultados, não lhes faltando, para eles e elas um rancho folclórico que canta e dança modas antigas colhidas na região. E se algum deles tiver queda para as artes plásticas porque não há-de seguir o seu destino de artista?

Se tudo se passar como os senhores da Fundação projectaram, daqui a um ano terão um centro maternal, lactário e cheche, e, sobretudo, uma escola pré-primária, ao jeito dos jardins-escolas João de Deus mas naturalmente subordinada ao meio rural. Os meninos da Benavila terão assim um contacto pré-natal com a Fundação que a todos dará um ninho e umas asas para voar.

O beiral preferido

Não é ela já hoje o seu beiral preferido? Quem os ensinou, aos que andam na escola primária, a correr para ali, mal acabaram as aulas?

Um dia, apareceu um, timidamente, a encostar a cabecita gracil no vidro de uma janela. Entrou, merendou, brincou, sentou-se numa carteira a fazer os seus deveres e partiu, sem que lhe pedissem o nome. No dia seguinte, vinham com ele quatro ou cinco. Hoje são quase todos os que vão ás escolas primárias oficiais. Ninguém lhes pergunta quem são nem quantos somam. Entram, estudam já com um aluno crescido para os guiar, saem, sentem que aquela é a sua casa futura. A casa do seu futuro, a que lhes há-de dar segurança na vida, para a competição técnica que aí vem.

Que grande e humana lição se encerra nesta obra!

—Mas será ela fiel á região? — pergunta alguém esclarecido. — Não irão estes homens debandar, sentindo-se incontidos pelos deveres de sujeição á terra?

O dr. Pimenta Presado é optimista. Por que não acerditar no grande amor do Alentejano á sua terra? E os casais agrícolas não serão raizes que vão prendê-los aos campos úberes de Benavila e outras herdades da Fundação Abreu Calado?

Nem todos, aliás, farão do bem-estar concedido o mesmo conceito. Para esses, os homens poderão livremente partir e ser uteis ao País, porque Portugal é de todos os Portugueses. E, assim, ficará á Fundação a função de renovar e renovar-se, no seguimento de um programa que não foi pré-fabricado mas criado e trazido para a vida, com a força ingente de um grande e devotado coração. Foi esta, na verdade, a impressão forte que trouxemos e que nesta reportagem quisemos deixar expressa.

SIDERURGIA NACIONAL

S. A. R. L.

SEDE: Rua Braamcamp, 7

Comunica que os seus telefones vão ser alterados, passando a partir do dia 16 a ter os seguintes números:

Serviço PERMANENTE	**733151**
DIRECÇÃO GERAL	733159
Serviço de Informação	733153
DIRECÇÃO ADMINISTRATIVA	
Secretaria	733152
Serviço de Compras	733154
Serviço de Contabilidade	733156
Serviço de Pessoal	733158
DIRECÇÃO TÉCNICA–Secretaria	733155
Serviço de Construção Civil	733157
ESTALEIRO – SEIXAL	
Serviço PERMANENTE	**021211**
Serviço de Estaleiro	021216
Serviço de Construção Civil	021212
Serviço de Equipamento Eléctrico	021213
Serviço de Montagem	021214
Serviço de Armazém	021215

Estilo harmonioso, acabamentos perfeitos, facilidade e suavidade de funcionamento, lavagens impecáveis, economia de manutenção, eis algumas das vantagens que lhe oferece a Maytag.

Refrigeração POLAR

REPRESENTANTES

RUA DA EMENDA, 66 R/C—LISBOA

TEL. 36 72 11 — 2 23 96

O restabelecimento de Maria do Rosário

(Continuação da página central)

Rosário que ia casar-se com um moço electricista-montador...

Pouco a pouco, a receita foi subindo. Subiu mesmo a 48.356$90 — e tanto até parecia milagre, num país em que só se concebe a graça de dar para matar a fome...

Ora, a Maria do Rosário não tinha fome. Conquanto fosse muito pobrezinha, não lhe faltava que vestir ou comer, pois vivia á sombra protectora da madrinha. O que se pretendia era restituir ao rosto da Maria do Rosário os traços que o fogo lá deixara.

Quanto custava a série de operações e a hospitalização?

A' generosidade daqueles que se subscreviam com dinheiro, somar-se-ia, em primeiro lugar, a colaboração de uma equipa de técnicos, chefiada por um especialista de cirurgia plástica — e, ainda, a contribuição de uma instituição hospitalar.

O «Diário de Lisboa» encontrou na competência, inteligência e afectuosa assistência do ilustre cirurgião, sr. dr. Elias Damião Pires, um dos nossos raros especialistas de cirurgia plástica, um constante e paciente interesse que não podemos deixar de registar, por muito que o façamos contra a sua vontade. A seu lado, desde a primeira hora, esteve sempre o distinto anestesista, sr. dr. Avelino Fernandes Espinheira. O melhor elogio da sua colaboração estará em dizer-se que o sr. dr Elias Damião Pires o chamou sempre para a sua beira, de cada vez que tinha de operar Maria do Rosário. Mas, a somar á dedicada e carinhosa atenção do sr. dr. Elias Damião Pires e do sr. dr. Avelino Espinheira há, ainda, a do radiologista, sr. dr. António Celso Lopes; a do analista, sr. dr. Coelho França; e a do sr. dr. Filipe Vaz, especializado em serviços de sangue. Todos eles colaboraram generosamente nos trabalhos de cirurgia levados a cabo com feliz resultado, pelo sr. dr. Damião Pires, a cuja equipa é preciso juntar os nomes dos seus assistentes, srs. drs. Fernando Cavaca, Horácio Flores e Jorge Monteiro, e, ainda, das enfermeiras, sr.as D. Maria do Carmo Pinheiro, D. Lídia Santos e D. Maria de Jesus Abrantes.

A todos o «Diário de Lisboa» exprime os seus melhores agradecimentos.

A colaboração do Hospital de Jesus

Não seria possível, porém, que a vontade dos leitores do «Diário de Lisboa» obtivesse tão felizes resultados, se não fosse a generosa participação da mesa administrativa do Hospital de Jesus. O sr. dr. Damião Pires necessitava de um ambiente de trabalho que correspondesse á delicadeza das operações que ia fazer e nenhuma sala de operações, em Lisboa, correspondia melhor a tal necessidade. Deste modo, o «Diário de Lisboa» procurou e encontrou no director e fundador do Hospital de Jesus, sr. Paulo Anunciação, um admirável e generoso espírito de solidariedade, pondo á disposição da Maria do Rosário toda a hispitalização que fosse necessária. O carinho do sr. Paulo Anunciação e da sua família, como o da irmã superiora, da irmã Aurora (da sala de operações) da irmã Amélia, da irmão Alcina e da irmã Filomena (da enfermaria de Santa Isabel) sem esquecer o de todo o pessoal menor, muito ajudaram, deste modo, a tarefa que o «Diário de Lisboa» ia realizar, por mandato dos seus leitores.

Podemos acrescentar, para dar ás palavras o seu justo valor que Maria do Rosário esteve internada 265 dias e que, se tivesse de pagar, gastaria 13.380$00. O valor da serventia da sala de operações e outros serviçis subiu a 6.980$00, o que equivale a dizer que a jovem heroina da Marinha Grande fica a dever á generosidade do Hospital de Jesus 20.360$00, o que na verdade, é uma contribuição admirável que não podemos deixar de registar com o merecido relevo e reconhecimento.

Breve história

Resta dizer, neste relato numérico, que Maria do Rosário foi pela primeira vez submetida á observação do sr. dr. Damião Pires, no dia 16 de Dezembro de 1955. Apresentava cicatrizes da face e da fronte, com reviramento para fora da pálpebra direita ulcerada; e na mão direita, além do dorso, o polegar e o pálpebra destruida, a testa e a face, melhorando muito o comportamento da mão.

A primeira intervenção cirurgica fez-se a 3 de Maio de 1956 e, daí até 13 de Abril findo, Maria do Rosário foi submetida a mais nove intervenções. A ultima foi um tratamento abrasivo. Mas todas elas, de grande delicadeza, reconstituiram-lhe a pálpebra destruida, a testa e a face.

Maria do Rosário saiu hoje do Hospital de Jesus e regressou, contente á Marinha Grande. Leva consigo, além da alegria dos resultados de um trabalho cirurgico perfeito, o saldo que sobe a 33.752 escudos.

A jovem heroina da Marinha Grande vai, em breve casar-se, com o moço que a preferira antes do grave acidente. Como começo de vida, Maria do Rosário leva mais de 30 contos. Antes de partir, pediu-nos que deixassemos, para os nossos leitores que a ajudaram, os seus maiores agradecimentos. Eles aqui ficam.

Ateneu Comercial

No Ateneu Comercial de Lisboa está aberta até amanhã a «I Exposição Evocativa da Actividade Acelista», na qual se patenteia a valiosa obra daquela agremiação.

Necrologia

Aida da Silva Leitão

Faleceu a sr.ª D. Aida da Silva Leitão, de 65 anos, natural de Elvas, viuva, mãe da sr.ª D. Sofia Angélica Leitão Passos e do sr. Sousa Leote Cavaco. O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Ld.ª, do Largo Frei Heitor Pinto, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja de S. João de Brito para o cemitério do Lumiar.

Joaquim Pinto Assalino Gonçalves Marinha

FIGUEIRA DA FOZ, 16. — Faleceu o sr. Joaquim Pinto Assalino Gonçalves Marinha, abastado proprietário, de 76 anos, natural do lugar de Barra, deste concelho, casado com a sr.ª D. Maria José Figueiredo Cardoso Assalino; irmão do sr. dr. Lino Pinto, que durante largos anos tem exercido a advocacia em Lisboa, e pai da sr.ª D. Maria Leonor Figueiredo Assalino e dos srs. Carlos, Fernando, João Paulo e Alexandre de Figueiredo Assalino. O funeral foi muito concorrido e o ataude seguiu em auto-funebre para jazigo de família em Coja, concelho de Arganil, terra da naturalidade de sua esposa.

D. Elvira Correia Esteves

FIGUEIRA DA FOZ, 16. — Faleceu a sr.ª D. Elvira Correia Esteves, viuva, de 82 anos, mãe do sr. Augusto Esteves da Silva e tia do sr. José Esteves Martins, ambos funcionários dos escritórios da C. P. O funeral, realizou-se para o cemitério oriental, desta cidade.

ROMAGEM

Dr. António Pedroso Pimenta

Para comemorar a passagem do 2.º aniversário do falecimento do dr. António Pedroso Pimenta, que foi o primeiro presidente da assembleia geral da Sociedade Portuguesa de Contabilidade, a direcção promoveu esta tarde uma romagem ao seu tumulo, no cemitério do Alto de S. João, onde foram colocadas flores.

Desvaneceram-se as esperanças de encontrar os restantes cadáveres dos tripulantes do «Dakota»

As pesquisas para a localização dos destroços do «Dakota» da Força Aérea, que se despenhou na baía de Cascais, atingiram o seu termo. Apesar dos esforços desenvolvidos pela Marinha de Guerra, não foi possível atingir um dos principais objectivos: a recolha dos restantes corpos dos tripulantes do aparelho.

Continua também por esclarecer qual foi a causa do desastre. A hipótese de explosão não é de considerar pois nos fragmentos recolhidos, não há a mais pequena indicação de incêndio.

Quanto aos corpos dos militares que viajavam no avião, encontram-se desvanecidas quaisquer esperanças de eles virem a dar á costa, pois, como o «Dakota» ainda ia no começo da viagem, as pessoas ainda se encontravam amarradas ás cadeiras pelos cintos e os corpos não puderam voltar á superfície, tendo sido, assim talvez levados para outras paragens lodosas que abundam nas proximidades e para um fundão de centenas de metros.

A Marinha fez tudo quanto humanamente lhe era possível para os arrancar do fundo do mar. A zona foi largamente pesquisada com formações de navios, que até no campo da técnica foram adaptados a esses trabalhos.

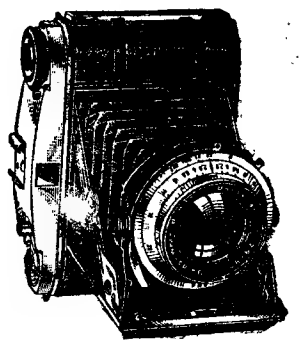
Os elementos recolhidos até agora indicam claramente que se chegou ao fim. No entanto, o local continua assinalado com boias.

As duas operações ao coração no Hospital de Santa Maria

Despertou natural interesse, não só entre o publico, mas também, em especial, no mundo médico, a notícia referente aos trabalhos de cirurgia cardíaca, levados a efeito, no Hospital de Santa Maria, onde o prof. Jaime Celestino da Costa operou dois casos, com o coração aberto e sem sangue, devido a um novo método que permite uma curta interrupção da circulação. O êxito destas operações constitui o resultado de aturados estudos, em que colaboraram, em relação ao primeiro doente, a secção de cardiologia da Clínica de Pediatria, de que é director o prof. Carlos Salazar de Sousa, e, no segundo, a secção Central de Cardiologia, da Propedeutica Médica, dirigida pelo prof. Eduardo Celho.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—68 00 22

Visite o seu fornecedor habitual e exija que lhe mostre a
Baldi 29
uma maravilhosa produção
Balda
a grande marca alemã de máquinas fotográficas de alta classe que está revolucionando o mercado português



PREÇO ESC. 690$00

Formato 6×6 cms. Objectiva de alta classe e de grandíssima luminosidade «Baldanar» 2, 9, permitindo fotografar com luz fraquíssima. Obturador «Pronto» com disparador automático e sincronização. Visor muito claro e nítido. Disparador na carcaça. Pode trazê-la no bolso

Uma máquina de categoria vendida a um preço verdadeiramente sensacional

*

Representante: SOC. DE REPR. M. SIMÕES JR., LDA.
Rua da Conceição, 46-1.º
Telefs. 31545 - 31546 — LISBOA

ATENÇÃO SRS. AUTOMOBILISTAS

Em virtude do elevado numero de automóveis que, da parte da manhã, afluem á Estação de Serviço «Smiths», recomendamos sos serviços de lubrificação e lavagem da parte da tarde, de preços serviços de lubrificação e lavagem da parte ad tarde, de preferência das 18 horas em diante, visto os mesmos funcionarem sem interrupção até ás 2 horas da madrugada.

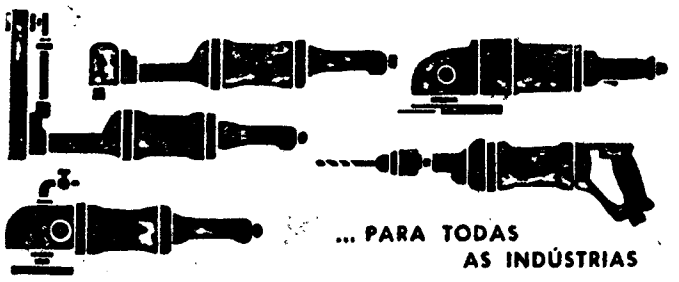
4 Elevadores ● 2 recintos de lavagem ● Produtos «CASTROL» Serviço impecável ● e ambiente agradável ● são os principais atractivos que têm contribuído para uma afluência crescente que se procura orientar no melhor sentido.

SERVIÇO OFICIAL Castrol

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 73 B (Tel. 732574)

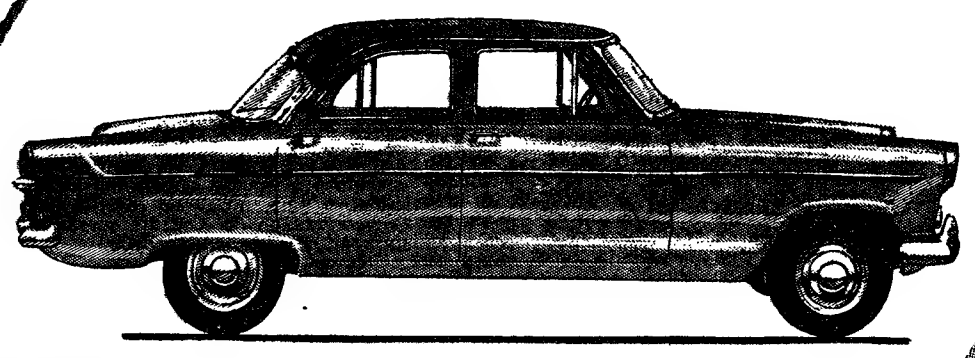
Na Popular
Lotaria de Santo António
Estão ao seu alcance
8.000 contos por 500,00
4.000 contos por 250,00
400 contos por 25,00
Duas séries de bilhetes
Divididos em décimos com
Bilhetes baratos, prémios interessantes
e, três terminações
Para registo mais 2,50
não se enviando à cobrança
À venda na
Casa Costa
75, Rua de S. Paulo, 77 — Lisboa
QUE
por graça de Santo António
será sua intermediária na boa distribuição dos
8.000 contos

FERRAMENTAS ELÉCTRICAS
BOSCH E LESTO



... PARA TODAS AS INDÚSTRIAS
Representante Exclusivo:
ENG.º GUSTAVO CUDELL
PORTO - Rua do Bolhão, 157 - Telef. 23484-20282
LISBOA - Filial: Av. do Aeroporto, 1 C - Telef. 710342

MODELOS 1959



FORD CONSUL 4 CILINDROS

FORD ZEPHYR 6 CILINDROS C/ E S/ TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA

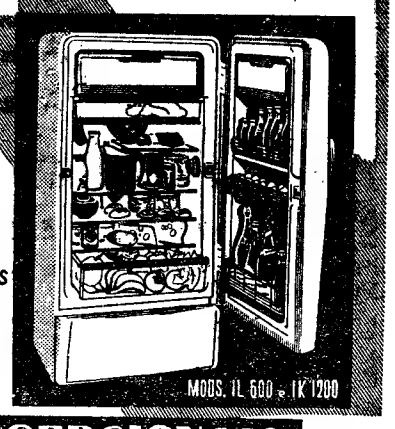
2 PRODUTOS DA FORD-DAGENHAM CONCEBIDOS AO GÔSTO CONTINENTAL

Demonstrações e exposição nos CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

J. MENDES COELHO, LDA. RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A • TEL. 46147-43523 — LISBOA — AUTO BOAVISTA, LIMITADA RUA DA BOA VISTA, 81-B • TEL. 669141-44

IGNIS

A MELHOR E MAIS CUIDADA PRODUÇÃO EUROPEIA DE FRIGORÍFICOS DE LUXO



4 MODELOS DE SÓLIDA CONSTRUÇÃO E IMPECÁVEL ACABAMENTO

MODELO I 400 – 140 LITROS
» IL 600 – 160 »
» I 800 – 180 »
» IK 1.200 – 200 »

MODS. IL 600 e IK 1200

PREÇOS EXCEPCIONAIS

MODS. I-400 e I-800

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO COM PRESTAÇÕES MENSAIS DESDE 170$00

- INTERIOR EM ESMALTE DE PORCELANA
- CONGELADOR DE GRANDE CAPACIDADE
- PORTA COM APROVEITAMENTO TOTAL
- GAVETA PARA CARNES • GAVETA PARA LEGUMES
- MANTEIGUEIRA • LUZ INTERNA AUTOMÁTICA
- UNIDADE SELADA DE GRANDE RENDIMENTO E PEQUENO CONSUMO
- 5 ANOS DE GARANTIA

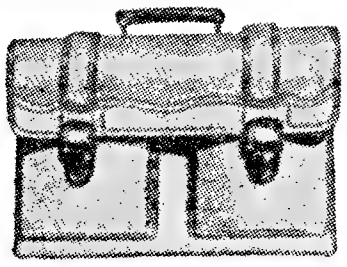
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 5 91 81 • LISBOA
NO NORTE: — M. SIMÕES JR., LDA. • R. ST.º ANTÓNIO, 208 • TEL. 25581 • PORTO

Em ALCOBAÇA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Agência de JOSE' NARCISO DA COSTA.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

CAFÉ CORUJA
RESTAURANTE TÍPICO
CORUCHE — Telefone 114
PRATOS REGIONAIS
Caldeirada á Sorraia, Ensopado de Enguias, Lampreia com Arroz á Moda da Casa, Filetes á Marisqueira, Lombo de Porco no Espeto, Frango de Caril á Coruja, Bifes de Vaca na Caçola, Cabrito á Moda da Casa.
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

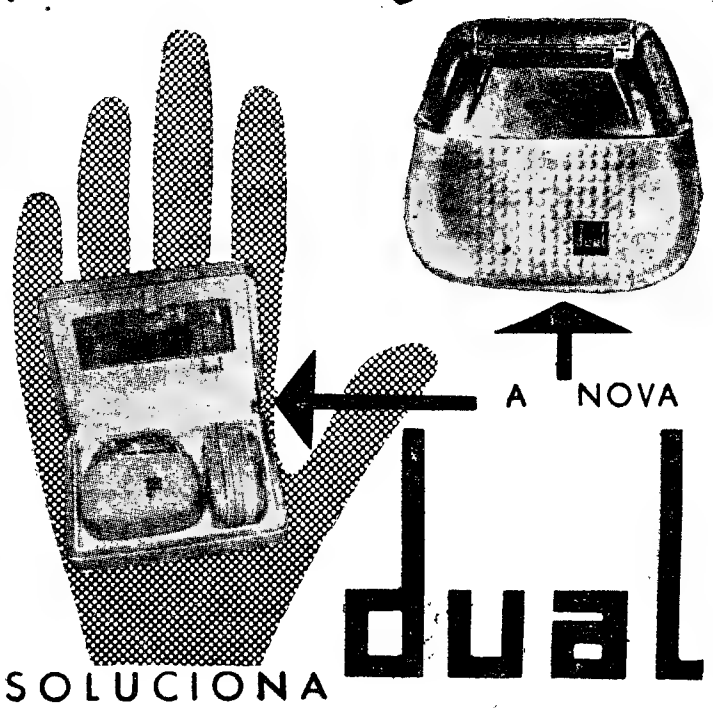
PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A Comprido—R. Madalena, 97

ADULTOS
Exames 3.º e 4.º classes
GARANTIDOS EM JUNHO
Largo Chão Loureiro, 1, 2.º
Tel. 862244, das 9 ás 23 horas

Contra Pêlos
já não há argumentos!



A NOVA dual SOLUCIONA TODAS AS BARBAS

dual a máquina de barbear com sistema de corte duplo

À VENDA NOS AGENTES DA GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

ERAM quase nove horas quando tocou o telefone.

— Glens Falls chama o dr. Van Eyck! — avisou a telefonista e respondeu:

— E' ele quem fala!

Depois do habitual «pode falar», estabeleceu-se o seguinte diálogo:

— Aqui fala o dr. Haydon, do

Matou o filho pelas suas mãos

Texto integral da narrativa de

Billy Rose

Hospital de Glens Falls: acaba de dar aqui entrada um garoto, com uma bala na cabeça. Sofre de abundante hemorragia e tem o pulso muito fraco!

— Mas eu estou a 100 quilómetros de Glens Falls — respondeu o dr. Van Eyck. — Já procurou estabelecer comunicação com o dr. Mercer.

— Já! mas não foi possível encontrá-lo! — disse o dr. Haydon. — Acontece, também, que o pobre rapaz é daí, da sua cidade. Viera aqui passar o fim-de-semana, com alguns parentes, e foi atingido por uma bala de calibre vinte e dois, quando brincava com uma pistola que se disparou.

— O pequeno é, então, de Albany? — perguntou o dr. Van Eyck —. Como se chama?

— Arthur Cunningham!

— Não o conheço! De qualquer maneira, porém, aí estarei o mais depressa possível! Está a nevar fortemente, mas julgo que poderei chegar antes da meia-noite.

— Devo informá-lo, entretanto, que os pais do pequeno são pobres, e não há, portanto, muitas probabilidades de que lhe possam pagar!

— Não importa — respondeu o dr. Van Eyck, desligando o aparelho.

*

Alguns minutos depois, o automóvel do cirurgião parava diante de um sinal vermelho nos arrabaldes de Albany, já a caminho de Glens Falls. De repente, surgiu um homem, de casaco de cabedal castanho, que abriu bruscamente a porta do carro e entrou:

— Vamos para a frente! — intimou o desconhecido — e fique muito quietinho! Estou armado!

— Eu sou médico e vou atender uma chamada urgente! — protestou o dr. Van Eyck.

— Nada de conversa fiada! — retorquiu o assaltante —. Carregue no acelerador!

Quando o automóvel transpôs os suburbios da cidade, ordenou, então, ao médico que abandonasse o volante e desapareceu velozmente com o carro.

O dr. Van Eyck andou a pé durante mais de meia hora até encontrar um telefone, e foi necessário usar de muitas e insistentes palavras de persuasão para convencer o pessoal de uma garagem a enviar-lhe um táxi. Quando, porém, chegou á estação dos caminhos de ferro soube que o próximo comboio só partiria dez minutos depois da meia-noite.

*

Já passava das duas horas da madrugada quando o cirurgião chegou ao Hospital de Glens Falls. Ali o esperava o dr. Haydon.

— Fiz tudo o que me foi possivel — foi dizendo o dr. Van Eyck —, mas o meu carro...

— Eu compreendo — atalhou o dr. Haydon —. Infelizmente, o pequeno morreu há uma hora.

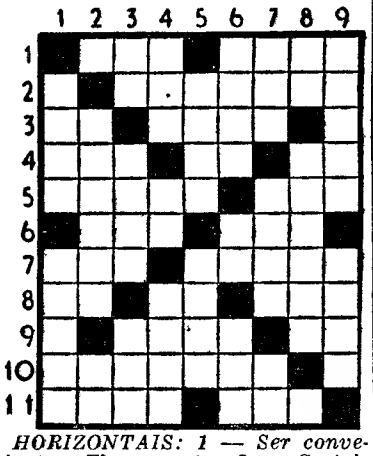
Quando, porém, os dois médicos atravessavam a sala de espera, o dr. Van Eyck parou subitamente. Num dos bancos, amarfanhado, com a cabeça entre as mãos, estava o homem do casaco de cabedal de cor castanha.

— Sr. Cunningham! — chamou o dr. Haydon —: Apresento-lhe o dr. Van Eyck, de Albany! Ele fez tudo o que pôde para ver se conseguia chegar aqui a tempo de salvar o seu filho!...

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1596



HORIZONTAIS: 1 — Ser conveniente. E' presente. 2 — Cortais com serrote. 3 — Algum. Vento quente do Sul. 4 — Santo. Prefixo de negação. O mais. 5 — Calculem. Nome de um jogo. 6 — Cabelos brancos. Deusa. 7 — Porém. Nome de homem. 8 — Preposição. Pronome pessoal. Arvore com cujo casca se aromatiza o vinho. 9 — Cidade de Itália. Catedral. 10 — Entusiasmado. 11 — Cure. Pegadeira.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho da Mealhada. Simples. 2 — Assinalam. Em a. 3 — Fazes parte de. Vazias. Gracejar. 4 — Divisão do tempo. Artigo definido. Um dos apóstolos de Cristo. 5 — Mau. Leão americano. 6 — Estavam. Preposição. Nome de mulher. 7 — Santo. Conceda. Artigo definido. 8 — Pronome pessoal. Aves trepadoras. 9 — Abrigo. Liquido gorduroso.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1595

HORIZONTAIS: 1 — Miliciano. 2 — Ião. Orno. 3 — EM. MAIO. 4 — Rã. Ar. 5 — Sic. Raro. 6 — Recomenda. 7 — Eden. Mia. 8 — De. Cá. 9 — BEBE. Se. 10 — Pode. Bug. 11 — Orientado.

VERTICAIS: 1 — Miem. Rede. O : 2 — Iam. Sede. Pr. 3 — Ló. Nice. BOI. 4 — Concede. 5 — Coar. Aben. 6 — Iriarem. 7 — Ano. Anis. Ba. 8 — NO. Arda. Sud. 9 — Troa. REGO.

Provérbio: Em maio bebe o boi no rego.

SAIAS 175$00

SÉCIA

BOUTIQUE

31 - Rua da Conceição

Tel. 30546 — Lisboa

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

trabalho muscular e calor; desse trabalho e desse calor, dessa chama viva existencial dependem a ambição e o sonho, o bem-estar interior, a boa disposição e a certeza, o desejo de lutar e vencer inesperados obstáculos, incompreensíveis atitudes do nosso estranho semelhante e da própria e misteriosa existência, complicada de vivências. A sacarose, por exemplo, fornece extraordinária energia, vigor e decisão ao soldado em manobras ou em combate (durante os exercícios militares os soldados da nossa África preferem o açúcar à carne), emprestando-lhe maior dureza e resistência.

Nas regiões agrícolas, durante as as vindimas, os trabalhadores rurais preferem as uvas a outro qualquer alimento. Os Judeus e os Árabes, na conquista paciente do Neguev, sonho milenário que dia-a-dia se transforma em realidade, alimentam-se de frutos secos, muito ricos em açúcares, especialmente tâmaras e passas, segredo da energia e sobriedade dos conquistadores dos areais escaldantes.

De resto, qualquer que seja o tipo de alimentação do homem, todos os elementos são transformados em glucose, clivados, demolidos, modificados devido à presença de diástases hidrolizantes. O estado último, adicionadas as degradações sucessivas, é a glucose, grande fonte de energia em potência, alcunhada pelos fisiologistas de «carvão do músculo». A presença de glucose é indispensável para que a contracção muscular se efectue regularmente. O conhecimento deste facto é muito velho. Já Claude Bernard, em suas lições do Colégio de França, publicadas depois da morte do grande fisiologista, assinalara o papel das substàncias açucaradas no desenvolvimento e crescimento do organismo.

A sacarose (acrescento mais um exemplo a tantos outros) favorece a assimilação dos prótidos, moderando o desgaste. Compreende-se, pois, a importância da utilização dos frutos, ricos em açúcar, na ração diária. Ainda mais: a glucose intervém na constituição do protoplasma, estimula a assimilação das gorduras e albuminas e ajuda a fixar a água e os oligoelementos, tão abundantes na água do mar. As geleias e as compotas de frutos são muito úteis nos períodos de maior intensidade de trabalho, nas vésperas dos exames, por exemplo, sempre que o frágil organismo da criança ou do adulto seja obrigado a um maior rendimento físico ou intelectual.

Os trabalhos de Müller e Kirscheim demonstram, com rara clareza, que a glucose facilita e reforça a contracção cardíaca, razão que levou Salig a aconselhar o uso de açúcar nas dietas dos doentes portadores de cardiopatias várias.

As cardiodistrofias melhoram com o açúcar e o sumo de uva, rico em glucose e potássio. Loeper, de Paris, insiste em aconselhar a ingestão diária de grandes quantidades de uvas ou de sumo. Por quê? Não representará o alimento de eleição do músculo cardíaco? Além disso, convém recordar que o sumo de uva (veículo ideal para determinados e científicos suplementos alimentares) trava de uma maneira espectacular a destruição das substâncias azotadas.

Os sumos de frutos, por estas e ainda outras razões que não vem a propósito mencionar, encontram-se indicados nas rações dos tuberculosos: frutos, compotas, marmeladas, geleias, associados ao arroz com casca e levedura de cerveja. Porém, a riqueza, em açúcar, dos frutos varia de acordo com a época da colheita.

Cem gramas de uvas maduras contêm vinte e quatro gramas de açúcar. Aqui está, agora, mais um apontamento a fixar e a reter, quanto ao valor em calorias por quilo de fruto: morangos (400 a 450); laranjas (500); pêras, ameixas, pêssegos e alperces (600 a 760); cerejas (770); figos maduros (800); bananas (900); uvas (910); amêndoas (4.610); castanhas (1.130). Calorias por quilo de frutos secos: alperces (2.624); maçãs (2.749); pêras (2.751); figos (2.764); passas (2.962); ameixas (3.010); tâmaras (3.080); farinha de castanhas e alfarroba (3.640); amêndoas (6.058); nozes (6.199) e avelãs (6.366). Um quilo de sumo de uvas fornece 900 calorias, mais do que a batata (650) e o leite (700). Cem gramas de bananas maduras emprestam ao organismo tantas calorias como idêntica quantidade de carne não congelada.

As mães têm razão quando insistem com os filhos para, após o almoço ou o jantar, mastigarem cuidadosamente uma ou duas bananas.

A tâmara é um bom alimento, sendo a sua composição, em média, por cem gramas, a seguinte: água (43,60); prótidos (2,90); tanino e glucose (47,90); vestígios acentuados de inulina; substâncias gordas (0,40); celulose (1,90); e sais minerais (3,30). A digestão das tâmaras faz-se com muita facilidade e, ainda por cima, são fracamente laxativas.

Muitos frutos da nossa África e de outras províncias ultramarinas, ainda mal estudados, possuem igualmente grande valor alimentar. Pena é que se encontrem tão raramente na metrópole.

Existem frutos em que predomina a levulose, isómero da glucose ou da dextrose. O primeiro daqueles açúcares é melhor tolerado pelos diabéticos. Os pêssegos e os morangos, dentro de determinados limites, são inofensivos para os glicosúricos. Achard, conhecido especialista, recomenda os alimentos ricos em levulose na ração dos diabéticos: frutos escolhidos, mel silvestre e alcachofras. A laranja tem o seu lugar: altera a monotonia do regime alimentar, alcaliniza o organismo e combate a prisão de ventre.

Os diabéticos não devem comer uvas, figos, bananas e castanhas, atendendo a que todos estes frutos são ricos em substâncias que se transformam em glucose. De resto, em todos os países se fabricam geleias e compotas sem açúcar, que são deveras apetitosas e com óptimo paladar.

A inosite, existente nas uvas e no sumo, é um tonicardíaco, além de se tornar indispensável ao desenvolvimento da célula e ao crescimento dos tecidos. A levedura de cerveja é rica desta substância, além de ser tonicardíaca e altamente nutritiva.

Conhece-se, depois dos trabalhos de Liebig (o Barão Justus Liebig nasceu em Darmstadt, na Alemanha, a 14 de Maio de 1803 e morreu em Munique a 18 de Abril de 1873), que o organismo animal transforma os glúcidos em gorduras. Todos sabem que as abelhas, alimentando-se exclusivamente de açúcar, fabricam cera. Está também demonstrado, desde há muito tempo, que a célula transforma os hidratos de carbono dos alimentos em gorduras.

Os alimentos de origem vegetal são ricos em celulose. Recolho alguns exemplos, para guia dos interessados (percentagens por cem gramas de alimento): pão branco (0,30); pão inteiro ou completo (1,30); alcachofras (2); couve, tomate e favas (1); espinafres (0,90); feijão verde e batata (0,60); alface e ervilhas novas (0,50); nozes e figos (7,50); morangos (2,20); laranjas (1,50) e bananas (0,20).

Na atonia intestinal estão, pois, indicados os sumos de frutos, em especial o de uva.

Certas qualidades e tipos de uvas brancas substituem, com vantagem, as águas minerais purgativas ou laxativas, não falando das ameixas, aconselhadas por Fernel, médico de Henrique II, que «sofria de mal de ventre que lhe azedava o feitio e temperamento».

Os indivíduos com tendência a ventre preso não devem comer bananas (Bassler, 1957).

Os frutos crus são mais laxativos do que os cozidos. O açúcar estimula a comprovada acção dos frutos. As compotas de frutos com lactose são mais úteis para a saúde (Lambling e Soullard, 1956).

Velho e revelho é o hábito de dar às crianças maçã-reineta ralada ou o xarope do mesmo fruto. Deve ter a mesma idade do que o de seiva de pinheiro, injustamente esquecido na clínica infantil, e que tanta criança protegeu de infecções graves, daquelas que ainda hoje não cedem à penicilina!

Os sumos de frutos provocam também o reflexo gastrocólico (Zissu, 1958).

Muito haveria a dizer sobre os frutos, em especial os nossos, dos mais saborosos e perfumados que existem.

Que saudades curti, quando, em andanças pelo mundo, recordava o perfume e o sabor das laranjas e das uvas de Valada, uvas que fornecem um dos melhores vinhos brancos que tenho saboreado e bebido, vinho branco de fazer inveja a Rabelais, que proclamava o de Tours o melhor da França! Tirado a copo do casco envelhecido pelos anos, não tem rival...

A. d'E.

Juramento de bandeira

dos cadetes da Academia Militar

No dia 4 de Junho celebra-se a cerimónia do juramento de bandeira dos novos cadetes da Academia Militar.

O programa inclui uma festa desportiva militar, na qual, publicamente, será demonstrado o alto nível da preparação física militar dos futuros oficiais do quadro permanente.

Para despedida dos cadetes finalistas, haverá um sarau e baile de gala, de cunho artístico, na noite de 30 do corrente.

Assistirão ás cerimónias e ás festas, vários membros do Governo, e altas entidades civis e militares.

PERKINS-DIESEL

RECORRA A ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E CONSULTE OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

Auto-Industrial, Lda.

Rua Alexandre Herculano, 66

CARPETES E PASSADEIRAS

MECANICAS TIPO INGLÊS (WILTON)

DA FABRICA SULTÃO

Magníficas tapeçarias de enorme resistência e baixo preço

À VENDA NAS BOAS CASAS

A R L

ESTENO/DACTILOGRAFA

Conhecendo correctamente inglês e francês admite empresa importante. Carta a este jornal ao numero 15 indicando idade, ordenado pretendido, habilitações e outros detalhes. Guarda segredo estando empregada.

Congresso internacional

das ôbras de Protecção às Raparigas

Efectua-se, como temos noticiado, em Lisboa, de 21 a 24 de Maio o XIV Congresso Internacional das Obras de Protecção ás Raparigas.

Nesse congresso participam quase todas as organizações católicas internacionais; e estão inscritos numerosos congressistas portugueses

A' sessão de estudo sobre «*O acolhimento das estudantes do Ultramar e os serviços da Protecção ás Raparigas*», presidirá o cardeal D. Teodósio Gouveia, arcebispo de Lourenço Marques; e á sessão de estudo sobre «A emigração das jovens trabalhadoras e o papel das Obras de Protecção ás Raparigas», presidirá o senhor bispo de Tiava, D. José Pedro da Silva presidente da Acção Católica e da Emigração Católica Portuguesa.

O novo hospital de Nisa

começa amanhã a funcionar

NISA, 16. — O novo hospital sub-regional de Nisa principia amanhã a funcionar, por enquanto apenas para consultas externas.

O ANIVERSÁRIO

dos Pupilos do Exército

O Instituto dos Pupilos do Exército vai comemorar o aniversário da sua fundação. As cerimónias começam no dia 25 ás 10 horas, com uma homenagem aos mortos pela Pátria, junto do monumento na Avenida da Liberdade, e desfile dos actuais alunos. No dia 1 de Junho comemora-se também o aniversário da Associação dos Antigos Alunos, e no dia 7, haverá uma visita ao Instituto, seguindo-se uma demonstração pela classe especial de ginástica e um almoço de confraternização.

A SACOR

no Campeonato Nacional de Condutores

«1.000 KMS. DO BENFICA»

CLASSIFICAÇÃO

VENCEDOR ABSOLUTO — Exmo. senhor Augusto Rodrigues Palma

I GRUPO

Ex.mo Senhor Carlos Andrade	.....	1.º da 1.ª Classe
» » José Bastos Silva	.....	2.º da 1.ª Classe
» » Manuel Bento Valente da Cruz		3.º da 2.ª Classe
» » José Batista Santos	.....	2.º da 3.ª Classe
» » Rui Lanceiro	.....	3.º da 3.ª Classe
» » José Beco Junior	.....	2.º da 4.ª Classe

II GRUPO

Ex.mo Senhor Carlos Faustino	.....	2.º da 3.ª Classe

III GRUPO

Ex.mo Senhor Fernando Basílio dos Santos		1.º da 1.ª Classe
» » Daniel Soares Serrano	.....	2.º da 2.ª Classe
» » José Manuel Mendes Pereira		1.º da 3.ª Classe

IV GRUPO

Ex.mo Senhor Augusto Rodrigues Palma	...	1.º Sport anexo C.

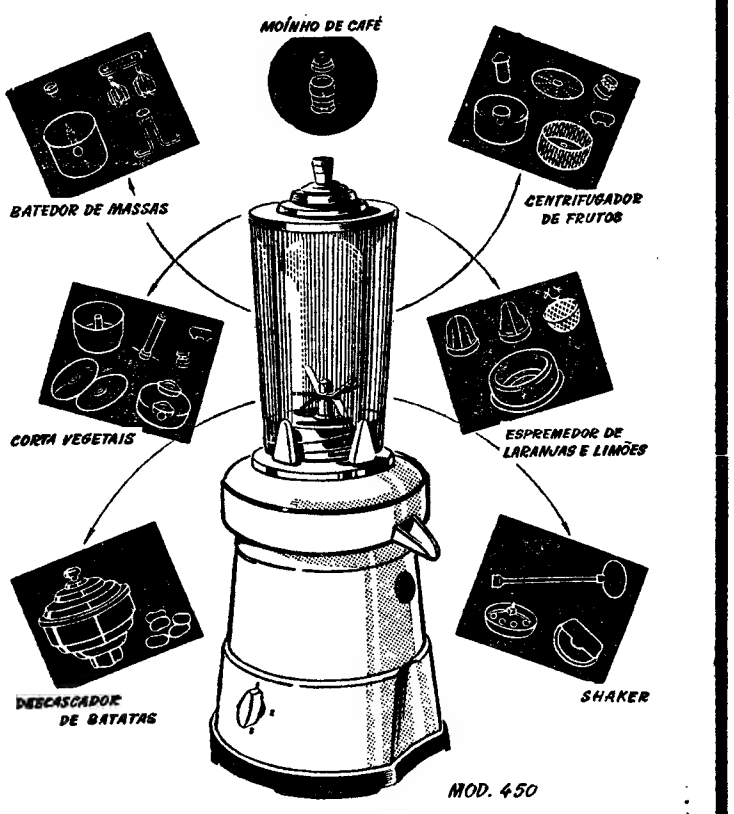
UMA VEZ MAIS, OS PRODUTOS

SACOR

DEMONSTRAM A SUA ELEVADA CATEGORIA

TURMIX

BATEDORES



Distribuidores Gerais: **MARÇAL CORRÊA, LDA.**
Rua Serpa Pinto, 15, 5.º, Esq.º, (com elevador). **Tel. 26076**
LISBOA

Bendix

HYDROVAC

INTENSIFICADORES DE TRAVAGEM PARA LIGEIROS E PESADOS

Praia das Maçãs

Dentro de pinhal, vendo uma moradia junto da Estrada Nacional, na recta a seguir ao Banzão, Rua Capela, lado direito. Nova e bem construída. Informa Tel. 366118. Mostra amanhã no local.

FEIRAS INTERNACIONAIS

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

LUXEMBURGO

LUXEMBURGO — (de 28 de Maio a 7 de Junho de 1959)

ALEMANHA

MUNIQUE — (de 27 de Maio a 8 de Junho de 1959)

ITALIA

PÁDUA — (de 30 de Maio a 14 de Junho de 1959).

Pedir esclarecimentos:

—na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio)

+

Aida da Silva Leitão

. Sofia Leitão Passos, e Sousa Leote Cavaco, e filhas, Sofia Nogueira da Silva Leitão, Rui da Silva Leitão, sua esposa e filhos, Hugo da Silva Leitão, sua esposa e filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar á sua Divina Presença a sua muito querida mãe, filha, avó, irmã, cunhada, tia e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Brito, para o cemitério do Lumiar.

A. G. MAGNO, LD.ª
Largo Frei Heitor Pinto, 2-B
Telef. 723595

+

Jacinto Tiago da Costa Guerra

ANTIQUÁRIO

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Seus irmãos, sobrinhos e mais família, participam que amanhã, 17 de Maio, pelas 19 h. na Igreja dos Mártires será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

Agradecem ás pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como ás que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar e que por falta de endereços não é possível agradecer.

BOLETIM DO DIA

EFEMÉRIDES

No dia 16 de Maio de 1899 efectuaram-se as provas do dirigível «Santos Dumont».

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 16 de Maio de 1929 a notícia de que na Academia das Ciências fizera o elogio de Zeferino Falcão o dr Magalhães Lemos, a quem sucedia. «Zeferino Falcão—disse—recebeu inequívocos testemunhos de admiração por parte de nacionais e estrangeiros; mas, devemos dize-lo, foram os estrangeiros que mais apreciaram o seu valor e actividade. Em conferências e congressos deu provas exuberantes de muito saber, competência e honestidade».

O dr. Egas Moniz fez o elogio de recepção ao dr. Magalhães de Lemos, dizendo que os seus trabalhos eram dos mais reputados nos círculos científicos estrangeiros.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 17, relato do desafio de futebol entre Portugal e a Suiça; 21, noticiário; 23 e 45, noticiário; 0, fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica ligeira sinfónica; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21 e 10, relato do desafio de hóquei em patins, Portugal-Holanda; 22, serão para trabalhadores. No intervalo, Vozes do Mundo; 23 e 45, reportagem da procissão de Nossa Senhora de Fátima.

Programa «B» — A's 19, aspectos da musica moderna; 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto de camara. No intervalo, uma palestra; 20 e 45, musica de arco; 21 e 15, 3.º acto da ópera «Mireille»; 21 e 45, Radiodrama: «O Misantropo», de Moliére; 22 e 45, Que quer ouvir?.

RADIO CLUBE — A's 18, teatro de brincar; 18 e 15, jornal feminino; 18 e 45, diálogos do Olavo; 19, festas do Montijo; 19 e 15, canconetas; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, motivos portugueses; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, lingua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, Paulette Rolin; 23 e 1; Rua Larga; 23 e 30, orquestra de Philip Green; 23 e 45, agenda; 23 e 50, solistas; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile; 0 e 55, sumário; 1, fecho.

Emissor de Miramar — A's 18, paisagem infantil; 18 e 30, orquestra e canções; 19, palestra de lingua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 50, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, um artista; 21 e 45, Brasil; 22, uma orquestra e uma voz; 22 e 30, intermédio musical; 23, concerto; 23 e 30, variedades; 0, baile; 0 e 28, sumário; 0 e 30, fecho.

RENASCENÇA — A's 18 e 30, terço e benção, da basilica dos Mártires; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, orquestras europeias; 20, jornal sonoro, da Emissora Nacional; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, Meditando; 21 e 5, as ultimas novidades; 21 e 30, ecos de Espanha; 21 e 50, melodias; 22, programa eventual; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar; 0, fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura; 21,2, noticiário do País e do estrangeiro; 21,10, jornal de actualidades internacionais; 21,20, «O Monumento a Cristo-Rei»; 21,30, programa musical; 21,45, «Na Rua e na Estrada»; 22,5, «Contra fatos não há argumentos»; 22,30, «Tele-Desporto», 22,55, «Musica e Artistas»; 23,15, actualidades nacionais e ultimas notícias; e 23,30, fecho da emissão

CONCERTO MUSICAL

No Liceu Charles Lepierre, ás 17 e 30, recital de guitarra clássica, por Duarte Costa, promovido pela Juventude Musical Portuguesa, no Conservatório, ás 21 e 45, concerto comemorativo do 40.º aniversário da Sociedade Nacional de Musica de Camara.

EMISSÕES RÁDIOFÓNICAS

No programa de «Rua Larga», revista sonora dos antigos e actuais estudantes de Coimbra, que o Rádio Clube Português transmite hoje, ás 23 horas, colaboram o grande artista João Villaret, que dirá a «Canção do Mondego», poema inédito do dr. João Botto de Carvalho; António Palma, Natália Bispo e Fernando Curado Ribeiro, que interpretam um episódio evocativo da «Questão da Sebenta», célebre polémica travada entre Camilo Castelo Branco, o dr. Avelino Calisto e o estudante José Maria Rodrigues. «Rua Larga» repetir-se-á na terça-feira, á mesma hora, no Emissor de Miramar.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas associativas, entre outras, nas seguintes colectividades, esta noite: Associação de Beneficência Luís Braille, Casa do Concelho de Pampilhosa da Serra, a favor do invisual Frederico da Conceição Teixera; Grupo Desportivo Operário, Bombeiros Voluntários da Ajuda, Casas da Madeira, do Minho, das Beiras, dos Senenses, da Comarca de Arganil, Clube Atlético de Queluz, Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo; amanhã, á tarde: Academia 1.º de Setembro de 1867, Casas do Alentejo, das Beiras, da Madeira, da Covilhã, dos Senenses, da Comarca de Arganil, dos Tabuenses, Liga Regional Cojense, Grupo Desportivo Operário, Sociedade «Ordem e Progresso», Clube Estefania, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, Estrela Azul F. C.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15, á Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel 710331; S. Miguel—Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel 54808; Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade Tel. 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel 681515; Maria Pia —Rua D. Maria Pia, 514, T 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botanico-Quimica, Lda.—R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563, Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel 663117; Neves — Rua do Poço dos Negros, 36-38, Telefone 25636; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, T. 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telef. 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova do Almada, 71, Tel. 30521—A—; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—Às 21 e 45—«Saias».
TRINDADE — Às 21 e 45 — «A espera de Godot».
MONUMENTAL — Às 21 e 45 — «Eles elas... e os meninos».
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 30 e 22 e 45 — «Encosta a cabecinha e chora...»
VARIEDADES — Às 20 e 30 e 22 e 45 — «Champanhe saloio».
COLISEU — Às 21 e 30 — Torneio Internacional de Luta Livre.
CIRCO ARRIOLA-PARAMÉS (Palhavã) — Às 21 e 45.

CINEMAS

TIVOLI — «A morena ardente».
S. LUÍS — «Frutos de Verão».
S. JORGE — «Um Verão apaixonante».
IMPÉRIO — «Noites brancas».
EDEN — «A luz vem do alto».
POLITEAMA — «Barqueiros do Volga».
MONUMENTAL — «Duelo na cidade fantasma».
ODEON — «Preciso de dinheiro».
CONDES — «Os três mosqueteiros».
ROMA — «Alta espionagem».
AVIS — «Olhos negros».
ALVALADE — «Frutos de Verão»
CAPITOLIO — «O rapaz e o touro».
RESTELO — «Raízes do céu».
IDEAL — «Flamenca».
JARDIM — «Trapézio».
CAMPOLIDE — «Escandalo na 1.ª página».
S. JOSE' (Sacavém) — «A flecha de Robin dos Bosques».

SEMANA DO CONTRIBUINTE

Doutrina

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL — Demolição de prédios (anulação de colecta e eliminação da inscrição matricial).

Por despachos do sr. ministro das Finanças de 25 de Outubro de 1957 e 27 de Junho de 1958, foi esclarecido:

Que, na hipótese de prédios demolidos, devem os interessados apresentar as suas reclamações, nos termos legais, no prazo de 90 dias a contar do primeiro dia, inclusive, do mês seguinte áquele em que a demolição se verificou, anulando-se a contribuição correspondente aos duodécimos por decorrer até ao fim do ano, e procedendo-se ao mesmo tempo á eliminação matricial do prédio, embora na reclamação se omita este pedido.

Mais foi esclarecido por aqueles despachos que, não se observando o aludido prazo, os contribuintes perdem o direito á anulação, de qualquer dos duodécimos da contribuição do ano em que se verificou a demolição, sem prejuízo de poderem num dos anos seguintes e dentro do prazo a que se refere o artigo 18.º do Decreto n.º 16733, de 13 de Abril de 1929, reclamar a anulação da contribuição do ano em que a reclamação foi apresentada, com a consequente eliminação do respectivo artigo na matriz.

TITULOS DE ANULAÇÃO — Prazo da sua validade.

Por despacho Ministerial de 4 de Outubro de 1958, foi esclarecido:

Que o *prazo de validade* dos títulos em referência é de *cinco anos* a contar da data do pagamento da contribuição ou imposto anulado ou do ultimo pagamento, na hipótese de o mesmo haver sido efectuado em prestações, salvo quando esse pagamento haja sido feito antes da data do transito em julgado da sentença ou despacho anulatório, caso em que o aludido prazo se deve contar desde esse transito.

Pelo referido despacho mais foi esclarecido que, tratando-se de contribuição ou imposto que não haja sido pago e de que tenha prescrito a obrigação do seu pagamento, os respectivos títulos de anulação perdem a validade do dia em que se der essa prescrição.

Boletim n.º 1, 1959, p. 118.

JURISPRUDÊNCIA.

Recurso n.º 14126.

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS, secção A. — Do imposto. — Se a dívida não representa um *capital mutuado* donde resultam rendimentos, o acto ou contrato não está abrangido pelo artigo 8.º do Decreto n.º 8719, de 17 de Março de 1923, pois o acto ou contrato não obriga a manifesto por não se encontrar abrangido pelos artigos 2.º deste diploma e 8.º atrás citado.

Do *Boletim* n.º 1, 1959, pp. 95/97.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Na Sociedade das Ciências Médicas prossegue, ás 21 e 30, o Simpósio sobre Silicose, com comunicações dos srs. profs. João Porto e Arsénio Cordeiro e dr. Constantino Fernandes.

CONFERÊNCIAS

No Museu de Arte Antiga, ás 21 e 30, pelo sr. prof. Myron Jirmounsky.

QUEM PERDEU ?

Relação dos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil):

Uma caneta de tinta permanente e outra esferográfica; bilhetes de identidade de Joaquim Afonso Santos Costa, Edmundo de Jesus Santos, José Raimundo e José Gonçalves Curto; um chapéu de homem; um requerimento de Henrique Techa; uma pasta com louça; um saco de lona com dois tachos de alumínio; uns óculos de sol; uma botinha de criança; doze chuchas de borracha; dois tampões de depósito de gasolina automóvel e três tampões de roda; chapas referentes a veículos com os numeros GL 24-85 e HL 17-88; luvas desirmanadas; duas carteiras de pergamoide com fotografias; e diversas argolas com chaves.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas de Lisboa o seguinte:

Rolo com cartolinas, flores e esboços; mala de lona azul com marmitas; célula fotoeléctrica com estojo e corrente de bicha; gabardina para homem; uma sombrinha, um estojo com óculos graduados, casaco de malha de senhora; óculos graduados; capa de plástico uma gabardina; luva de lã de senhora; saco de papel com tecido e camisola de lã; casaco de malha; bilhete de identidade em nome de António de Almeida Bento; e café em grão e uma gabardina com forro esverdeado.

Motoristas do I. A. N. T.

Um decreto-lei, hoje publicado, permite que os funcionários dos serviços móveis do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos portadores das respectivas cartas de condução conduzam os veículos daqueles serviços, mediante a gratificação diária a estabelecer pelo Ministro da Saude e Assistência, com o acordo do Ministro das Finanças.

Dois decretos-leis

sobre terrenos baldios

O «Diário do Governo» publicou hoje: um decreto-lei, com disposições relativas á alienação dos baldios não reservados pela Junta de Colonização Interna, nem destinados a arborização, nos termos da lei n. 1.971; e outro que regula a entrega das glebas provenientes da divisão de terrenos baldios não adjudicados e de que indevidamente se apropriaram os actuais utentes.

Acidente mortal

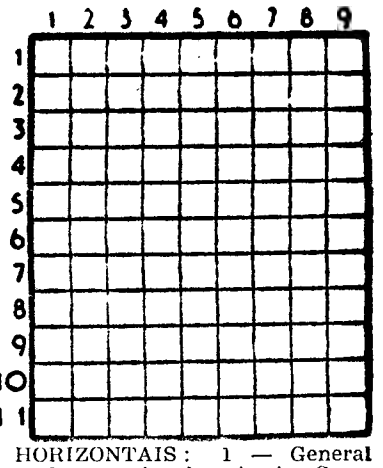
na estrada de Catete

LUANDA, 16.—Na estrada de Catete, foi colhido por uma camioneta, quando conduzia uma moto, Simão Freire, de 39 anos, casado, natural de Quadrazais, Sabugal. Conduzido ao Hospital Central, faleceu ao dar ali entrada.—(L.).

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3658



HORIZONTAIS: 1 — General francês vencedor da primeira Grande Guerra. Alfares. 2 — Cantiga. Vila e concelho do distrito de Évora. 3 — Cabelos brancos. Estime. 4 — Divisivel por dois. Progenitor. 5 — Cidade da Judeia, pátria de José que deu sepultura a Jesus Cristo. 6 — Preposição e artigo. Símbolo químico do érbio. 7 — Estime. Chefe etíope. 8 — Língua antigamente falada ao Sul do Loire. Grande quantidade. Gemido. 9 — Avistam. Acrescentar. 10 — Movera em espiral. 11 — Medianas. Pregas

VERTICAIS: 1 — Nota musical. Cidade de França. Cada pernada da enxárcia. 2 — Calcular. Chame a atenção. 3 — Remariam para trás. Data célebre. 4 — Tens. Reduzirmos a farinha. 5 — Existe. 6 — Estima. Varanda. 7 — Rasgara. Ofertar. 8 — Limpai os metais. Deixara de pertencer a. 9 — Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Comparecias. Cóleras.

Solução do problema n.º 3657

HORIZONTAIS: 1 — Carboreto. 2 — Alio. Unes. 3 — Amarara. 4 — Ara. Ema. 5 — Tana. Ides. 6 — Cl. Cã. 7 — Rei. Are. 8 — Tu. Cor. Sá. 9 — Revi. Mata. 10 — Alia Oder. 11 — Sair. Saro.

VERTICAIS: 1 — Cá. Ato. Trás. 2 — Alara. Ruela. 3 — Rimance. VII. 4 — Boa. Aliciar. 5 — Rã. 6 — Rua. Içarmos. 7 — Enredar. Ada. 8 — Teame. Ester. 9 — Os. Asa. Aaro.

Exposição de chapeus

miniaturais e bengalas raras

Na sede de «Os Amigos de Lisboa», inaugura-se, ao fim da tarde, uma exposição de chapéus miniaturais e bengalas. Assistem ao acto os membros da direcção, a que preside o nosso camarada de Imprensa Matos Sequeira.

Os chapéus, confeccionados pelo antigo chapeleiro Gonçalves, sócio de «Os Amigos de Lisboa», são em numero de 64. Exemplares de chapéus regionais, de várias províncias, de um passado mais ou menos recente ou modernos, as miniaturas têm um grande interesse.

São também expostas bengalas de todas as espécies, pertencentes a sócios desta colectividade. De muito interesse os exemplares de bengalas de vidro e de madeiras raras além de bengalas-pistolas e um bastão que pertenceu a Pina Manique. O certame encontra-se aberto das 9 ás 12 horas e das 14 ás 19.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 23°; mínima, 15°. No mesmo dia do ano passado, máxima, 20°,6; mínima, 14°,5.

apresenta a ÚLTIMA NOVIDADE
o seu vidro transparente nas cores:
AMARELO — TURQUESA e VERMELHO
para Chama, Forno e Frigorifico

A CONFERÊNCIA DE GENEBRA

Herter foi a Roma

e Murville deslocou-se a Paris

aproveitando o fim de semana

GENEBRA, 16 — Hoje e amanhã não haverá reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Quatro Grandes» devido á partida de Christian Herter para Itália. A conferência recomeçará na segunda-feira, ás 15 e 30.

A's 8 e 30, Christian Herter partiu para Roma, para conversações com o Governo italiano, e Maurice Couve de Murville, para Paris, de onde deve regressar no domingo á noite.

Christian Herter, que regressa de Roma ao fim da tarde, janta com von Brentano.

Um informador soviético declarou que Gromyko e todos os membros da delegação russa continuarão em Genebra durante o fim-de-semana — (A. N. I.)

Lloyd ficou em Genebra

GENEBRA, 16 — Também o ministro britanico dos Negócios Estrangeiros, Selwyn Lloyd, não tenciona sair de Genebra, onde aproveitará os dois dias de descanso para fazer os necessários preparativos para o recomeço, na próxima segunda-feira, dos debates nas sessões publicas da conferência. — (A. N. I.).

Desmentido francês

GENEBRA, 16 — A delegação francesa desmente categóricamente intenções atribuídas ao ministro dos Negócios Estrangeiros Couve de Murville, de apresentar um plano «de recuo» á conferência de Genebra. — (F. P.).

Declarações de Herter à chegada a Roma

ROMA, 16 — A chegada a esta cidade, o secretário de Estado americano fez a seguinte declaração:

«Esta visita a Roma oferece-me a possibilidade de cumprimentar o presidente da Republica, Giovanni Gronchi e de conferenciar com o presidente do Conselho, António Segni, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Giuseppe Pella, acerca das questões que interessam, não apenas á Itália e aos Estados Unidos, mas ao Mundo inteiro.

«Todos sabem que as potências ocidentais estão empenhadas em assentar num plano que possa levar á solução dos problemas de uma Alemanha dividida e dos que interessam á segurança europeia a fim que diminua a tensão não só na Europa mas no Mundo.

«Há identidade de pontos de vista entre os Governos de Roma e de Washington sobre os assutos actualmente em discussão e os métodos para chegar a uma solução dos problemas em suspenso. Tenho muito prazer, neste ensejo, de fazer o balanço das situação com os ministros italianos, depois da primeira semana da conferência de Genebra», concluiu Christian Herter, lembrando que o trabalho que o espera em Genebra obriga e a regressar ainda hoje á Suiça.

O secretário de Estado americano, depois de conferenciar com Giuseppe Pella, almoçou com o presidente do Conselho, António Segni — (F. P.).

O papel da N. A. T. O.

MONTREAL, 16 — «Qualquer política, por mais resoluta que seja, que não tenha a apoiá-la a força, depressa se transforma num «bluff» vazio e extremamente perigoso. Se-

Visado pela Comissão de Censura

RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS
Tel. 14
TODOS OS DIAS
Aos Almoços, Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
excepto às 2.as-feiras
Cozinha Portuguesa
(6 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Turismo

André Gromyko, depois de uma conferência com Selwyn Lloyd, é assediado com perguntas dos jornalistas que se encontram em Genebra

Ao contrário do que se previa

o «onze» nacional inferiorizou-se

e raramente produziu boas jogadas

(Continuação da 1.ª página)

lance ofensivo, através da sua asa esquerda. Contudo, Maergerli cortou a descida dos adversários e coube a vez a Frey de correr até á grande área, mas Virgilio opôs-se com êxito. No contra-ataque, Coluna voltou a atirar ás redes de Elsener, sem êxito.

Pouco depois, as redes á guarda de Vital correram perigo, devido a um «livre» provocado por Arcanjo, que «carregou» fora de tempo, Huegi.

Os Portugueses reagiram e traçaram uma avançada que culminou com um bom «tiro», de Cavém, em sequência de uma boa entrega de Coluna.

1-0 para Portugal

Os Portugueses prosseguiram ao ataque, e aos 10 minutos, lograram abrir o activo. Foi autor do tento, Hernani, que depois de aguentar a carga de dois adversários, chamou o guarda-redes a si, e atirou sem apelo nem agravo...

Este golo animou o «onze» das quinas e Elsiner foi chamado a nova intervenção de valor, a rematar de Hernani.

Contudo, os Helvéticos, em jeito de contra-ataque, punham em perigo as redes dos Portugueses.

Aos 15 minutos, devido a uma boa jogada de José Augusto, a defesa visitada foi obrigada a conceder «canto», que marcado não resultou.

Os Suíços, entretanto, passaram a descer com mais frequência ao meio campo dos adversários, mas os seus atacantes, denotando falta de poder, não proporcionavam trabalho a Vital.

O primeiro remate de perigo dos Helvéticos verificou-se, aos 28 minutos, atirado pelo médio Burger.

No marcador: 1-1

Os Suíços conseguiram depois equilibrar a toada do jogo e, aos 31 minutos, conquistaram o empate, através do médio Burger, golo que é o 500.º da equipa helvética em desafios internacionais. Acrescente-se que este ponto só foi possível devido á intervenção infeliz do guarda-redes lusitano, que fez uma saída extemporanea, dando origem a que o numero seis helvético rematasse a contar.

Os visitados continuaram a desfrutar de superioridade e Vital teve que lançar-se, corajosamente, aos pés de Huegi para deter o ímpeto dos contrários.

Os Suíços passam a vencer por 2-1

Os Suíços, agora, mais incisivos, aproveitaram certa desorientação verificada no «team» português, chegaram a marcar novo tento, aliás, invalidado, aos 43 minutos, por Frey.

Todavia, no ultimo minuto, os Suíços colocaram-se em vencedores. Mauron atirou, Vital fez a defesa com as palmas das mãos, a bola ficou ao alcance de Hamel que atirou da melhor forma... e o intervalo chegou com o resultado de 2-1 a favor dos Suíços.

Cavem igualou aos 20 s. do segundo tempo

Na equipa de Portugal Teixeira cedeu o lugar a Matateu.

Quando eram decorridos 20 s., Cavém, com um «tiro» disparado, em posição frontal, antes de entrar na grande área do adversário, logrou empatar.

Os Portugueses prosseguiram na ofensiva e Hernani, numa jogada individual criou perigo para as balizas dos Helvéticos.

3-2 para a Suíça

Os Suíços insistiram no ataque e, não obstante os esforços dos jogadores portugueses, conseguiram obter o seu terceiro tento aos 9 minutos. Foi seu autor o jogador Burger.

Depois, os Lusitanos tiveram uma reacção, por intermédio de Coluna e Maegerli teve de cortar para «canto», que marcado não deu resultado, devido a Matateu se ter feito punir por carga sobre Coduri.

Contudo, os Suíços não deixavam de ser os mais objectivos nos seus golpes. E Barbosa e Virgilio tiveram trabalho árduo para deterem os lances ensaiados pelos extremos contrários.

Os Helvéticos a vencer por 4-2

Aos 24 minutos, os Helvéticos passaram a marca para 4-2, através de um golo da autoria de Frey, em sequência de um «livre» e perante a passividade da defesa portuguesa.

Os Lusitanos esforçaram-se por diminuir a desvantagem e Hernani, por duas vezes, obrigou Elsener a duas boas defesas. José Augusto ainda chegou a introduzir o esférico nas redes dos Suíços, mas o árbitro invalidou o tento, por «fora de jogo».

Pouco depois, José Augusto desperdiçou nova oportunidade magnífica, fazendo subir a bola, quando se encontrava à cerca de um metro de Elsener.

Matateu fez 4-3 perto do final

Aos 44 minutos, Matateu conseguiu fixar o resultado em 4-3, a favor da Suiça.

HIPISMO

No hipódromo do Campo Grande

começou hoje o Concurso de Lisboa

No hipódromo do Campo Grande começou a disputar-se hoje o 48.º Concurso Hipico Internacional Oficial de Lisboa, a que concorrem duas equipas estrangeiras — inglesa e espanhola.

De manhã disputou-se a prova «Mata do Duque» — prova de ensino do Concurso Completo de Equitação. Os concorrentes foram quatro, que se classificaram pela seguinte ordem: 1.º, cap. Álvaro Sabbo no «Quipar», 72 pontos; 2.º, cap. António Serodio, no «Vreek-Warrios», 76,34; 3.º, dr. Sousa Pereira no «Solboroec», 91; 4.º, cap. Duarte Silva, no «Alvito», 106.

A reunião da tarde principiou com as duas primeiras provas do Concurso Nacional: «Juniores», reservada a cavaleiros, com mais de 12 e menos de 18 anos. O numero de inscritos foi de 18, tendo-se classificado: 1.º, Sousa Dias de Almeida, no «Fagulha», 0 pontos, em 54,8 s.; 2.º, José Neto Rebelo, no «Discutido», 0 p., em 59,6 s.; 3.º, Pedro Beltrão, no «Janota», 0 p., em 1 m. 3 s.

Depois, disputou-se a prova «Sete Rios» (Habits Rouges), com «handicap». A inscrição era reservada a cavalos de propriedade particular, aplicando-se a tabela A com cronometro. Classificação: 1.º, Ana Maria Ribeiro Ferreira, no «High-societi», 0 pontos, em 1 m. 2 s.; 2.º, Jorge Matias, no «Prince Igor», 4 p., em 1 m. 1,8 s.; 3.º, José Tavares, no «Florin», 8; em 1 m. 6 s.; 4.º, Sousa Pereira, no «Schweeps», 8; em 1 m. 7,2 s.; 5.º, Jorge Matias, no «Liffe Bank», 8; em 1 m. 8,2 s.

A fechar o programa disputou-se a prova «Comissão Portuguesa de Corridas» — a primeira internacional. Depois de feitos vinte e cinco percursos sem que tivessem entrado os cavaleiros portugueses que estiveram em Nice e em Roma, apenas houve um percurso «limpo», o do cap. Rodrigues Mano no «Granja».

Se outra prova sem faltas se não vier a registar, não haverá necessidade de «barrage» e será este concorrente o vencedor.

ATLETISMO

Torneio regional de cadetes

Nas pistas do Estádio Universitário efectuou-se esta tarde a primeira jornada do Torneio Regional de Cadetes, com a participação de meia centena de jovens.

Os resultados verificados foram os seguintes:

60 metros (1.ª meia-final) — 1.º, Evaristo Oliveira, (C. D. U. L.), 7,9 s.; 2.º, Amilcar Lira, (C. D. U. L.), 7,9 s. e 3.º, Alexandre Castro (Bf.), 8 s.

60 metros (2.ª meia-final) — 1.º, Luís Ferreira, (Bf.), 7,9 s.; 2.º, José de Brito, (C. D. U. L.), 8 s. e 3.º, Augusto Brandão (Bf.), 8,1 s.

Altura — 1.º, Joaquim do Couto, (Spt.), 1,60 m.; 2.º, Alberto Soares (Spt.), 1,45 e José Florentino (Bf.), 1,35.

600 metros — 1.º, J. Francisco Periquito (Bf.), 1 m. 35,2 s.; 2.º, Vítor Castro (Bf.), 1 m. 36,1 s. e 3.º, Francisco Calado (Bf.), 1 m 36,4 s.

A visita de Margarida a Portugal

(Continuação da pagina central)

vincada por todos os tons de rosa e de vermelho.

Um dos ultimos vestidos que a princesa apresentou num «cocktail» foi muito admirado: era de seda crua num tom vivo de azul-verde, de forma extremamente simples e ampla, mas com grandes botões e um cinto muito alto.

Outro vestido da princesa: amarelo-pêssego, em organza, o corpo descaido atrás, formando um movimento drapeado de gola, e as pontas do cinto formando um laço cujas pontas acompanham a saia curta.

E' este o género de vestidos que a princesa Margarida escolhe sempre para os jantares e festas particulares e para as suas visitas aos teatros de Londres com pessoas da sua amizade.

De dia, na intimidade, ou quando brinca nos jardins da sua residência com os seus dois cães, Margarida prefere em geral os vestidos de algodão. Não deixará de os levar também a Portugal, para os usar nas manhãs que tenciona dedicar aos passeios particulares e a descansar na praia.

Margarida tem vários vestidos novos, género «camiseiro», em tecidos estampados de flores claras. Gosta desse tipo simples e elegante de vestidos que usa com cintos altos, que ficam bem á sua figura de cintura extremamente fina.

No jantar de gala em honra do xá da Pérsia, que visitou recentemente Londres em visita oficial, a princesa apresentou-se com um longo e magnifico vestido de cetim branco com rosas estampadas em cor-de-rosa e vermelho vivo. A larga saia, muito rodada, era apanhada de um dos lados deixando ver a saia de baixo, num lindo tom de rosa. Com este sumptuoso modelo, a princesa usou nessa noite jóias com brilhantes e rubis.

A princesa Margarida teve uma alegria: disseram-lhe que lhe seria possível nadar durante a sua estada em Portugal. Margarida gosta de todos os desportos náuticos e aprendeu a nadar criança ainda. E, nos fins de semana, é vulgar ir reunir-se a sua irmã, a rainha Isabel, e a sua sobrinha, a princezinha Ana, para juntas nadarem na piscina ao ar livre nos terrenos fechados de Windsor Castle.

A princesa tenciona adquirir vários novos vestidos de praia para a sua visita a Portugal, pois não conseguiu ainda completar o seu guarda-roupa de viagem por falta de tempo, tantos são os compromissos que lhe impõe a estação elegante que decorre actualmente em Londres. — (A. N. I.).

Ca u granizo

em Lourenço Marques

do tamanho de ovos de galinha

LOURENÇO MARQUES, 16. — Ontem, ao fim da tarde, desabou sobre esta cidade um violento temporal que causou alguns prejuizos e inundações na parte baixa de Lourenço Marques.

Eram 19 horas, quando começou a cair granizo do tamanho de ovos de galinha, que partiu a cabeça a alguns indígenas apanhados em locais desabrigados.

Além de várias árvores arrancadas pela raiz, registaram-se outros prejuizos e inundações.

Devido á tempestade magnética, a este temporal e ainda ao rudimentar sistema de iluminação do campo de aviação desta cidade, o avião dos T. A. P., que vinha de Lisboa, não aterrou, seguindo rumo a Salisbury, na Rodésia do Sul, e só hoje de manhã, chegou a Lourenço Marques. Neste avião viajava a equipa de futebol do Catumbela, que amanhã em Lourenço Marques defrontará o Ferroviário no segundo jogo de apuramento do representante do Ultramar na Taça de Portugal. — (L.).

Kruchtchev recebeu hoje

o Prémio Lenine da Paz

MOSCOVO, 16 — O presidente do Conselho soviético, Nikita Kruchtchev, recebeu esta manhã o Prémio Lenine da Paz, das mãos do académico Dimitri Skobeltzyne, presidente da comissão dos prémios internacionais Lenine, numa cerimónia que decorreu no palácio do Kremlin. — (F. P.).

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 45

REPORTAGEM

NO PAÍS DOS ASTECAS

os canhões vencem as flechas

Há quatro séculos e meio, Cortês chegou ao México, onde floresceu uma civilização que do ano 1.500 A. C. até ao brusco desaparecimento no século XVI da nossa era, se desenvolveu sem nenhum contacto possível com as civilizações orientais, ocidentais ou africanas.

Que nos resta, hoje, dessa civilização? Alguns templos perdidos na selva, ou ruínas de cidades nos flancos da montanha, escarpada. Nada, se não fossem as estátuas addorias... Víamos os templos com suas torres e bastiões... e as casas providas de terraços, e ao longo das suas outras torres e oratórios semelhantes a fortalezas. E após tudo ter visto e considerado, voltamos

(Continua na 3.ª página)

POR

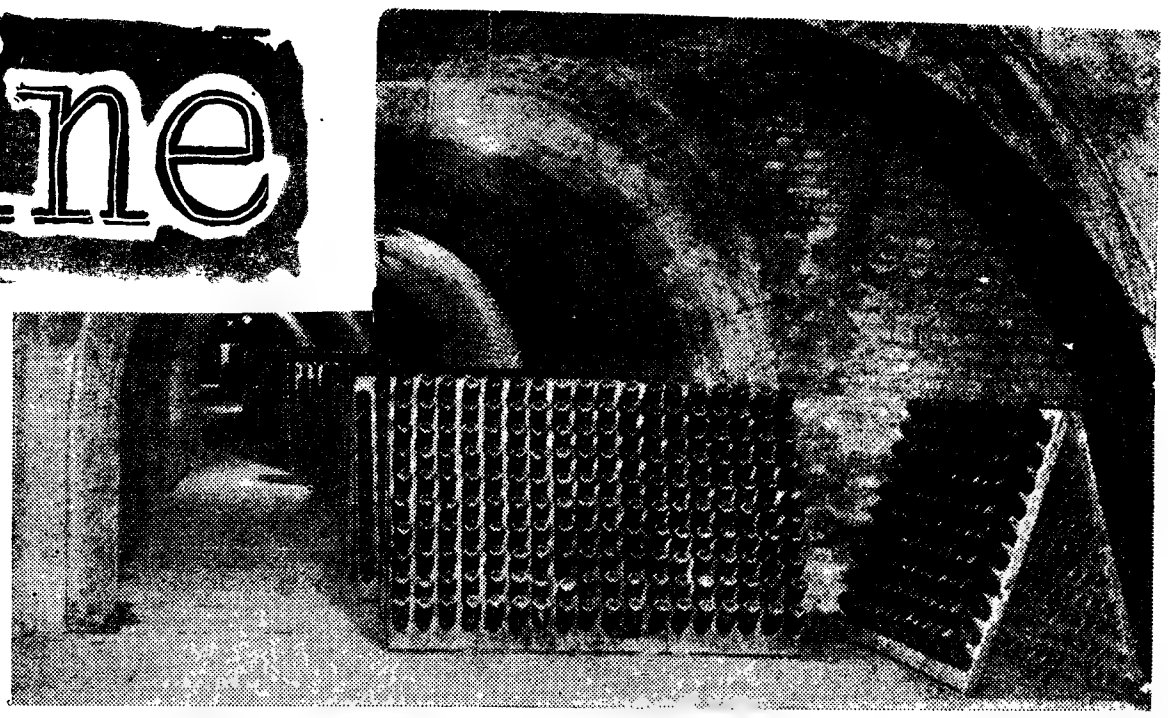
JEAN-FRANÇOIS CHABRUN

miráveis, louças, pinturas, «bibelots», que ainda hoje nos falam da grandeza raramente igualada daqueles que os criaram — e que o povo de Paris teve agora ocasião de admirar numa grande exposição pré-colombiana que se manterá aberta até ao fim do corrente mês.

Imaginemos um explorador do XX século que se entretem a devassar uma zona ainda desconhecida da Amazónia, em cujas palhotas vive um punhado de homens primitivos — e que vê, de repente, surgir diante de si uma cidade moderna... Com os seus arranha-céus, seu metropolitano, seus C. T. T., sua polícia, seus professores...

A surpresa deste explorador não seria menor do que a de Cortês e de seus companheiros ao contemplarem, a 12 de Novembro de 1519, a 2.200 metros de altitude, Tenochtitlan capital do reino azteca, hoje México!

«Víamos nesta grande laguna uma quantidade de barcos, uns chegando carregados de provisões, outros partindo carregados de merca-



Nos alvéolos faz-se a «remouage»

UMA INDUSTRIA DESCONHECIDA

... DA VINDIMA... À TAÇA...

VINHOS ESPUMANTES PORTUGUESES

Em 1890, técnicos franceses de «champagne», iniciavam na região da Bairrada um novo ramo da vinicultura portuguesa.

Embora as castas de uva francesa para «champagne» introduzidas então, se dêem bem em Portugal, a sua produção não é econòmicamente vantajosa; e foi com a «prata da casa», que naquela região e na de Lamego, onde existem terrenos de constituição geológica especial, bem como condições climatéricas favoráveis, se fizeram as primeiras reservas.

Num País de tradições vinhateiras, depressa se formaram técnicos capazes de dirigir esta nova indústria, onde actualmente ganham a vida milhares de operários.

Na alegre faina das vindimas começa a preparação, longa e curiosa, dos espumantes que não faltam nos felizes acontecimentos da vida social, e que poucos de nós conhecemos.

Talvez fiqueis hoje a fazer uma ideia de uma indústria portuguesa, eivada de técnica francesa e cujas fases de fabrico em Portugal, conservam ainda os nomes que têm na língua de Molière.

Colhidas e esmagadas as uvas, recolhe-se o mosto de «lágrima» (o mais puro), que se distribui por

POR

J. THEODORO DA SILVA

pipas e cascos, onde se faz declarar a primeira fermentação.

Mas só passados dois meses; depois da prova e análise, se escolhem os vinhos destinados a espumantes, que guardados em toneis durante um a dois anos, iniciam deste modo uma longa peregrinação pelas caves. Terminado que seja aquele tempo, é provocada nova fermentação por meio de leveduras seleccionadas (cultivadas em laboratórios e oferecendo garantia de pressão). Quando se declara esta segunda fermentação, procede-se ao engarrafamento e agrafa-se a rolha; é dentro da garrafa que a fermentação se dá na totalidade. Agora, é a altura de fugirmos de ao pé delas, pois começam a ouvir-se «explosões», algumas garrafas estoiram, voando os cacos de vidro sob uma pressão de 7 a 8 atmosferas!

Segue-se a «remouage», operação em que os vinhos são batidos e tem por finalidade desprender o depósito, permitindo a sua transposição do fundo da garrafa para junto da rolha e vão «repousar» nas «estantes» em posição horizontal; depois, em dias alternados, vem um operário especializado agitar levemente a garrafa, num movimento oscilatório, desviando-a um quarto para a esquerda ou para a direita e introduzindo-a de cada vez um pouco mais no «alvéo-

(Continua na página central)

GUERRA DE IMPRENSA

LUIS DE SOUSA REBELO

Entre as várias glórias a que o orgulho nacional se arrima em momentos de crise, a Imprensa é hoje uma escora mais sólida do que a Esquadra, já incapaz de sufocar uma revolta colonial com a simples presença de um dos seus cruzadores, como nos bons tempos da rainha Vitória.

Nos periódicos lançados a uma tiragem de centenas de milhares e milhões de exemplares, no numero das páginas e na variedade das secções, na excelência dos artigos e no fino comentário político, procura o Inglês a integridade e o prestígio de informação que fizeram os seus jornais famosos em todo o Mundo. E se pensa que os males da pátria redundam em triste fracasso para as armas, fica-lhe, ao menos, a consolação de que o fulgor da antiga grandeza se mantém intacto nas letras!

Independência de observação, rigor de juizo e amor da verdade são as qualidades mais apreciadas pelo grande publico, que as aponta ao estrangeiro como um exemplo invejável. Esta confiança na integridade informativa dos grandes diários predispôs até o Inglês médio a uma aceitação beata de tudo o que neles lê, infundindo-lhe uma atitude mental idêntica á do crente perante a Bíblia.

Ora ultimamente têm ocorrido em Fleet Street estranhos acontecimentos, que dão aso a graves especulações. Começou pela crise do Suez que pôs em sério risco a fleugmática serenidade, a independência e isenção de juizo dos grandes quotidianos. O Times *defendeu com calor a intervenção militar, ao passo que o* Observer *se lhe opôs desde o início com uma larga soma de argumentos razoáveis.*

Até aqui não há nada de extraordinário na posição tomada; é mesmo absolutamente legítima uma tal divergência de opiniões. Agora o que surpreendeu foi a reacção do publico, decidido a pronunciar-se sobre o partido seguido pelos seus periódicos habituais. Enquanto as tiragens do Observer *aumentavam regularmente, diminuiam as do* Times, *esse jornal digno, que em toda a sua longa e brilhante história jamais conhecera tal humilhação, e se viu obrigado a uma intensa campanha de publicidade para recuperar as vendas perdidas.*

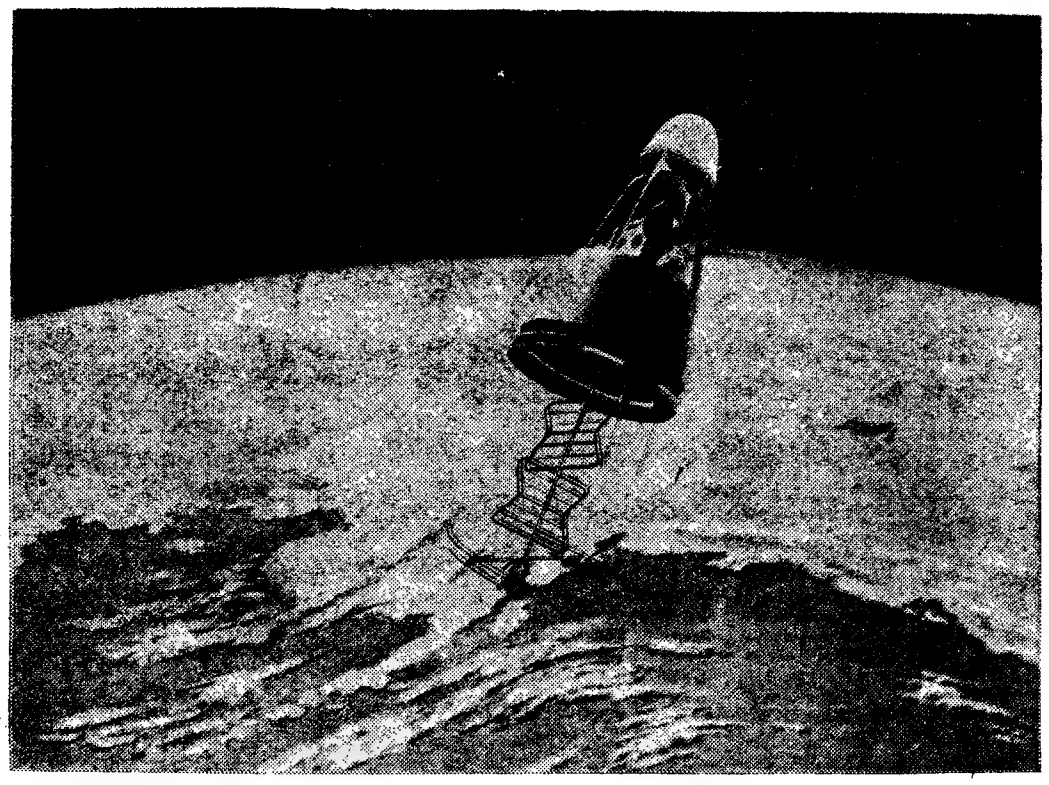
O incidente, por insignificante que pareça, revela que o publico se tornou mais susceptível aos juizos de Fleet Street e passou a adoptar uma duvida crítica na leitura dos seus jornais. É claro que por enquanto só um grupo limitado, o escol da grande massa dos leitores, se inclina a enveredar por este caminho, mas o facto veio lembrar que nem tudo

(Continua na 7.ª página)

MARAVILHAS DO UNIVERSO

OS TELESCÓPIOS PARA OS SATÉLITES

PELO **DR. I. M. LEVITT** director do Planetário do Instituto Franklin, de Filadélfia



Eis a concepção que o nosso artista faz de um telescópio «sideral», que seria instalado num satélite que girasse em torno da terra. Mais pequeno do que um «Sputnik» de tamanho médio, estaria equipado com uma camara de televisão e um transmissor que enviaria á Terra as informações que obtivesse

Os homens de ciência preparam-se para o dia em que seja possível lançar no espaço um satélite que gire em volta da Terra levando, entre outros instrumentos, um telescópio da turbulenta atmosfera da Terra nosso planeta as observações feitas aí.

Há uma imensidade de informações que podem ser reunidas por um telescópio colocado mais além da turbulenta atmosfera da terra que absorva, difunda e atenue os raios luminosos. Os cientistas crêem que poderão fazer funcionar um tal telescópio antes que se consiga lançar um satélite tripulado por homens. O seu custo seria de dois ou três milhões de dólares, não excessivo, se se tomar em conta que este é o preço de um projéctil balístico dos que actualmente se constroem.

O dr. Fred Whipple, director do Observatório Astrofísico Smithsoniano, estudou com alguns colegas, certos detalhes referentes á construção e funcionamento de um satélite equipado com telescópio. A sua informação foi apresentada no 9.º Congresso da Federação Astrofísica Internacional celebrado no Outono passado, na cidade de Amesterdão.

O telescópio e os aparelhos que o completam seriam instalados num satélite de trezentas a quatrocentas libras de peso — de menor tamanho que os «Sputniks» russos médios — e entre os segundos incluir-se-ia uma camara de televisão, um transmissor, um registador e «memória» e outros dispositivos electrónicos indispensáveis para que pudessem funcionar devidamente.

O telescópio teria um espelho de oito polegadas de diametro, com uma distancia focal de vinte e quatro polegadas; o seu eixo estaria montado de tal modo que poderia reflectir as imagens a um tubo de televisão. O telescópio observaria uma área celeste de dois graus, por um lado, ou sejam dezasseis vezes da área da lua cheia. Porém, ainda usando a transmissão televisora

(Continua na página central)

Verifica-se que com água ninguém canta. Pela primeira vez se descobre a importância económica da água, em Portugal. Mas também pode ser um último recurso. Além disso é um remédio que excita, acalma, refresca e atenua... E outras coisas mais.

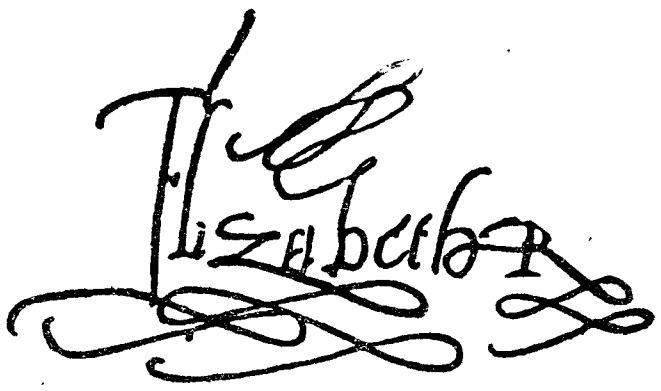
Falar com a filha de Henrique VIII não era tarefa facil. O «Caçador de Autografos» sentia zoar nas orelhas o aviso do poeta desconfiado

Soarent la femme vaut
Rien fol est qui s'y fie

Sobretudo porque naquela época descabeçar um ser humano era quase mais fácil do que descabeçar um simples carapau. A tal operação anatomica designava-se nesses tempos por uma expressão cheia de pitoresco ciclista. «Fulano rolou a cabeça no cadafalso»

Contra a vontade das vitimas fazia-se de vez em quando um campeonato de «roladores». E não havia nada que enternecesse o coração de Isabel I. Os historiadores não conseguiram pôr-se de acordo sobre este ponto fundamental das visceras da grande governante: «teria ela amado alguém, isto é, um homem?»

Eis um mistério insoluvel, que só o espiritismo poderá resolver de braço dado com as ciências ocultas. Apresentado á rainha por sir Francisco Walsingham, protector dos piratas reais, o «Caçador de Autógrafos» registou mais uma assinatura celebre. Como os leitores do século XX podem observar graças a Magazine, o autógrafo da real senhora era complicado como um novelo de guita.



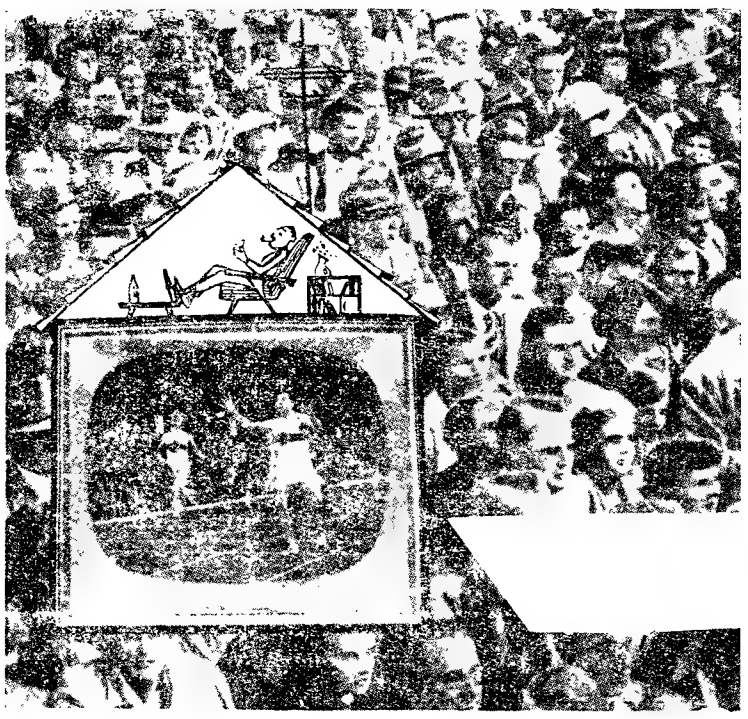
Quando a tinta havia secado, o «Caçador de Autógrafos» respirou fundo e ousou desfechar a sua pergunta fatal:

— Vossa Majestade será tão gentil que queira ter o obséquio de me mandar informar qual foi o maior desgosto da sua real vida?

— O maior desgosto? Pois como não havia de ser? O maior desgosto tive-o eu na eternidade ao acompanhar todos os dislates que os chamados historiadores têm segregado ácerca das minhas contracções cardíacas! Todos se acham na necessidade de fazer a mesma pergunta: «Porque não teria casado Isabel?» E vá de arranjar as respostas mais disparatadas.

— Então porque não casou Vossa Majestade?

— Não lhe parece simples? Porque meu pai já tinha casado vezes demais. Estes vícios são contagiosos e eu tive receio de mudar mais vezes de marido do que de fato.



com TV
VOLL automatic
* automático para luminosidade e contraste
* comando à distância
* grande poder de captação
CONSULTE OS AGENTES DA

Não há duvida que com água ninguém canta: os nossos leitores ficaram sisudos de todo e quase me iam fazendo chorar. Pelos vistos aceitarei a proposta do Sr. José Alberto de Castro Fernandes Martins, da Figueira da Foz. E aceito mesmo! Este leitor sugere-nos, com efeito, para a próxima semana a palavra

LEITE

... e acrescenta.

«E' que, se já foi vinho, e se já foi água — que dirão os «meninos» das torradas e leite se não puserem na berlinda a sua bebida predilecta?»

Tem razão. As respostas devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano 44 a 48, até ao próximo dia 23 de Maio.

Quanto ao Concurso desta semana, pela primeira vez vimos a razão da importancia económica da água em Portugal. Alguns leitores dirão: mas isso já eu sabia! Foi a água que nos tornou descobridores. A água foi mesmo a nossa perdição.

Na verdade foi e é. Mas o motivo é outro.

Diz-nos o sr. Fernando Luís de Brito (Rua da Piedade, 22, 2.º, Algés):

Agua? — Bebê-la é tirar o pão a um milhão de Portugueses.

Na realidade o sr. Fernando Brito merecia um Prémio Nacional de Economia. Como não existe, vamos mandar-lhe os «cem escudos».

O sr. Lino Ribeiro (Lisboa) não concorda com esta lei da economia portuguesa. Pelo contrário, considera que a

Agua e o ultimo recurso de um desgraçado com sede.

E tem razão. Dum individuo que conheci, e que foi descendo na escala de grandezas da vida, diziam os vizinhos: «Coitado! ele até já água bebe!...» Eis uma afirmação cheia de sabedoria popular.

O sr. Silvestre Gaudêncio (de Unhais da Serra) manifesta uma subida opinião ácerca da água:

Agua — esclarece este nosso assíduo leitor — é a grande companheira do homem na vida: serve para o baptizar nos primeiros dias e, depois de outras colaborações, serve para lhe conservar as barbas de molho. Assim, o homem passa a vida a meter .. água.

Não ha duvida que passa. Até mete água no vinho

No parecer do sr. Alberto H. da Silva, do Porto:

Agua — e a habitual dama de companhia do vinho.

E o sr. Vítor Nunes da Silva, de Lisboa, exprime a mesma verdade em altos termos matemáticos:

Agua é o membro da estranha equação:
1 litro de água+1 litro de vinho= 2 litros de vinho.

E que esperava o leitor? Que fosse igual a dois litros de água?

O sr. Mário Nulo, de Santo Amaro de Oeiras, ainda completa a expressão:

Agua é aquilo com que muitos devotos taberneiros e leiteiras arrancam ás trevas do paganismo o vinho e o leite.

Só não percebi foi a história das «trevas do paganismo» — Quererá com isso dizer «as escondidas» ou «empunchemente»?

Mas água ainda serve para mais alguma coisa.

O sr. Manuel S. Neves, de Lisboa, descobriu, e decerto ao fim de aturadas investigações, que

A água, através do Aqueduto das ditas livres, foi o que imortalizou D. João V.

Tanto quanto sei, o nosso leitor não tem razão: dizem que aquele monarca era, por tal sinal, muito pouco aguado. Arranjava aquedutos, mas para os outros. Aliás o aqueduto era para ele um monumento e, se estivesse seco, valia o mesmo: o importante estava em dar nas vistas.

O mesmo leitor observa que a

Agua é uma bebida que nem sempre se encontra no mar.

E' muito as..., e ao olhar o oceano, que ela parece mais estupidamente necessária

... se... [illegible] refere á água como instrumento de higiene; e foi bastante pessimista. Refiro-me ao sr. José Maria Custódio Junior, de Moscavide:

Agua e um liquido que, apesar de oxigenado, não consegue, na era dos Omos e Tides, lavar a má lingua.

E só agora sabe isso? A má lingua não se lava; trata-se com xarope de marmeleiro a 30 por cento, código penal a 20 por cento, e 50 por cento de voz grossa

E a proposito de lavar veio-me a ideia a afirmação do nosso velhíssimo leitor E. Lâse:

A água é um liquido que, apesar de servir para lavar os pés, nunca pode ser água-pé.

O sr. Artur da Silva Martins, de Beja, manda-nos uma definição sibilina:

Agua — liquido translucido onde muitos «patos bravos» navegam de vento em popa.

Não percebo bem o que isto significa e a primeira razão é a seguinte: a água em que os «patos bravos» navegam de vento em popa não é translucida, mas turva. Por isso se chamam eles «navegadores de águas turvas».

Não será assim?

Ah! mas o sr. João de Sousa é que nos manda um monumento! Parece o convento de Mafra! Ora vejam.

Agua: e sangue da terra, suor dos bons trabalhadores e lagrimas celestiais que, doce ou salgada, pode ser amarga ou doce conforme a sorte do aguadeiro; só é pura e neutra quando destilada e benzida

E' comovente!
E assim terminamos neste ambiente de profunda emoção

N. B: Informe-se os leitores de que os prémios são enviados aos vencedores nos fins do mês em que conquistaram os amáveis «cem».

Prémios em atraso

Pede-se aos leitores abaixo mencionados o favor de nos comunicarem urgentemente as suas direcções para lhes remetermos os 100$ ganhos:

Eduardo da Costa Rodrigues
D. Cidália Maria Rocio
M. G. Pires Nogueira
Francisco Maria Susano.

Aguardaremos mais quinze dias, findos os quais as importancias dos prémios reverterão a favor dos pobres do nosso jornal.

Adeus, Tonitos. Deus te leve em bem...

E lá vai ele e muitos mais num pequeno barco, em nada lutar com o mar imenso, contra tudo. Lá vão eles para colher seus frutos, e, algumas vezes, para lá ficar...

Há que conhecer bem a vida do mar para compreender os cantares dessa gente simples e valente da Nazaré.

Há que comprender as suas alegrias, tristezas e amarguras, o seu optimismo e, principalmente, as suas tragédias. Há que conhecer os seus costumes, a sua paisagem grandiosa e pitoresca. Há que compreender a sua história entretecida de lendas e milagres...

E, quando cantam, há um pouco disso tudo nas suas vozes salgadas pelo mar e pelo pranto.

O Rancho Tá-Mar da Nazaré é talvez aquele que melhor define o sentir da gente rude que vive e morre no mar. E é agradável vê-los cantar e dançar envergando os seus trajes típicos. A confirmá-lo, as muitas deslocações ao estrangeiro com o patrocínio do S. N. I. e as esplêndidas classificações obtidas em certames internacionais.

veja o que sabe esta semana • veja o que

Como o leitor sabe, os deuses romanos eram práticamente os mesmos dos gregos. Mas saberá da mesma forma encontrar a denominação latina dos deuses gregos seguintes?

1 — Hera. 2 — Atenas. 3 — Hermes. 4 — Ares. 5 — Febo. 6 — Hefaistos. 7 — Afrodite. 8 — Hestia. 9 — Cronos. 10 — Poseidon. 11 — Deméter. 12 — Dionísios.

Se acertou em dez traduções merece uma entrada no Olimpo...

■

Saberá o autor a quem se devem:

1 — As Tábuas da Lei.
2 — As Ordenações Afonsinas
3 — A Lei do Menor Esforço.

■

Uma celebérrima personalidade da Historia disse, em apertadas circunstancias, uma frase que deve estar entre uma das versões seguintes:

1 — Tambem és bruto, meu filho?
2 — Também és filho, meu bruto?
3 — Também Bruto, tu meu filho?
4 — Também tu, Bruto, meu filho?

Qual delas é a verdadeira e quem a proferiu?

■

Um tirano ouviu um dia dizer que o selo que trazia a sua efígie não encontrava compradores. Por todo o lado procurou saber a razão, mas só encontrou silêncio. Mandou comprar um selo, disseram-lhe que a menina do correio ficara a heira... dissima, mirou-o de um lado e do outro, viu que era perfeito, que não lhe faltava a serrilha em cola nem nada. Até resolveu cuspir na goma como qualquer mortal e colou-o num sobrescrito..

Depois ordenou que lhe trouxessem o Correio-Mór.

— Porque é que o selo da minha efígie não tem consumo? — perguntou.

O funcionário torceu-se e confessou que não sabia, mas que podia perguntar.

Foi então perguntar a todos os carteiros em serviço e trouxe a seguinte resposta:

— Os selos não colam.

— Não colam? E' a mim que quer impingir essa? Ora dê cá um selo!

Veio o selo, o tirano cuspiu na goma e colou-o sem dificuldade.

— Viu?

— Vi, meu senhor mas eles não cospem assim...

O leitor saberá como cuspiam?

■

Todas estas frases têm autor. O leitor, porém é que deve descobri-lo:

a) Toma arsenico, menino!

b) Sabes tu, Hermengarda, o que é andar dez anos agarrado ao próprio cadáver?

c) Este é um seculo democrático: tudo o que se fizer há-de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz.

d) Olha o jarreta!

■

O sr. Barreto é banqueiro. Por essa razão é que o sr. Barreto arranjou um bom guarda-nocturno. E o sr. Barreto dormia descansado os seus preciosos sonos. Ora uma vez o sr. Barreto fez tenção de ir ao Porto. A notícia espalhou-se e na manhã em que ele devia partir o guarda-nocturno pediu uma audiência na qual lhe disse o seguinte:

— Sr. Barreto, não vá no rápido!

— O que é que você está para aí a dizer, homem?

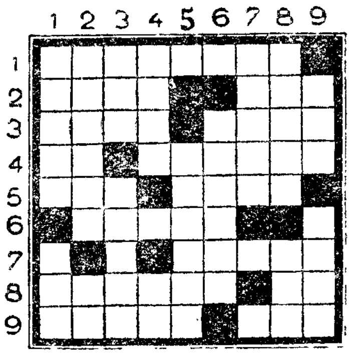
— Não vá no rápido! Sonhei esta noite que ele descarrilava e nunca os meus sonhos falharam.

O sr. Barreto percebeu que se tratava de uma manifestação de amizade e agradeceu ao fiel funcionário. Entretanto nunca tirou da sua ideia adiar a viagem. Aconteceu, porém, que em virtude de uma conferência demorada chegou tarde á estação e perdeu o comboio. Resolveu então seguir para o aeroporto, pois havia daí a pouco avião para a cidade invicta. Embarcou, dormiu uma boa soneca e só acordou no destino, Qual não foi o seu espanto quando soube ao desembarcar que o rápido descarrilara e que só se tinha salvo o fogueiro. «Grande empregado é o meu guarda-nocturno! — exclamou para consigo. — Hei-de recompensá-lo como merece.

E assim fez: quando chegou a Lisboa deu-lhe dois mil escudos e despediu-o.

Porquê?

■



HORIZONTAIS: 1 — Belicoso. 2 — Rilhou. Junte. 3 — Chefe árabe. Costumes. 4 — Célebre vedeta francesa. Concilia. 5 — Contracção da proposição e artigo (pl.). Voa. 6 — Tareia. 7 — Espeta. 8 — Borbotoa. Prefixo negativo. 9 — Rezais. Trigo.

VERTICAIS: 1 — Alguidar. Ressonancia. 2 — Brechas. Atmosfera. 3 — Média. Jogo de cartas com parceiros. 4 — Acede (inv.). Interjeição. 5 — Balizas. 6 — Urlara. 7 — Povo europeu. 8 — Nota. Canino. 9 — Pega. Tecto.

E' preciso menos gente?

Um dos problemas principais que ocupam o centro das atenções dos teóricos de Economia e da Sociologia é, sem duvida, o da demografia e das suas relações com os níveis de vida. Desde a Antiguidade, o problema tem sido debatido, dando azo a diversas leis que são promulgadas na tentativa de fazer frente á precária situação das populações. Já no Império Romano, o mal imperava, com consequências catastróficas, que os tribunos procuravam dominar, procurando soluções que, as mais das vezes, eram contrárias aos interesses dos grandes proprietários. Tibério e Caio Graco foram dois pioneiros das reformas agrárias do mundo romano, mal sucedidos por demais ousados em relação á moral vigente. Procuravam revigorar o Império, injectar-lhe nova vida, novo sangue, resolvendo a questão da terra e da sua distribuição pela população. O sistema económico que então vigorava arrastava consigo as contradições que lhe eram inerentes, pondo o problema no plano do insoluvel. Este ligava-se mais á condição económica do que á legislação, e só uma modificação daquela poderia trazer novos alentos a um tão premente problema que minava profundamente a sociedade romana. Todas essas tentativas são, no entanto, dignas dos nossos respeitos, não só porque convergia os seus raiores sobre a verdadeira fraqueza do Império — uma subpopulação que se traduzia numa subutilização das fontes e recursos de que dispunham — como também pela sua atitude de inconformismo que avançavam contra o «statu quo». Mais tarde, Augusto publicou as chamadas leis caducárias que combatiam o celibato, a esterilidade do casamento e a viuvez. Embora, aparentemente, estas se apresentem de conteudo diverso do das reformas dos Graco, no fundo reside um mesmo e unico objectivo: o de facultar o acréscimo, vitalmente necessário, da população; as primeiras estabelecendo — ou procurando fazê-lo — uma estrutura social que melhor se adequasse ao problema; as segundas actuando mais de cima, mais suprastruturalmente. Uma e outra seriam inoperantes, uma vez que não representavam o amadurecimento de uma dada realidade económica.

Durante a Idade-Média, surgem correntes que se contradizem, mas no século XVIII, aqueles que exaltam a ideia do progresso, da revolução industrial em embrião, depositam confiança na natureza e no homem, na sua força, na sua capacidade mental e na sua inteligência, á custa da qual arrancará daquela todas as suas prodigalidades. Ao lado destes, surgem os pessimistas — os que envolvem os homens um círculo fechado, cada vez mais apertado, da quantidade de subsistências. Eles mesmos abririam caminho a Malthus e aos inimigos do progresso e da ciência, a todos os que aceitam os acontecimentos como um fatalismo contra o qual os homens nada podem, nem devem. Limitavam-se a uma análise imediata e superficial, subjectiva, outra mesmo, da realidade factual, que assalta o homem, vitimado em cada momento, seus próprios instituições.

A lei de Malthus relaciona população e subsistência, esta sujeita a uma pressão cada vez maior por parte daquela. A população cresce em progressão geométrica, enquanto que a produção cresce em progressão aritmética. Daqui resulta, «justificadamente», a luta pela vida, a vitória do mais forte, um desequilíbrio dia-a-dia mais acentuado da população-produção que se resolve pelos chamados «freios preventivos» (moral, vício, etc.) e «freios repressivos» (guerras, privações, doenças) de que W. Vogt era um grande apologista.

Malthus lança o peso da responsabilidade para cima dos homens, os unicos causadores dos males que os afligem. Aconselha, por isso, a abstinência no casamento (as suas convicções religiosas são contrárias a práticas anticoncepcionais) como uma das maneiras de abrandar o caudal humano, em luta pela sua subsistência.

Do que fica exposto se vê que Malthus se reporta a um período esporádico, isolando-o do passado e do futuro, impermeável a uma observação histórica do fenómeno, a unica que poderá fazer sobre o mesmo. Qual o mecanismo da formação desta população marginal, qual a origem dessas «armadas de reserva», foi questão que jamais se pôs ao espírito deste sociólogo. No sec. XVII, começam a notar-se o êxodo rural, provocado pelas impiedosas expropriações de terras. Mergulha aí a origem da sobre-população que invadiu as cidades e os centros mais importantes, como uma necessidade de um sistema em formação — condição sine qua non para a realização do mesmo. Formações dipolares, técnicas rudimentares, má distribuição de riquezas, sistemas económico-sociais que deixam os homens entregues aos seus braços, pura e simplesmente, são outras tantas causas da discrepancia entre população e produção. A terra tem potencialidades para abrigar uma população muito maior, conquanto que a producão e os recursos de que se dispõe sirvam a sociedade no seu conjunto. A discordância que existe não é entre população e subsistências, mas unicamente entre população e emprego, isto é, entre população e os rendimentos auferidos por cada humano: entre população e capacidade de compra de cada um.

As aquisições da Ciência-ao-serviço-do-homem, as vitórias desta sobre a Natureza, a humanização de novas áreas de exploração, fornecendo ao homem novas fontes que satisfaçam as suas crescentes necessidades e não as condenando ao sub-emprego, assim como á força de trabalho representada pela população, a racionalização do sistemas das relações de produção, dão o seu contributo no sentido de uniformizar as actividades dos agrupamentos humanos, como peças de uma máquina engrenagem comandadas por um só fim, libertando o homem do flagelo da subsistência, da sub-alimentação, da miséria, da fome e de todos os espectros que os sepultam nos seus poços de incerteza e de medo.

BLASCO FERNANDES

(Continuação da 1.ª página)

os nossos olhos para o grande mercado e para a multidão que aí se entregava ao comercio. Havia entre nós soldados que tinham estado em muitas e desvairadas partes do Mundo, em Constantinopla, na Itália e todos foram concordes em afirmar que nada tinham visto de semelhante...».

Os Espanhóis acabavam, pois, de descobrir a América. Encontram-se nas Antilhas desde que Cristovão Colombo lá aportou — em busca do caminho da India — em 1492. Mas esperaram vinte e sete anos para atravessar o Golfo do México — e para se aperceberem que a América não era um arquipélago, mas um continente.

Mais do que isso: um continente habitado por povos que possuiam um grau de evolução diferente, mas comparável ao seu:

«A jurisdição azteca — afirma Henry Lehmann — estava assente em báses sólidas. O assassino era enforcado, o adultero morto á pedrada, o traidor esquartejado. Eram ainda passíveis da pena de morte o ladrão de milho, de ouro, de prata ou de jade, o incestuoso, o bruxo que houvesse praticado a magia negra. Aos difamadores cortavam-se os lábios e as orelhas ...».

«O que nós hoje chamamos ... mahometanos, possuíam os olhos dos antigos mexicanos uma importância capital como índice de educação e como factor necessário de hierarquia social».

Mas a divisão da sociedade em classes nitidamente diferenciadas não espantava os Espanhóis, impregnados ainda da mistura de cortesia e barbárie que caracterizava a idade média ocidental.

Os Aztecas, após dois séculos de esforços e de batalhas sangrentas haviam chegado a unificar sob sua tutela a maioria dos povos da língua de terra que separa o Golfo do Mexico do Pacífico. Possuíam uma administração, um exército, um sistema de escrita, uma religião de estado bastante maleável para assimilar os cultos locais. Em resumo, os problemas dos seus reis não diferiam muito dos dos reis europeus que acabavam então de constituir esses «domínios» hoje tornados «nações»: França, Inglaterra, Espanha.

Inicialmente reduzidos por uma tal analogia, os Espanhóis reagiram rápidamente. Após um «flirt» de alguns meses, os canhões dos conquistadores levarão a melhor sobre as flechas e os punhais dos seus adversários ..

Era isto mesmo que ela queria para a filha ...

... e conseguiu-o em poucas horas, utilizando a

máquina de tricotar simples ou super-automática

De grande facilidade de manejo e executando rápidamente todos os trabalhos de «tricot»

tem ainda a grande vantagem económica de se poder transformar em duas máquinas

Consulte os Representantes

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

Diario de Lisb

POSTAL ILUSTRADO

—Nesse tempo é que era fado.

Diz ele, e eu fico, no decorrer da conversa, pasmado. E' que vejo alguma propaganda sair certa! Essas cantarolices gargarejadas por aí onde se fala na sardinha assada fora de portas, a caleche ou «gingão», o fado batido até altas horas, em ruas mortas, afinal reparo que o saudosismo não mente e aconteceram mesmo

O meu [illegible] amigo desfia suas recordações. Cortadas aqui e ali suspiros altos como ondas, devo acrescentar? Conheceu Fulana e Cicrana Raparigas que andavam com a gente, compreendem. O guitarrista dava a partida e elas aí vão! Versos com a vida delas, evidentemente. Fado. A desgraça curtia-lhes a garganta. A voz saía-lhes da boca, dos olhos, das mãos, do corpo... Estrugiam palmas. A cantadeira emborcava um copo até meio e passava o restante ao guitarrista. Vinha aí outro fado, outra fadista. Despique. Mas a coisa a sério, não sei se está a perceber. Nada desse arroz fingido que circula agora! De repente, estavam as duas engalfinhadas. Enfim...

Bem, se é necessário tomar posição a respeito do fado, direi que ele me aborrece. Porque me não responde a nenhuma solicitação. Porque, tal como por aí o temos na Rádio á velocidade de uma data de horas por dia, traz pouca ou nenhuma terra presa á raiz. Nem ao menos o sinal da desgraça que o marcava, o copo lambuzado ao fim da cantoria. Literatura — é mazinha. E as vozinhas! Coitadinhas que as meteram naquelas andanças, assim implumes e desamparadinhas de todo!...

Não vale a pena criar ou ressuscitar o debate. Não vale. Mas se eu não sou estrangeiro nem turista á caça de emoções, se não venho do tempo das hortas, das sardinhas assadas rimando com fora de portas, das caleches batendo para os serões onde a canalha e a fidalguia se aqueciam á chama do mesmo fado, se não sou saudosista, porque me obrigam a saltar de botão em botão a fugir ás vozinhas implumes que cantam desgraças de amor — vozes que só pô-las a girar com dois açoites!

Claro que substituir estas pelas tais dos tempos marialvas não vinha resolver o problema. Mas, que me perdoem!, seriam preferíveis. Seria preferível que a tristeza viesse em lugar de mandar embaixadoras bem pagas. Que viessem os dramas em versos arrebentados semelhantes ás pilecas do «Gingão». Que viessem com seus laivos de revolta levedando sob os escombros.

Que não fosse esta mentira insistente, com seus arreios dourados.

Como todos os turistas, José Gorani deixava-se fácilmente contagiar pelas fachadas. Ao dar o seu passeio por Coimbra, que lhe haviam recomendado como cenário de poetas e terra de muita ciência, o italiano convenceu-se, ao olhar a frontaria dos muitos edifícios universitários, que por de trás deles se ensinavam «todas as ciências e o seu corpo docente fora sempre constituido por sábios de primeira ordem». (...) «Encontrei na Universidade de Coimbra — assegurava mesmo — professores de grande saber. Embora fossem obrigados a seguir antigos rotinas, eles estavam a par de todas as descobertas feitas no estrangeiro Em história natural, trabalhava-se ali superiormente a Buffon, que era um ídolo em França e noutros países, não o era na Universidade de Coimbra, onde chamaram á «História Natural» deste autor «o romance da Natureza».

Já nesse tempo, como se vê, e antes dos actuais agentes de publicidade de filosofia portuguesa («a melhor do Mundo»), nós dávamos cartas em matéria de pensamento. O pobre do Buffon era um pigmeu ao pé do grande e desconhecido mestre que fazia muita luz na Universidade coimbrã. Mas os mimos ainda se estendiam a outros campos.

«Desafio — diz virilmente o Gorani — desafio quem quer que seja de encontrar noutro país uma Universidade que se avantage á de Coimbra em arqueologia, grego, hebreu, caldaico e árabe».

Até caldaico! De resto, em linguas mortas eramos verdadeiramente imbatíveis E aprendendo estas coisas e outras, José Gorani passeava feliz pela cidade. Dela guardaria saborosas recordações:

«Esta cidade de Coimbra — escreveu — foi sempre celebrada por Portugueses e estrangeiros. Era, com efeito, mesmo em 1766, uma estancia muito agradável. O Mondego, que a banha, aumenta-lhe os encantos. As duas margens estão ligadas por uma ponte, comprida e baixa, que assenta em grande numero de arcos, de diferentes tamanhos. Existiam também um castelo e um aqueduto de vinte arcos, que conduzia para a cidade uma água salubérrima. Tanto um como outro foram construídos pelo rei D. Sebastião. A este malaventurado e valoroso principe se deve o estabelecimento de uma fábrica de caixas e vasos de chifre, que ali é curiosamente trabalhado».

Eis uma desvanecedora notícia para o nosso coração de Portugueses: D. Sebastião a impulsionar carinhosamente entre nós a industria do chifre! E pena foi a cabeçada de Alcacer-Quibir, que então nem se sabe como estariamos hoje em tão distinta actividade

Gorani notou também com seu olho vivíssimo que havia fábricas de tecidos, de cassas, de palitos, de olaria crua e vidrada E os habitantes eram ricos:

«Todas as famílias são ricas de bragal e até entre os mais pobres, as mesas onde se via sómente pão e castanha, estavam dotadas de guardanapos muito decentes. Chegou-me a parecer que estava em Saxe ou na Silésia».

E o motivo não era para menos: até mesmo a pão e castanha o povo porfiava em luxar á mesa. Com-

preende-se,
que o Go
«Houve lágr
primeiro es
depois as de
seguir em v
Quarenta
ras levou a
ao Porto! A
preendeu-o,
actividade e
Companhia
suia magnif
algumas da
oito a dez m
região — e
delicioso e
gar pelo go
Inglaterra,
alterado e
Já nesse t

AUGUSTO

mo internac
to. Mas Gor
curiosa visã
«Vistas á
ta cidade o
agradável, q
materiais, á
tos e á escas
como em to
tugal e de E
1766 senão
que geralme
lada na águ
A comida
de altitude.
tava aí: a fe
sentava falt
lamandras -
desenturpec
no. Fora es
dade tinha
«As mar
Douro), pró
quanto a v
meadas de

---

que soube fazer os outros felizes

Em 1703, nos três derradeiros dias de Julho, quem quer que passasse naquele movimentadíssimo bairro de Londres podia gozar o espectáculo de um homem de quarenta e tal anos amarrado ao pelourinho. Quando ele se escondera da justiça real — governava então a Inglaterra aquela rainha Ana que os fabricantes de móveis nunca mais esquecerão, pois lhes legou um estilo novo para vender — o Estado publicou um pregão na Gazeta de Londres *oferecendo cinquenta libras esterlinas a quem encontrasse um tal* Daniel De Foe. *Para facilitar a vida aos denunciantes o Governo dava do foragido o seguinte retrato oficial, que, mais tarde, acabaria por ser muito utilizado pelos historiadores da literatura inglesa:*

«Trata-se dum homem magro, de meã estatura, rondando os quarenta; é moreno e tem os cabelos castanhos; usa peruca, tem o nariz adunco e o queixo saliente. Sinal particular: uma verruga junto da boca».

Eis o necessário para se dar caça a um homem. E que homem! Três anos depois começaria ele a vida que o tornaria célebre para todo o sempre: foi precisamente em 1706 que ele publicou o seu primeiro romance — Aparição da Sr.ª Vitela; *treze anos depois aparece em publico com o célebre* Robinson Crusoe, *a que se segue no ano seguinte o* Capitão Singleton, *e, num jacto, em 1722, três romances:* Moll Flanders, O Coronel Jacque *e* Jornal dum Ano de Peste. *Dois anos mais tarde fecharia o ciclo com* Roxana. *E morre misteriosamente em 1731.*

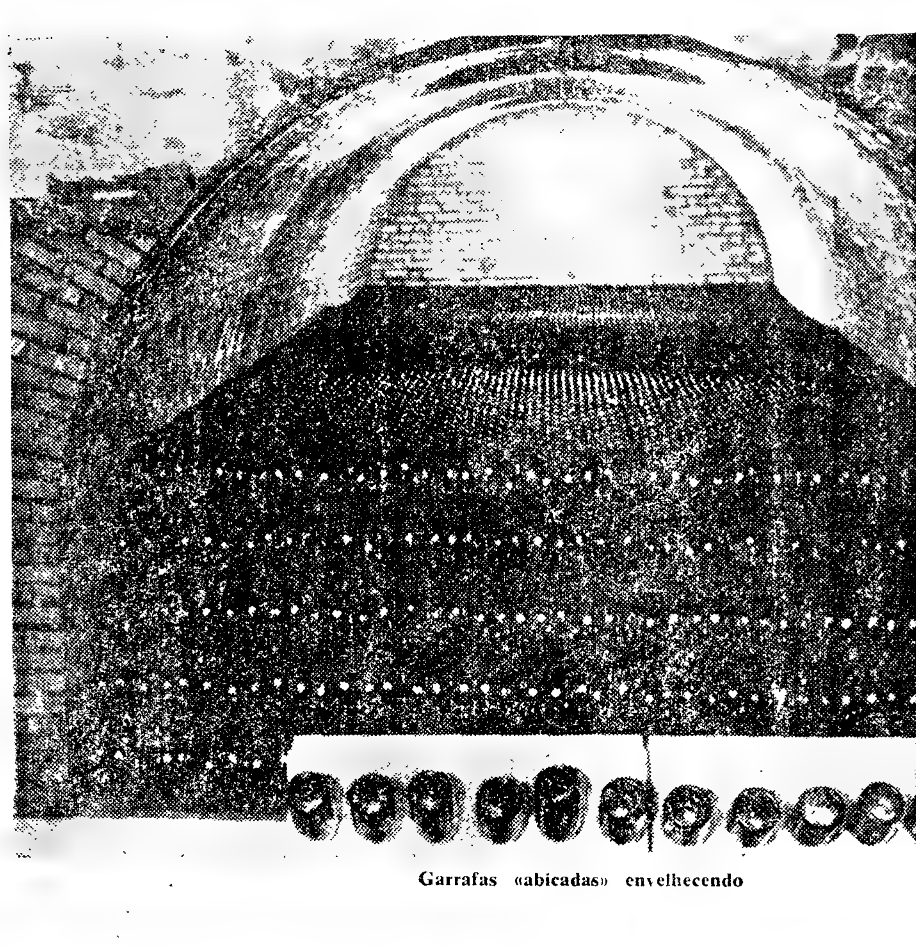
Sua família emigrara da Holanda no século XVI. O pai era puritano e realista: no ano em que se dá em Inglaterra a restauração monárquica — depois do parágrafo republicano de Olivério Cromwel — nasce. Daniel. Iam começar entretanto novas perseguições religiosas (que era uma forma de se rotularem as políticas). Tinha o «miudo» quatro anos quando surgiu um cometa nos céus da Inglaterra, o que foi interpretado pelos conhecedores como anuncio duma catástrofe. Os que, como a família De Foe, pertenciam á camada dos perseguidos, consideraram o facto como em sinal divino contra os pecadores. A verdade é que rebentou como uma praga a terrível peste de Londres: as pessoas morriam aos milhares juntamente com os gatos e os cães (com grande desgosto de Daniel); cavavam-se fossas para enterrar os cadáveres a granel: mas a família De Foe—boa família protestante! — escapou, o que provava a clarividência dos céus. Daniel nunca se esquecerá de que o pai metia todas as moedas provenientes dos seus negócios (negócios então se faziam!) em azeite para evitar que pudessem contagiar alguém: e esta fortuna em conserva, alicerce de novas e chorudas transacções nos tempos de peste e durante o fogo que, três dias a fio, crestou e arruinou Londres — foram a causa de Daniel frequentar estudos que os seus antepassados não teriam sonhado. Destinaram-no a carreira eclesiástica; mas ao atingir os dezasseis anos Daniel declarou que lhe faltava a vocação para a carreira: entrou ao serviço dum armazenista de vinhos a quem acompanhou por dois anos através de todo o continente europeu. Regressado a Inglaterra, casou com uma rica herdeira e a sua vida corria amável quando, em 1685, Carlos II morre. O puritano Daniel De Foe faz o seu baptismo político e segue os partidários do duque de Monmouth numa revolta contra as perseguições religiosas; vencidos e castigados com a mais horrorosa crueldade, os puritanos foram ceifados aos milhares: Daniel escapou porque fugiu.

Com o desembarque de Guilherme de Orange, De Foe volta a revoltar-se, mas agora o seu partido é vencedor e Guilherme III cumula-o de cargos rendosos. Sentindo-se a nadar como peixe na água Daniel salta á estacada como panfletário, em defesa do rei Guilherme: um racista daqueles tempos criticava que um holandês se sentasse no trono de Inglaterra; De Foe escreve então The trueborn english («O Inglês puro-sangue»), *onde gostosamente afirma que* «um cavalo turco tem mais certeza de saber quem são os avós do que um barão inglês...».

Em recompensa o rei Guilherme nomeia-o seu informador político e agente secreto: eis Daniel De Foe feito policia de informação, escutando aqui e ali o que se dizia. Estas andanças (perseguições, falências que sofreu em 1692, os cargos politicos) aguçaram-lhe o oportunismo. Em 1702 escreve um libelo que é mal interpretado pelos poderes constituidos e o Governo lança o célebre edital nos jornais que acabará por levar o nosso aventureiro á cadeia e ao pelourinho. Da cadeia o tira o ministro Harley que, tal como o rei Guilherme, nele farejou um rico aliado. E' Harley quem financia De Foe no lançamento da publicação trissemanal The Revue, *na qual o escritor ocupa todos os lugares desde director a editor e redactor unico. Revista politica e de escandalos —* The Revue *marca uma data na história do jornalismo: vive do publico, excita-lhe os caprichos, o desejo doentio de conhecer escandalos, a necessidade de interferir na vida publica (o que fazem com as célebres «Cartas ao Director»). Eis Daniel de Foe lançado na vida das letras!*

Por essa altura (1704) um naufrágio atira com o marinheiro Alexandre Selkirk para uma ilha deserta das costas do Chile — João Fernandes; aí esteve até 1709: e a narrativa das suas aventuras lançou o oportunista Daniel De Foe no aproveitamento daquele filão. Sabia que encontraria volumoso publico para um livro sobre tal motivo; tinha profunda imaginação; possuia o extraordinário condão de insuflar visos de verdade ao que inventava (o publico não se agoniou com a existência de focas e pinguins numa ilha tropical...). 1719 (data do aparecimento do Robinson) *é o ano da glória literária de Daniel de Foe. Habituado a corresponder ás paixões do publico — ei-lo a fabricar novas histórias, aproveitando todas as oportunidades favoráveis. Por exemplo: á roda de 1722 treme-se ante a ameaça duma nova epidemia de peste: Daniel de Foe espreita o «furo» editorial e fabrica logo um best-seller ruidoso —* o Jornal do Ano de Peste, *aliás o seu melhor romance. Para conferir todo o cunho de veracidade á sua narrativa, De Foe recheia-a de documentos habilmente inventados. Esta é aliás uma das grandes características deste grande intrujão das letras: apresentar as suas obras não como relatos de fantasia, mas como* «relatos autênticos» *e oferecidos ao publico, na maioria dos casos, como autobiografias dos herois.*

Intrujão de génio, escrevendo para agradar — Daniel De Foe ainda é lido hoje com manifesto encanto.



Garrafas «abicadas» envelhecendo

(Continuação da 1.ª página)

lo», até que tome a posição vertical, e desta maneira algum tempo depois o depósito encontra-se assente na rolha.

Seguidamente, começa o «envelhecimento». As garrafas ficam em «montes», durante alguns anos, não menos de 2 — e embora quanto maior for a velhice, melhor será a qualidade — nunca o envelhecimento deve ir além de 12 anos, pois de contrário o vinho ficaria «demasiado enfartado no sabor da prova». O «degorgement», é uma das ultimas operações. Faz-se saltar a rolha com a garrafa voltada parabaixo e com ela o depósito sobre si assente; é uma interessante e rápida manobra, porque a garrafa tem de ser voltada para cima no momento em que a rolha dispára, senão...

Na máquina de dosear, fazem-se os «tipos» que hão-de satisfazer os mais variados gostos, e são o «meio-doce», o «meio-seco», o «seco», o «extra-seco» e o «bruto»; e atestam-se as garrafas. Só falta colocar a rolha agrafada com o «mosellet» — armação de arame semelhante ao açamo das vacas, com o qual nas festas se entretêm as crianças, enquanto os adultos bebem — rotular e capsular, a fim de seguirem para o mercado.

Está terminada também a nossa romagem pelas caves. Estas são um elemento de valor inestimável nesta indústria, obedecendo a características especiais, como a tem-

peratura q
no Verão e
trapassar o
12 graus.
E' natural
dia visitar
ves de pare
ne», se ten
de aranha
cantos e p
vadas religi
Assim se
mantes, (ti
mente sofre
dos vinhos
vinhos bran
car e gás ca
envelhecime
factor para
aperfeiçoam
tria de esp

Gorant
Dela
ações:
— es-
da por
Era,
, uma
Mon-
-lhe os
estão
orida e
de nu-
tama-
castelo
os, que
a água
o outro
D. Se-
rado e
estabe-
de cai-

preende-se, pois, a saudade com que o Gorani deixou Coimbra. «Houve lágrimas» — confessa, mas primeiro estavam as obrigações e depois as devoções: tinha de prosseguir em viagem.

Quarenta e oito vertiginosas horas levou a caminhada de Coimbra ao Porto! A capital do Norte surpreendeu-o, antes de tudo, pela actividade económica. Visitou a Companhia dos Vinhos, que «possuia magnificas caves abobadadas, algumas das quais comportavam oito a dez mil pipas. O vinho desta região — esmiuça o italiano — é delicioso e é necessário não o julgar pelo gosto do que se bebe em Inglaterra, onde ele é inteiramente alterado e desapaladado».

Já nesse tempo se fazia o baptis-

POR
AUGUSTO DA COSTA DIAS

e ali é
notícia
rtugue-
nar ca-
indus-
a cabe-
e então
os hoje
om seu
fábricas
palitos,
os ha-
icas de
pobres,
nte pão
das de
es. Che-
ava em
menos:
a o po-
a. Com-

mo internacional do vinho do Porto. Mas Gorani dá-nos ainda uma curiosa visão da cidade:

«Vistas á distancia, as casas desta cidade oferecem um aspecto agradável, que é devido á cor dos materiais, á pouca altura dos tectos e á escassez de chaminés. Aqui, como em todas as cidades de Portugal e de Espanha, não havia, em 1766 senão chaminés de cozinha, que geralmente se encontra instalada na agua furtada».

A comida era assim feita a grande altitude. O pior, porém, não estava aí: a falta de chaminés representava falta de fogões de sala, salamandras — lares onde o homem desenturpecesse o corpo no Inverno. Fora este inconveniente, a cidade tinha coisas notáveis:

«As margens meridionais (do Douro), próximo da cidade, tanto quanto a vista alcança, estão semeadas de conventos e casas de recreio de ricos particulares, tanto nacionais como estrangeiros. Os bosquetes e jardins que as cercam, respeitados pelo próprio Inverno, constituem um espectáculo encantador.

«O que mais contribui a tornar esta cidade tão agradável á vista é a disposição das casas, que, gradualmente, se sobrepõem umas ás outras, assim como degraus de um anfiteatro».

Os transportes eram bastante típicos:

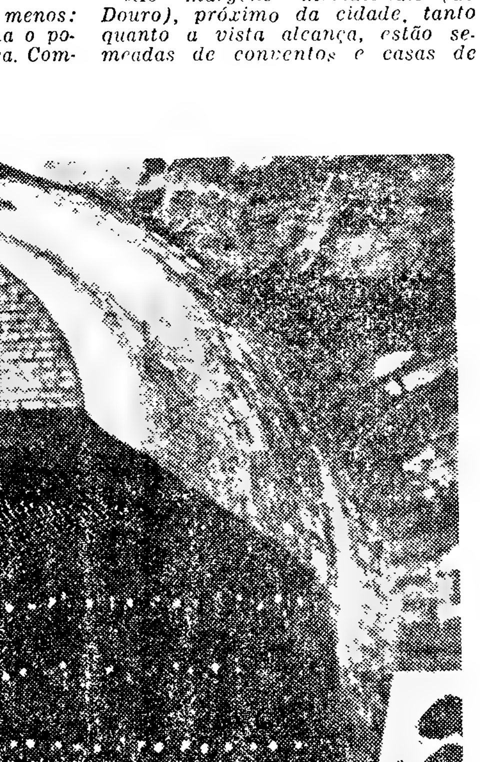
«Poucas carruagens se encontravam no Porto por causa das ruas serem muito íngremes e estreitas; o pavimento, porém, era de lajes e estava em bom estado. O que mais se via era uma grande quantidade de cadeirinhas e algumas liteiras atreladas a cavalos ou mulas. No rio utilizavam-se bonitos barcos, todos do mesmo tipo e oferecendo certa semelhança com as gondolas venezianas».

O turista veio de repente ao de cima e, no seu entusiasmo, afirma que os barqueiros dos rabelos cantam estancias de Camões, coisa que nem os barqueiros universitários são capazes de fazer.

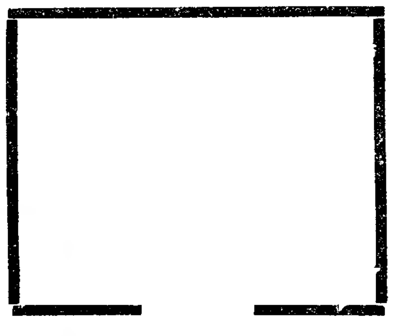
Havia, porém, razões para tanto entusiasmo: Gorani levara do Porto uma agradável recordação:

«Fiquei convicto que a residência no Porto era mais agradável que em Lisboa, pois as mulheres eram muito mais afáveis, mais belas e com maiores atractivos. Frequentei todas as assembleias, nas casas nobres, nas do comércio e da burguezia e, em todas elas, encontrei um ambiente encantador, franco e alegre: não existiam a desconfiança e o constrangimento que reinavam em Lisboa, onde o Ministro tinha espalhado por toda a parte os seus espiões, delatores e inventores de calunias. Numa palavra: no Porto era-se menos escravo, e portanto, melhor se revelava o caracter nacional»

Eis uma coisa simpática no nosso italiano: a veneração pela índole dos Portugueses. Á conta disso lhe perdoarão de certo os leitores os desvios de semantica turística.



...ecendo



ara cima
olha dis-
fazem-se
sfazer os
e são o
, o «se-
oruto»; e
Só falta
a com o
e arame
s vacas,
entretêm
adultos
ar, a fim
ado.
a nossa
stas são
estimável
do a ca-
o a tem-

peratura que deve ser constante no Verão e no Inverno e não ultrapassar os limites entre os 10 e 12 graus.

E' natural que se o leitor algum dia visitar uma destas escuras caves de paredes cobertas de «patine», se tenha de livrar das teias de aranha existentes por todos os cantos e protegidas senão conservadas religiosamente...

Assim se fazem os vinhos espumantes, (tipo champagne) actualmente sofredores da concorrência dos vinhos «espumosos», (que são vinhos brancos adicionados de açucar e gás carbónico artificial e sem envelhecimento), constituindo um factor para a falta de estímulo e aperfeiçoamento técnico da indústria de espumantes.

(Continuação da 1.ª página)

convencional, poderia fazer-se com que no espaço de seis minutos, o telescópio observasse práticamente todo o Céu. Operado por «controle» da Terra, teria grande capacidade para escolher entre dois pontos muito próximos um do outro. Poderia separar até cem pontos além do diametro da lua cheia, por exemplo. As observações seriam registadas numa película especial, magnética, e imediatamente transmitida á Terra.

Ainda que tudo isto pareça difícil, os astronomos não têm ilusões quanto ás dificuldades a vencer. Se o telescópio for colocado a 1.075 sobre a Terra, dará uma volta completa, em cento e vinte minutos. E estabilizar-se no seu giro, mover-se-ia três graus, ou seja seis vezes o diametro da lua cheia. E' óbvio que nada de prático se lucraria então; e para o evitar, o telescópio teria de ser montado numa plataforma, sempre apontado na mesma direcção. Este é um dos problemas que mais dificuldades apresenta.

Para obter a devida estabilização, teria de usar-se três volantes com os eixos em angulo recto, em relação uns aos outros. Logo que o telescópio fosse dirigido a um objectivo celeste os volantes teriam de prever á respectiva compensação para que o aparelho «seguisse» o objecto.

Resolver-se-ia, deste modo, o problema da orientação; porém teria de se focar devidamente o telescópio, mediante um sistema ajustável. E para transmitir as «ordens» ao telescópio colocado no satélite, teria que haver um radiotelescópio de razoável tamanho. Os sinais para orientar o telescópio, do satélite, seriam lançados por este transmissor, uma vez que instalado no telescópio enviaria a sua informação para Terra.

No próximo artigo referir-nos-emos a alguns dos valiosos dados que poderiam obter-se por meio do telescópio do satélite.

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

num café. Era, por tanto, naquela época relativamente amável e próxima em que o canceroso progresso das células bancárias ainda não havia tragado, um a um, todos os cafés da cidade. Jacinto sentira uma tremenda falta de tabaco e, sem descolar o nariz do livro, pesquisou no bolso habitual o maço de cigarros. Nada! Ficou por segundos a lembrar-se onde o teria arrumado. A memória é que logo lhe disse que não era preciso teimar: tinha fumado o ultimo, por sinal até á medula das unhas; e a prova ali estava no chão: o maço vazio e encarquilhado como uma donzela que ficou sem casar.

que lhe acudiu foi comprar um maço; esboçou um gesto de «lieder» das classes dirigentes e já baloiçava a voz de comando dominador: «*Eh miudo, traz-me um maço de...*» De? Sebo! E dinheiro? Ahn? sentiu-se resvalar vertiginosamente no escorregadouro das escalas sociais e ergueu aflitivamente o nariz com medo de ir ao fundo. E que viu nessa altura? Uma coisa tinha como certa: gozara o sentimento de náufrago ao ver balançar-se preguiçosamente o perfil de um coqueiro no trágico segundo em que acabava de arrotar um grande golo de água salgada...

de cigarros, teso como um juvençal da Escola do Exército, enchia o tampo da mesa. E era mesmo dos que ele gostava! O cérebro de Jacinto num repentino aumento de voltagem. Viu que á beira se estirava uma caneta de tinta permanente em disposição suicida. «*Um toque!* — empurrou uma voz interior — *Um toque apenas e cairá no chão!*» do maço e da caneta mantinha-se de cabeça cravada nas páginas, decerto obsecantes, de um livro grosso. *Era a altura!* Jacinto afogou uma das mãos no bolso, do lado da mesa crucial e ao devolvê-la ao ar livre arrastou, como por acaso, um lenço que tombou para o chão. Jacinto apontou uma ultima olhadela para o dono do maço de cigarros, viu-o absorto, e então, sem hesitar, lançou-se numa série de manobras confusas que conseguiram ao mesmo tempo pegar no lenço e deitar a caneta ao chão. Ao regressar, Jacinto trazia uma face vermelha e os cabelos entornados sobre a testa. Assim — e ainda por cima com uma trágica expressão de culpado — olhou para o desconhecido, que fora despertado pela queixa da caneta ao estatelar-se no mosaico.

— gemeu o pobre Jacinto. Era tão comovente a sua aflição que até partia as pedras. O outro disse que não, a conversa pegou á custa do tempo, dos exames que vinham aí e acabou por arder num quente fogo juvenil. Então veio a altura em que Jacinto poisou a caixa de fósforos na sua mesa e ensaiou com arte consumada a pesquisa do maço de cigarros. Enrugou um ar espantado. Pôs-se ás pancadinhas com ambas as mãos por todo o lado onde existisse um bolso. Com o pé esmagou o maço vazio e disse: «*Oh diabo! perdi os cigarros! Onde diabo os teria eu deixado?*

que se chamava Bernardino, não sabia. Mas ofereceu os seus. E essa foi a semente de uma frondosa amizade. Acabaram por ter fatos, livros e desvios de semantica comuns: e chegados á conclusão de que havia certas coisas na vida que um homem não pode deixar de ter, eles passaram a adquiri-las a meias: a gravata preta, as meias pretas, o fato preto, o «smoking», as luvas de cerimónia e assim por diante.

colectiva, era a mesada — que recebiam em dias diferentes e com a mesma irregularidade aflitiva. Quando essa irregularidade tinha atrasos de vinte dias ou mesmo um mês, a fome, as dificuldades eram partilhadas com a mesma fraternidade: passavam os dias no quarto comum, comendo pão, bebendo copos de água volumosos e fumando cigarros.

porém, a dona do quarto pô-los na rua, depois de ter contemporizado cinco meses a fio. Jacinto e Bernardino reuniram as ultimas forças económicas e sentaram-se, em assembleia geral, num dos tais cafés que então ainda havia. Jacinto tinha sobretudo muita fome; Bernardino tinha sobretudo muita fome: necessidades que exigem portanto mesa e cama.

— Jacinto suspendeu-se nos umbrais de uma ideia extraordinária para melhor a contemplar antes de a pôr á mostra. «*E se* — prosseguiu finalmente — *e se um de nós vendesse o fato?*» — «*Mas como é que nos aguentamos com um só fato para dois?*» — admirou-se o Bernardino. «*E' bem simples, pá* — explicou o companheiro: *Alugamos com o dinheiro do penhor um quarto e quando um sair para a rua fica o outro na cama; quando um comer, o outro dorme*».

do ovo de Colombo ainda nenhuma outra cabeça fizera «*postura*» mais genial. A coisa ficou logo resolvida: passaram por um usurário mostraram o fato melhor (o do Jacinto), disseram que tinham outro igual e quanto daria o penhorista. Assente esta primeira parte da operação e ficando de voltar dentro em pouco, os dois jovens seguiram a ajustar um quarto ao pé da Faculdade: era uma baiuca miserável, mas para os efeitos não se podia exigir mais.

a tarde, quando Jacinto se despojou do fato, envergou o do amigo que se meteu na cama e, de embrulho debaixo do braço, se dirigiu para a loja de penhores. Depois foi o habituar-se a tão estranha situação: Jacinto na rua, Bernardino nos lençois; Jacinto nos lençois, Bernardino na rua. E eles que até aí tinham tido uma vida par, passaram a sofrer uma vida impar, mas obrigatória. Só o sacrifício era comum.

as mesadas tardavam. A dona da casa perguntava todos os dias pelo dinheiro: que afinal ainda não tinham dado nada por conta, nem sequer o sinal. As desculpas tornavam-se mais difíceis; e havia, ainda por cima, o mistério do quarto sempre fechado á chave e a necessidade de só um aparecer á dona da casa...

Jacinto, estendido entre a dieta dos lençois, ouviu bater á porta violentamente. Fingiu-se mouco. Mas as pancadas não desistiam e numa aberta distinguiu-se perfeitamente uma voz masculina: «*Abra! que é a Polícia!*» Jacinto pulou para o chão, pensou em fugir, ainda chegou a dirigir-se para o quarto que dava para a escada; mas desistiu: estava em cuecas!

as pancadas tornavam-se mais furiosas e então Jacinto caminhou para o cadafalso: mal abriu a porta jorrou no quarto u mpolícia a resfolegar, e vermelho de esforço. Atrás, a dona da casa, que baixou os olhos de pudor ante aquela visão de um jovem em cuecas.

paga já o quarto, ou vai para a cadeia. Vá, o dinheiro! «O moço confessou que não tinha. «*Então vista-se e acompanhe-me. Vista-se! Onde estão os fatos?*» E novamente o moço confessou que não tinha. O polícia olhou a dona da casa, olhou o moço, olhou o quarto, olhou para tudo que estava á vista e acabou por querer ver o que não estava á vista: mas nem nas gavetas, nem no armário, nem debaixo da cama encontrou qualquer peça de roupa.

é que o senhor vai á rua? — interrogou o agente, com uma expressão sagacíssima.— «*Não vou á rua...* — confessou o rapaz. A confissão provocou uma tempestade, mas o polícia já estava a enredar na teia uma armadilha genial. Virando-se para o jovem ameaçou que no dia seguinte o dinheiro tinha de aparecer! E saiu.

Bernardino regressou veio dar com Jacinto

encostado á parede e branco como neve. Trazia o estômago um pouquito reconfortado, sobretudo por mor daqueles dois copos de vinho que lhe tinham caido na fraqueza; olhou o camarada, ouviu-o e considerou, pleno de optimismo, que «*a coisa não tinha importancia, que tratasse mas é de se vestir que era a vez de ele se enfiar no Vale dos Lencois*».

depois, Jacinto ia a descer a escada quando o polícia lhe desceu as mãos pela gola do casaco: «*Com que então, meu malandro, não tinhas fato! Vá, que eu levo-te para outro quarto mais agradável*». E não houve protestos que não evitassem o imposto da amizade: Jacinto foi mesmo preso; Bernardino ficou em cuecas dentro do quarto: ambos presos, afinal. Só ao fim de dois dias é que o chefe da esquadra deixou que Jacinto telegrafasse para casa a pedir fundos urgentes. O espírito de equipa quando bem assimilado tem percalços destes. Eis uma revelação curiosa dos tempos em que vivemos.

DIOGENES

SAIBA COMER

PERGUNTA-NOS UMA LEITORA:

Nem sempre a mulher grávida tem fome; as faltas de apetite são bastante frequentes no decorrer da gravidez.

A importancia das náuseas ou um certo grau de depressão explicam, muitas vezes, o aborrecimento das comidas. Impõem-se medicamentos e cuidados especiais. A mulher grávida não deve enfraquecer; os riscos de carência secundária são para as crianças muito graves.

Se o sentar-se á mesa ou ver comer outras pessoas, a enjoa e lhe tira o apetite, não vale a pena insistir. Não ganha nada em forçar essas repulsas. Há muitas comidas que se podem comer fora da mesa familiar, sem confecção culinária enjoativa e a qualquer hora da noite ou do dia. Em tais casos, é preciso saber escolher para a grávida, muitas e pequenas tentações: frutos secos, toda a gama de biscoitos, compotas, etc. Entre os biscoitos, os chamados de regime, são muito ricos em matérias proteinicas, provenientes dos cereais, portanto perfeitamente assimiláveis. Contém também fosfatos de cálcio, diversos sais minerais, e bem entendido, matérias gordas e açucar.

No decorrer do dia mesmo durante a noite, a mulher grávida tem aqui que «mortiscar», repousa os nervos e alimenta-se ao mesmo tempo.

Regime da grávida durante o dia

Este regime deve ser estabelecido a partir do quarto mês. Antes disso, as necessidades da mulher grávida são as mesmas das outras mulheres normais.

Este primeiro período é muitas vezes marcado por vómitos constantes que não são perigosos, a menos que não cessem no fim de algumas semanas. A dietética não pode, nestes casos, senão aconselhar refeições curtas e pouco espaçadas, mas bastante caloríficas. Uma alimentação racional é sobejamente importante, tanto para a mãe, como para o feto. Se a alimentação é insuficiente, o feto deitará mão das reservas e mesmo das células da mãe; se estas forem insuficientes, o resultado será desastroso para ambos.

Os erros de alimentação neste período da vida podem ter resultados muito graves.

Pequeno almoço:

Frutas á discrição; leite ¼ de litro, com um pouco de café fraco, chá ou cacau, 100 gramas de pão com manteiga ou biscoitos (3 ou 4) com manteiga. O hábito das frutas de manhã é excelente.

Almoço:

Saladas temperadas com azeite e vinagre, ou, de preferência, sumo de limão, 100 gramas de peixe ou 2 ovos; legumes frescos variados, substituidos, uma a duas vezes na semana, por legumes secos; queijo branco: 100 a 150 gramas; iogurte, fruta á vontade.

Lanche:

¼ de litro de leite; biscoitos frescos ou secos com compota.

Jantar:

Sopa de legumes ou uma salada crua: 100 gramas de carne ou peixe ou 2 ovos; legumes frescos variados; queijo branco; iogurte, frutas á vontade.

Resumindo: as quantidades diárias são as seguintes:

Leite	*½*	*litro*
Pão	*400*	*gramas*
Carne	*200*	»
Peixe	*200*	»
Legumes verdes	*500*	»
Frutas	*500*	»
Queijo	*100*	»
Manteiga	*30*	»
Azeite	*20*	»
Açucar	*50*	»

Este regime comporta 115 gramas de proteinas, 115 de gorduras; 385 de açucares; 3.000 calorias.

E não esqueça, cara leitora, que a gravidez não é uma doença. E' o estado natural de toda a mulher normal. E muito principalmente, não ponha toda a família [illegible] bem.

SABE COMER QUEM SABE ESCOLHER

nos restaurantes

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30412

R. dos Correeiros, 125-129—T. 28277

L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21588

Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 28017

TODAS AS VANTAGENS DA COZINHA CASEIRA

e dum serviço rápido e económico

RECEITAS DE URGÊNCIA

DOURADA DELICIOSA

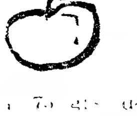
Tempo de preparação — 10 minutos.

Tempo de cozedura—20 minutos.

Amanhada a dourada, encha-lhe o ventre com o seguinte molho:

Migas de pão desfeito em leite, alhos picados, salsa, sal e pimenta (pode deitar todos os cheiros de que gostar).

Coloque a dourada no prato do forno (na estação do tomate, faça-lhe uma cama com rodelas de tomate). Deite 3/4 de um copo de v[illegible]



[illegible] 75 grs de [illegible] rima e polvilhe com pão ralado. Meta em forno bem quente, tendo o cuidado de regar, de vez em quando, com uma colher, a [illegible]

A[illegible] salada [illegible]

CARNE DE PORCO ASSADA

1.200 kgs. de carne de porco [illegible] a 12 batatas, manteiga e tempero.

Tempo de preparação — 20 minutos.

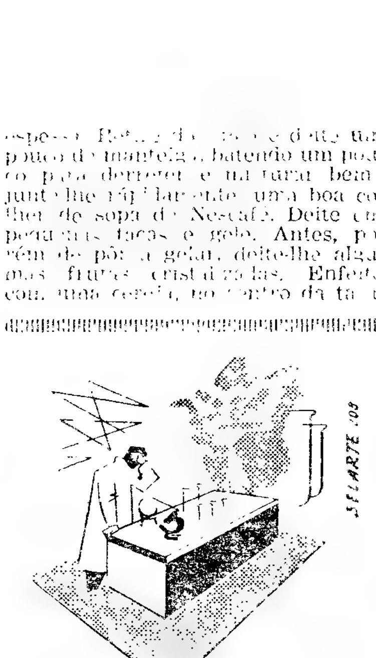
Tempo de cozedura — 1 hora e 15 minutos.

Cortar as batatas em rodelas grossas e colocar num prato de [illegible]

forno. Salgar. Por cima ponha a carne de porco depois de bem temperada (pode incrustar-lhe dois a três dentes de alho). Sobre a carne ponha manteiga e salsa. Meta no forno e no fim de 15 minutos diminua o calor, deixando cozer docemente; voltar a carne uma ou duas vezes. No dia seguinte pode comer-se a carne fria, com uma maionese.

CREME DE CAFÉ

Pôr leite a ferver, com o açucar, excepto um pequeno gole, suficiente para desfazer cinco colheres de maizena (para 3/4 de litro). Logo que o leite ferva, deite a maizena desfeita e mexa sempre até [illegible] espessar. Retire do lume e deite um pouco de manteiga, batendo um pouco para derreter e misturar bem; junte-lhe rapidamente uma boa colher de sopa de Nescafé. Deite em pequenas taças e gelo. Antes, porém de pôr a gelar, deite-lhe algumas frutas cristalizadas. Enfeite com uma cereja, no centro da taça.

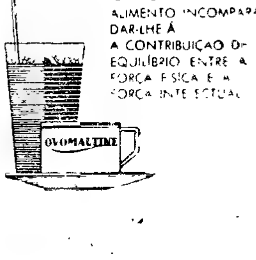


Assim... **NÃO PODE TRABALHAR**

[illegible] ACTIVIDADE, TORNA-SE NECESSÁRIO O REVIGORAMENTO FÍSICO E MENTAL PARA O DESEMPENHO NATURAL DAS SUAS FUNÇÕES

OVOMALTINE

ALIMENTO INCOMPARÁVEL DAR-LHE-Á A CONTRIBUIÇÃO DO EQUILÍBRIO ENTRE A FORÇA FÍSICA E A FORÇA INTELECTUAL



DAR-LHE-Á FORÇAS

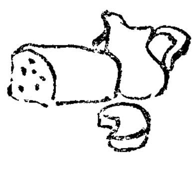
PRODUTO VENDIDO EM PORTUGAL PELA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PRODUTOS "WANDER, LDA." AV. SIDÓNIO PAIS, 24 ½ - LISBOA

Nem todas as pastas

têm inconvenientes

A pasta preparada com farinha de trigo e aveia, em proporções iguais e em que o mel substitui o açucar, possui propriedades laxativas. Chama-se a estas pastas o pão de especiaria.

As bolachas em que não entram matérias gordas, de perfeita digestibilidade, por isso, conservam-se muito melhor que as outras. E, contudo, representam um alto nível calorifico.



Há muitas pastas preparadas com farinhas de germes de trigo, de soja, de aveia ou gluten que constituem excelentes fontes de matérias azotadas. Além disso, a vitamina B1 resistente, parcialmente, ás altas temperaturas, estão presentes nelas em quantidades que não são de desprezar.

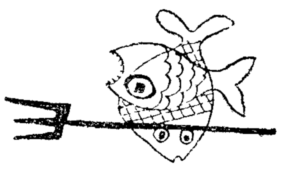
Também há pastas enriquecidas com substancias diversas: vitaminas, fosfatos, carbonatos de cálcio ou preparados com leite especial e águas minerais.

Cada uma destas pastas constitui uma agradável e verdadeira terapêutica.

Não coma massas, das chamadas pastas. Elas contêm uma elevada proporção de glucidos —45 a 75 por cento — em todas as formas de preparação. Por esta mesma razão, têm um grande poder calorífico e até porque se lhes junta sempre gorduras. E muito mais aquelas em que o factor açucar se faz representar.

A presença, quase sempre obrigatória do sal, ainda aumenta mais este perigo: o sal tende a fixar água nos tecidos. «Por isso, se quer emagrecer, fuja ás pastas, sejam da cozinha, sejam da pastelaria!»

Uma pasta que é trabalhada e posta em repouso, enquanto espera ser metida no forno, representa um eventual meio de cultura. Germes até então latentes no seio da farinha, poeiras, mãos sujas ou mesa pouco limpa, tudo isto pode contribuir para o desenvolvimento de micróbios mais ou menos perigosos.



Todas as pastas devem ser cozidas a uma temperatura muito alta — 200 graus; o tempo de cozedura a aconselhar é curto. Por tudo isto o centro da pasta não atinge uma temperatura além dos 100 graus, sendo por isso mesmo a esterilização menor do que á superfície. Entretanto, todos os germes, eventualmente, presentes se podem considerar edstruidos. Apenas certas espécies esporuladas de bacilos resistem á alta temperatura.

Toda a pastelaria se deve consumir muito fresca. Não pela pasta em si mas pelos produtos que as guarnecessem, susceptíveis de provocar

intoxicações, proliferam nos cremes, mais do que nas pastas. Sobretudo olhar á temperatura ambiente em que estão as pastas.

Faça chuva ou faça sol

Já

pode lavar e secar a roupa!

com a

ALBA CYGNUS

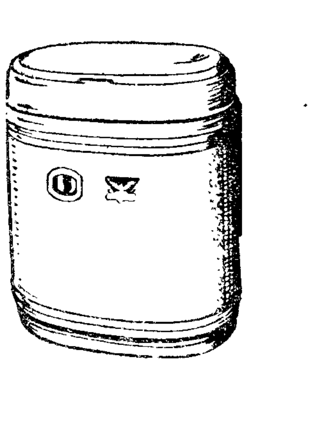
... máquina que

LAVA

E

SECA

A ROUPA ....



Com

ALBA-CYGNUS

LAVAR

e

POUPAR

Uma representação

T L

PARA A COMODIDADE E A ECONOMIA DO LAR MODERNO

EM EXPOSIÇÃO E VENDA NOS STANDS DE

(Continuação da 1.ª página)

corre o melhor possível no mundo da Imprensa.

Alguns dos escritores eminentes da Inglaterra de hoje, quando a celebridade ainda os não tinha bafejado com o seu hálito de rosas, tentaram um modo de vida no jornalismo, e o que descobriram dentro dessa máquina gigantesca surpreendeu-os e desgostou-os. Da sua experiência sacaram a matéria para algumas sátiras admiráveis, que muito fazem duvidar da pureza, isenção e desinteresse de Fleet St. tão apregoados aos quatro ventos.

J. B. Priestley denunciou o "O Herói Maravilhoso a fácil propaganda de cultos comerciais, a fábrica de mitos, que de um zé-ninguém faz o ídolo de uma hora, para logo depois o esquecer numa nova imolação a novos interesses. Evelyn Waugh em Scoop abordou as relações difíceis de um repórter ingénuo com o director e o proprietário do jornal, abalando terrivelmente as nossas boas convicções, ao mostrar-nos telegramas rejeitados, ou alterados, pela Redacção, pois a verdade comprometeria os princípios que o quotidiano tão zelosamente defendia junto do seu público fiel.

Mas o que até aqui não passara de uma visão pessoal e directa do funcionamento interno da Imprensa, adquiriu nos últimos dias uma nova e alarmante actualidade. Os impérios financeiros que a alimentam e dela tiram rendoso lucro lançaram-se numa luta violenta. De momento encontram-se frente a frente dois gigantes poderosos: Odhams *e o grupo do* Daily Mirror-Pictorial. Odhams *controla uma larga cadeia de jornais e é responsável pela edição do* Daily Herald, *órgão do Partido Trabalhista. A situação económica do* Daily Herald *nos últimos dois anos não tem sido das mais prósperas, e, por outro lado, no recente congresso das Federações Sindicais Britânicas levantaram-se algumas críticas ásperas contra a atitude política do jornal, atitude essa que se considera incompatível com os ideais que devem nortear um periódico socialis-*

POR

LUIZ DE SOUSA REBELO

ta. Mas o protesto teve apenas o efeito de alertar a vanguarda militante do Partido, arrancando a Odhams a promessa dos seus bons ofícios. A verdade é que Odhams não está interessada em preservar a pureza doutrinária do D. Herald, *nem em investir nele novos capitais, mas em vencer o seu poderoso rival na luta de concorrências para o domínio absoluto dos meios de expressão e propaganda.*

O bloco do D. Mirror-Pictorial, *tal como* Odhams *é antes de tudo o mais uma majestática organização comercial. Tem sobre o segundo a vantagem de uma vitória espectacular de que ainda se fale com pasmo e correcção em Fleet St. Há relativamente pouco tempo, apoderou-se da Amalgamated Pre[illegible] de-*

tentora de um capital de 22 milhões de libras, que rendem quatro milhões e meio por ano.

A Amalgamated Press *gera, à sua conta, uma cadeia de cinquenta publicações e administrava ainda os jornais de Lord Kemsley e o* Daily Telegraph. *De modo que o triunfo do* D. Mirror-Pictorial, *um colosso com um capital de dez milhões, ao chamar a si a* Amalgamated Press, *foi uma dura derrota para Odhams, que ainda não se recompôs do golpe sofrido.*

Agora, de repente, acordaram as velhas rivalidades e ressentimentos, travando-se o duelo em torno de uma presa cobiçada — a Hulton Press. *Como era de esperar,* Odhams *empenhou-se a fundo e jogou forte ao fazer uma oferta de um milhão e oitocentas mil libras. Mas o grupo do* D. Mirror *contra-atacou rijamente, e Lord Hulton, vendo as chorudas solicitações lançadas aos pés desta ditosa filha dos seus labores literários, entrou de negociar ambos os pretendentes, talvez na avisada esperança de um lindo aumento de dote. E o idílio continua ainda hoje, tornando-a tanto mais desejada, quanto mais ela se recusa com um belo sorriso.*

Entretanto Fleet St. encheu-se de pânico e anda nervosa e sobressaltada com esta apropriação de cadeias de periódicos, que são submergidos em blocos de organização monopolista. Os resultados imediatos são visíveis. Inúmeras folhas e gazetas, cuja tiragem atinge 350 mil exemplares, foram prontamente suprimidas. Em quatro anos desaparecem mais de 98 jornais. Aos gigantes só interessam jornais e magazines que tenham, pelo menos, uma circulação de dois milhões. As publicações extintas têm sido substituídas, na maior parte, por periódicos de cariz fácil e sensacionalista, chamariz certo de escandalosas revelações. Mas o processo é tão comum que a Imprensa considerada «popular» corre o risco de uma uniformidade perigosa, encerrando-se, como alguém disse, a uma máquina de fazer milhões.

O que uma tal ameaça representa para uma das mais brilhantes e prestigiosas imprensas do Globo aquietou naturalmente o «Sindicato dos Jornalistas Britânicos», ao qual foi submetida uma moção por um grupo de sócios durante a reunião anual dos seus delegados, realizada em Brighton. Nela se adverte que «recentes apropriações de magazines são contra os interesses do público e do jornalismo, pedindo os signatários que o Parlamento e o público se oponham à transferência do grosso dos periódicos nacionais para as mãos de um pequeno grupo de indivíduos».

E' este um problema sério que põe em causa a liberdade de expressão, pois o lançamento de um novo periódico comporta tais despesas e uma concorrência tão feroz que só uma colossal organização financeira o pode fazer. Assim a «pequenina voz individual» tão querida ao coração britânico, vai morrendo, e o mundo da informação, a tribuna da verdade e da justiça vão passando para as mãos de meia dúzia de magnates, que não constituem para o público garantia suficiente da integridade da Imprensa.

O povo costuma dizer que ninguém gosta de perder nem que seja a feijões. Por outro lado, a vitória, seja em que domínio for, deixa sempre na boca um travo gostoso.

Está bem de ver que a maneira como os povos sentem as vitórias, a maneira como eles vibram, é muito influenciada pela propaganda que em volta das mesmas se faz. Um Egas Moniz, Prémio Nobel, podia chegar a Lisboa e esse facto passar despercebido; e os hoquistas internacionais podem chegar à capital e ter uma manifestação grandiosa. E' um facto por demais sabido e não vale a pena repisá-lo.

Recordo-o a propósito da chegada a Lima, capital do Peru, do tenista Alejo Olmedo. Este moço, incluído, não sei por que artes mágicas, na equipa americana de ténis que defrontou a Austrália, para a «Taça Davis» obrou tais prodígios que, ele só, garantiu a vitória da sua equipa. Quando desembarcou no aeródromo do seu país era aguardado e vitoriado por mais de vinte mil pessoas. Mais de dez mil pessoas o aclamaram na sua terra natal. E para culminar toda esta série de consagrações — foi condecorado pelo presidente da República.

E' possível que dentro de pouco tempo o nome de Alejo Olmedo se encontre totalmente esquecido. Mas — também como diz o povo — enquanto dura vida docura.

1 — Juno. 2 — Minerva. 3 — Mercúrio. 4 — Marte. 5 — Apolo. 6 — Vulcano. 7 — Vénus. 8 — Vesta. 9 — Saturno. 10 — Neptuno. 11 — Ceres. 12 — Baco.

■

1 — Moisés. 2 — Infante D. Pedro. 3 — Todos nós.

■

Foi César que, ao ser assassinado por um grupo de revoltosos, e reconhecendo entre estes seu filho adoptivo Bruto exclamou: «Também tu, Bruto, meu filho».

■

Não colava porque não cuspiam na goma, mas no outro lado, na efígie do tirano.

a) Júlio Dinis «Pupilas do senhor reitor»; b) Alexandre Herculano «Eurico», c) Almeida Garrett (Memória apresentada ao Conservatório sobre «Fret Luís de Sousa»); d) A jovem bonita que é perseguida na rua por um velho.

■

Não servia porque sonhava de noite, o que quer dizer que dormia na altura em que devia estar de vela.

■

HORIZONTAIS: 1 — Armífera. 2 — Roeu; una. 3 — Iman; usos. 4 — B. B.; Amista. 5 — Aos; avoa. 6 — Surra. 7 — Crava. 8 — Cachoa; in. 9 — Orais; pão.

VERTICAIS: 1 — Ariba; eco. 2 — Rombos; ar. 3 — Meã; sueca. 4 — Iuna (inv.); hi. 5 — Marcos. 6 — Uivara. 7 — Russo. 8 — Anota; via. 9 — Asa; mano.

podia, buscava com os calcanhares as ilhargas da fera. E não saía da sela. Disseram-me depois que o cavalo andou á roda, torpemente, e que o meu tronco bamboleava em cima dele, para diante e para trás, como um boneco de feira, os dedos aferrados ás correias.

Até que o poldro, desistindo de me vencer, se atirou ao chão, de chapa, num salto diabólico, que me transiu. Destribei-me debaixo dele. Parecia milagre. Considerando-o com espanto, já de pé, e apalpando-me, verifiquei que estava intacto. Doía-me a perna, já se vê, mas não a devia ter quebrado.

Foi então que olhei para o meu irmão. Os seus olhos sempre cheios de luz, de uma luz áustera e violenta, fitavam-me, protectores entre enternecidos e interrogativos.

—Agora monto-o eu — disse ele, como eu continuasse perplexo, extático.

Mas no fundo daqueles olhos estava inscrito um juízo, que eu podia decifrar. Então compreendi que enquanto vivessemos eu precisava dele, da chama daqueles olhos, daquele espelho ideal de mim, que me apontava o caminho, o único caminho.

E lembro-me de que, sorrindo já, o travei pelo braço, com aquela fácil força muscular em que eu o sobrelevava, a ele que me soprava a minha alma, e, respirando inebriadamente, de novo me atirei ao «Cravo Negro», num pulo que me atravessou sobre a sela. Enforquilhei-o já a galope, nem sei como, e tinha a sensação de correr sob arcos de triunfo, certo de que nunca mais cairia, enquanto o cavalo, agora veloz e ao mesmo tempo suave, veloz como a crista de uma vaga, despedia entre os brados dos ganhões e dos pastores, para a livre soagem, para os vastos piornais da charneca, através a courela das amendoeiras, aonde o sol arraiado arrojava todas as esperanças, sem que eu soubesse exactamente que esperanças eram...

F I M

Ajuntavam-se, nessas alturas, na rua do «monte» todos os zagaletes, farejando salsifré, o Zé Pintadinho, o Pedro da Mana Chica, o Torto, algum almocreve á jorna, os homens da horta, repousando a enxada ao ombro, senão andassem por longe; o Gabarito, tão bexigoso e gebo, o pobre moço, das barrigadas da fome e das carradas de lenha que acarretara em pequeno, que, no dizer dos outros, parecia mesmo «uma caraça das almas».

Iamos em chusma para perto da eira, que em tais ocasiões servia de picadeiro e praça de torneio. As bacoreiras, encostadas á correnteza de casas branquejantes, a pasmarem daquele revoltilho, os criados do Pepeillo picando os cavalos. E não ficava a coisa por ali.

Até o tonto, nesse dia, rondando a herdade, se chegou a nós e ninguém o escorraçou, embora todos se arreceassem das suas bolegadas certeiras e as mulheres em especial, que, em as topando sós, o desgraçado, doido de cio, atirava-se a elas e arrojava-as, louçanas e lapeirosas, a ponto de as estraçalhar de amor, se não lhes acudisse algum ganhão. Dias inteiros aquela alma penada vagueava, sem saber mesmo para onde ia, ao som das esquilas ou chamado pelos milhafres, sem comer, e esquecido de tudo, rasgando-se nos tojos e nas figueiras da India, por aquelas estradas velhas e azinhais.

Até o Chico Malato largou do alpendre, onde estava a enganchar nos trastes uma parelha cerreira e veio por ali acima, escuro como um pressentimento, aconchegado no capote aguadeiro que não o largava mais desde as chuvas das sementeiras. E a Zefinha, corricando, de saias arrepanhadas, foi coser-se com uma oliveira. Não sei o quê me dizia já que era aquele um grande dia para mim. Bom ou mau — não o sabia. Mas um tremor de combate me enfebrecia. Mordiscava uma estevinha, em meio da alarida que chamava ao terreiro — onde os cavalos e as mulas, desconfiados, impacientes, escarvavam na torroada do pousio — os filhos do moleiro, enfarinhados, ariscos, que tinham adregado de passar pelo valado; e até o nosso velho pastor barranquenho, uma verdadeira mumia, que á sombra da sua nespereira, sempre dorminte, cor de barro, acompanhando vagamente as ovelhas com um olho escalfado de quase cem anos, já não se inquizilava com coisa alguma nem dava tão-pouco pelas festas da terra, sequer pelo alevante sagrado das searas. Pois até esse destroço, de fala entaramelada e sandia, coberto de crostas dos lameiros, vinha subindo em nossa direcção, tropeçando numas tamargueiras e arrenegando-se, que até parecia outro.

O Zé Pintadinho, o Pedro, o Torto, o Chico Malato, o Gabarito, tudo havia largado ancinhos e arados; tinham ficado ao Deus dará as arribanas e os apriscos. E como que todos me olhavam á espera de alguma coisa que estava para acontecer. O tempo estio batera as lavradas. Nem de propósito para uma picaria a preceito! O cavalo que o Pepeillo nos trazia naquela manhã — os outros não contavam — era uma fera, nem mais nem menos. Eu o adivinhava, só de o relancear, sem querer deter-me a examiná-lo. E, contudo, tão fino, de uma destreza tão harmoniosa nas curvetas, a cabeça alta e fremente, os peitorais largos, as patas nervosas, quase frágeis. Era um animal em pleno viço, por desbravar. Vinha já arreado, com os estribos compridos, como se um fantasma marialvesco o montasse, mas ninguém se lhe assentava na sela de caixa, imponente, o género menos da minha afeição.

Chegou o momento, esse momento que sempre me comunicava uma

1.º FANTASMA—Há quanto tempo o não via! Julguei que já tivesse mudado de planeta.

2.º FANTASMA — Ainda faltam 194 anos para completar os 2500 que me foram fixados.

1.º FANTASMA—Mas o seu amigo Sócrates já mudou há muito tempo e ele tinha desencarnado pouco antes de si...

2.º FANTASMA—Há mais de 300 anos que partiu para um dos planetas da Alfa do Centauro. Levaram-lhe em conta a cicuta e o muito que sofreu com Xantipa. Foi classificado entre os justos da classe A e só teve de cumprir 2.000 anos.

1.º FANTASMA—E o senhor em que clases ficou?

2.º FANTASMA—Na classe B e acho que tive bastante sorte. Se fosse julgado agora não apanhava tão boa classificação...

1.º FANTASMA—Isso é modéstia. Disse-me, ainda não há muito tempo, um espírito recentemente desencarnado que os seus livros continuam a ser muitíssimo apreciados lá na terra.

2.º FANTASMA—Talvez seja verdade. Mas constou-me também que andam por lá a relacionar as minhas ideias com as doutrinas daquele alemão de bigodinho, desencarnado há pouco e que tem posto o nosso planeta em alvoroço...

1.º FANTASMA—O tal que foi condenado a 10.000 anos de remorsos?

2.º FANTASMA—Esse mesmo. Faça ideia da situação que me criaram! Se o julgamento tem sido depois disso, nem a classe B tinha apanhado.

1.º FANTASMA—O seu tempo era outro. O meu julgamento teve lugar há sòmente 181 anos e ainda tenho de permanecer 2.819 anos neste planeta. Sem contar com 100 anos de remorsos que tive de cumprir. Nem o senhor calcula o que foi essa tortura. E tudo por causa dos manejos de uns certos intriguistas... Deve saber a quem me refiro...

2.º FANTASMA—Dizem que o meu amigo, lá na terra, também lhes pregou das boas... Mas não gosto deste género de conversas. Os meus diálogos, como deve saber, costumam ter mais elevação...

1.º FANTASMA — Sem duvida, meu ilustre amigo. E temos realmente coisas bem mais importantes de que falar. Já de certo lhe constou que corremos o grave risco de sermos invadidos pelos habitantes da Terra. Diz-se até que eles já enviaram para o espaço alguns objectos estranhos e se preparam para atingir brevemente o nosso planeta. Até mesmo o Grande Espírito parece estar bastante alarmado com tão sombria perspectiva...

2.º FANTASMA—E o caso não é para menos! Chegarem aqui ainda em carne e osso e sem terem feito o estágio de purificação... Seria terrível!

1.º FANTASMA—E então da maneira como eles se estão comportando! Não sei se ouviu a conferência daquele sábio judeu — um chegado há pouco — acerca dumas bombas que por lá andam a experimentar...

2.º FANTASMA—Não, não ouvi nada. Ultimamente pouco tenho saído. Não me sinto nada bem. São os 2.200 anos .. Já me pesa o «ochema».

1.º FANTASMA—O «perispírito», queria o senhor dizer.

2.º FANTASMA — Ou isso. Não consigo acostumar-me a esta terminologia moderna.

1.º FANTASMA—E' verdade que pouco o tenho visto nos ultimos tempos. Notei muito a sua falta na estreia da comédia escrita, de parceria, pelo Aristófanes e o Bernard Shaw. Olhe que perdeu um grande espectáculo!

2.º FANTASMA—Tive muita pena de não poder ir. Já ouvi dizer que foi um enorme sucesso.

1.º FANTASMA—Não pode fazer ideia! A própria crítica se rendeu á evidência. Só o Aretino é que, ainda desta vez, conseguiu dizer mal, mas esse já se sabe... Houve mesmo uma pequena polémica entre ele e o Saint-Beuve no «Correio Marciano» e no «Notícias do Além». O recinto esteve a ponto de se encher completamente e poucas vagas se viam nas filas dos notáveis. Calcula-se que estiveram presentes cerca de 20 milhões de espíritos.

Se fosse na Terra, com o espaço

POR **ALFREDO BRAZ**

ocupado por cada um deles, não seria possivel uma manifestação artística destas proporções.

2.º FANTASMA—Mas, por falar da Terra, peço-lhe que não nos desviemos do nosso assunto. Estavamos tratando da hipótese da evasão do nosso planeta e já vamos no teatro... Olhe que esta coisa de dialogar necessita de um certo método.

1.º FANTASMA—O meu amigo deve saber bem disso, porque é especialista no género. Eu especializei-me na sátira e no romance filosófico e, sinceramente, de diálogos não entendo nada. Estamos, de facto, falando das loucuras e das veleidades dos habitantes do globo terráqueo. Como ia dizendo, o tal sábio falou dumas bombas que por lá andam experimentando e declarou-se convencido de que eles não tardarão muito a chegar cá... mas todos de uma vez e completamente desencarnados. Parece-me ser também esta a opinião dos espíritos ultimamente chegados e até mesmo dos mais antigos que têm aceitado «invocações» para irem lá a baixo.

2.º FANTASMA—Eu nunca mais lá voltei, nem sinto saudades. No meu tempo ainda não se faziam essas tais «invocações» e hoje já ninguém se lembraria de me chamar... Mas que medidas tomou o Grande Espírito? Tencionará Ele fazer reencarnar algum dos nossos para o enviar á terra como mensageiro?

1.º FANTASMA—Nem pensar nisso é bom! Não tenha ilusões. Desencarnavam-no novamente num abrir e fechar de olhos. Só nos resta aguardar que eles se desencarnem voluntariamente uns aos outros e cheguem até ao extremo de tornarem impossível a continuação da vida no planeta Terra, ou então esperar calmamente que alguns consigam chegar até cá e depois não lhes permitir o regresso antes de estarem completamente reeducados.

2.º FANTASMA — E parece-lhe ainda possível essa reeducação? Já tantos a tentaram sem qualquer resultado...

1.º FANTASMA—Nunca se sabe. Com muita paciência talvez ainda se consiga alguma coisa. Já mesmo se pensou em criar um «comité para a Salvação Terrestre», do qual fariam parte, entre outros, o Pascal, o Spinoza, o Goethe, o Tolstoi e também o meu ilustre amigo. Tudo espíritos que ainda por lá desfrutam de grande prestígio.

2.º FANTASMA—Mas todos esses já lá estiveram durante algum tempo, antes de desencarnarem, e o resultado está á vista... Pelo menos na parte que me diz respeito, julgo que todo o meu esforço e toda a minha boa vontade foram inuteis. Se soubesse o que sei hoje, nem um livro teria escrito.

1.º FANTASMA—Isso é incontestavelmente verdadeiro, mas há um pequeno pormenor que o meu ilustre amigo parece ter esquecido: é o muito que eles prezam a «pureza» do espírito. De tal maneira que quanto mais interessados pelos valores materiais se mostram na prática, mais alto proclamam o seu grande devotamento pelos valores espirituais. No seu fervor espiritualista chegam até ao extremo de, uma vez por outra, desencarnarem voluntariamente um filósofo, um sábio ou um poeta para assim os desprenderem da escravidão da matéria e poderem então apreciá-los em toda a sua «pura» espiritualidade...

2.º FANTASMA—Quanto a mim o melhor ainda seria, salvo o respeito devido ás decisões do Grande Espírito, aguardarmos que esse fervor espiritual os leve a desencarnarem-se mutuamente com as tais bombas, para depois os acolhermos todos de uma só vez. Entretanto, parece-me aconselhável avisá-los, de que não procurem vir para cá em carne e osso, porque seriam muito mal recebidos. Para sarilhos já basta os que temos tido com alguns dos espíritos ultimamente aqui chegados. Olhe o caso do tal alemão de bigodinho! Ninguém sequer o cumprimenta e até o próprio Átila declarou, a um espírito das minhas relações, que se recusaria a tocar o «Ochena» de um criminoso dessa espécie...

1.º FANTASMA—O «perispírito», queria o meu amigo dizer.

2.º FANTASMA—É isso. Decididamente já não consigo acostumar-me á linguagem destes tempos. Quem me dera que passem depressa os 191 anos, para ir reunir-me ao meu amigo Sócrates. Até por que ao planeta X 13 da Alfa do Centauro não chegarão eles tão depressa...

ULTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL, LDA.

por JAMES HILTON

uma nova obra de

por ALBERT CAMUS

intensa vibração, de expectativa, de esperança, de ansiedade. A maré da luta subia-me pelo peito, estoirava-me nas mãos, sacudia-me os cabelos. Então eu amava a vida, aquele vento tresloucado anavalhando-me por dentro, lançando-me para os gestos inseguros.

Deitámos a moeda ao ar, eu e o meu irmão. O Pepeillo nem nos disse se já experimentara o cavalo. O «Cravo Negro». Chamava-se assim mesmo. O Cravo Negro da Madrugada. Porquê da Madrugada? Fora eu, dentro de mim, que lhe acrescentara o nome. Havia no bicho, nos seus olhos pretos e aguados, furtivos, na baba que lhe escorria do freio, na espuma leve que lhe floria os quartos trazeiros, ondulantes e virgens, uma espécie de furia contida, um pudor, uma exigência, um perigo de madrugada. Sei lá porque assim o crismei! Até parece literatura de hoje e era apenas, se o era, literatura carnal, vivida até aos ossos. Quando ele se empinava, parecia uma lança de carne, curva e colérica. Quieto, um poldro esquivo, débil ofendido pelas atenções que o espiavam.

Caras, montava-o eu; cunhos, o meu irmão. A moeda de dez tostões subiu ao ar como um exorcismo, caiu sobre um calhau, encalhou num pucaro de lata ali perdido, esquecido, tiniu, rolou, voltou-se enfim, junto a uma tojeira maninha, ardida dos charoucos. Caras! Era comigo.

O meu irmão sorriu, a contragosto. Deplorava a sorte, que o privava assim de um exercício de domínio, apetecido, da peleja rude com aquela força amiga e rebelde que estava no jinete negro, naquele cavalo todo vertigem, elástico, todo ele um feixe de nervos e veias, quentes como paixões. Para mim, era diferente. A luta era comigo. Comigo e com toda aquela gente, perante todos eles.

Até o Casimiro, que estava a dar á bomba, no tanque, subira a encosta da eira e erguia para mim o arcabouço anquilosado, coberto de ramalhos e de nódoas. Naquele instante eles não eram mais — o Casimiro, o Gabarito, o Zé, o Pedro — os humildes, os desvalidos, os filhos da terra sem terra, os miseráveis amigos nossos e escudeiros de nossos sonhos, para quem, á sorrelfa, eu roubava da dispensa do «monte» queijos de rico e paios em azeite, para lhes matar a foma inconfessável de comida de patrões, esses a quem ao mesmo tempo eu me envergonhava de levar aqueles testemunhos de uma abastança que não merecia mais do que eles; os pagens farroupilhas, os companheiros contra quem, em minutos coléricos, eu levantava a mão, desafiando-os a jogar ao murro e tão cônscio da barreira do medo e do despeito que nos apartava e lhes tolhia no voo o punho fechado, que gritava e lhes implorava, sem resultado: «E' de homem para homem, é de homem para homem! Nada mais!». Mas agora não. Agora eles não tinham rosto: eram os juizes, estavam em mim, ficariam em mim a louvar-me ou a atenezar-me, seriam o meu comportamento.

E assim foi que, num repelão, sem estilo nem graça, me encontrei na garupa do cavalo, buscando com o pé direito o estribo que me fugia, tacteando com mãos inquietas o pescoço fervente daquele ser fabuloso. Um primeiro galgão, repentino, raivoso, mas frouxo, apesar de tudo, e senti, reconfortante, a minha força. Bebi os ares num frenesim. Os bardos de lenha dançavam, um vento desabrido envolvia-me como um laço de ouro, só faltava a bandeira do meu esforço no alto da serra de palha, de onde, á tardinha, eu adorava o crepusculo. «Cravo Negro! Cravo!» O bicho cangochava, empinava-se, arrancava para os lados; fugiam para longe os mirones. Mas eu já não via nada. Retesara as rédeas, apertava os joelhos tanto quanto

O RISO DA SEMANA

Uma vocação

— Não sei o que hei-de fazer deste meu neto. E' descuidado, imprevidente, não mede as consequências, anda sempre a correr e parece que não se importa com ninguém!

— Olhe. Compre-lhe um automóvel...

UM CONSELHO

Quando fores no autocarro ou no «eléctrico» e deres o teu lugar a uma senhora que não to agradeça, só tens uma coisa a fazer — perguntar-lhe assim:

— Que foi que V. Ex.ª disse?

Ela, surpreendida, responder-te-á naturalmente: que não disse nada, ao que tu retorquirás com a maior urbanidade:

— É que julguei que V Ex.ª tinha dito: muito obrigado e eu queria dizer-lhe:

— Não tem de quê...

Perguntar por perguntar

Se escorregar não é cair para que é que a gente se agarra logo que escorrega?

Quem era o pai dos filhos de Zé bedeu? Então nem ele sabe?

*

Se não te queres suicidar para que comes ameijoas?

*

Pode alguém dizer com confiança: deste burro não comerei?

*

Porque é que o jogador de boxe vai ao ringue se já sabe que lhe batem?

*

Anda para aí tanta gente na Lua e os Americanos não se importam?

*

Um artista que pinta uma natureza morta não tem que pintá-la primeiro viva? Ou são tudo nado-mortas?

Quando casaram, partiram imediatamente para uma viagem de Lua-de-Mel, mas, no caminho ele entrou numa farmácia para comprar um soporífero. Então ela, que o tinha seguido, ao vê-lo fazer aquela compra, foi logo de ali comprar um despertador.

Há quem diga que aquele casamento coincidiu estúpidamente com um eclipse total da Lua, o que fez com que todos os cálculos saissem errados...

NO TRIBUNAL

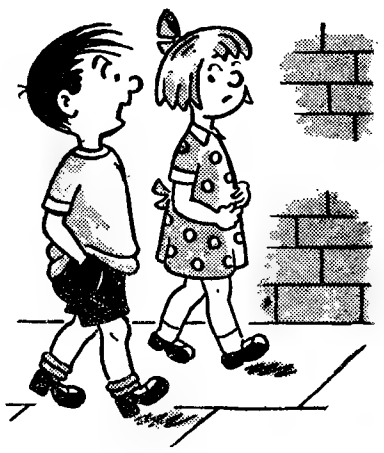
— Como se chama?

— Lucas Matias.

— Casado ou solteiro?

— Casado. Mas eu já tinha dito ao sr. dr juiz que sou Matias.

Indisposição



— Não podias ter enjoado antes de eu te trazer o sorvete e os rebuçados? Assim fico mal colocado.

Impaciência

Os homens não sabem esperar. Se esperassem, não precisariam de apanhar as laranjas porque elas cairiam por si.

Não precisariam de tomar um taxi porque dentro de um mês ou dois viria um autocarro.

Não arrancariam os cabelos quando se enfurecem porque eles cairiam por si.

Não correriam atrás das mulheres porque elas correriam atrás deles.

Não acompanhariam enterros porque cedo ou tarde os enterros os acompanhariam.

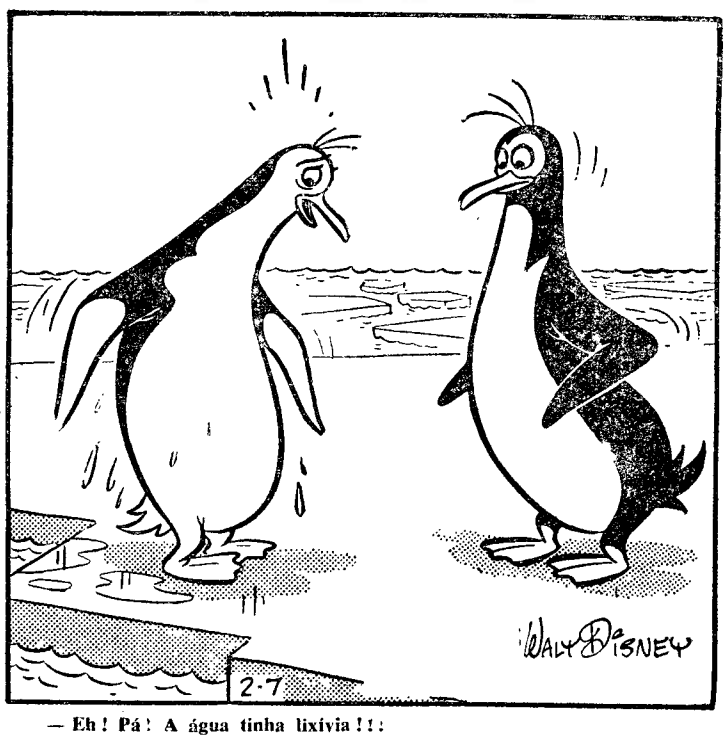
Dois esquecimentos

Naquele domingo o casal saiu para o campo no seu magnífico automóvel. Ali para as bandas de Sintra acampou para almoçar. Já estavam deitados os dois na relva quando a esposa se levantou sobressaltada:

— Oh! co'os diabos, lá me esqueci de deixar comida para o almoço do gato!...

— Não te preocupes, acudiu logo o marido, tranquilizando-a, também eu me esqueci de dependurar a gaiola dos canários e deixei-a ficar no chão. Vamos almoçar todos muito bem.

O banho dos pinguins



— Eh! Pá! A água tinha lixívia!!!

ELOGIO DA MORTE

A morte!...

A morte é a única certeza que há na vida. Vive-se apenas porque a morte o consente. Isto é tão certo que já o amigo Banana era da mesma opinião.

Não pode haver maior alegria para uma alma bem formada do que sentir-se morrer e pensar que vai entrar no eterno descanso, enquanto todo o fiel patife, que por aí pulula, continua neste Vale de Lágrimas, de dor e sofrimentos. Morre-se porque a vida nos não merece, porque a morte é a libertação, parque a morte é o prémio de uma vida de trabalhos e canseiras. Vai-se para a morte como quem vai para férias, para não fazer nada.

O crente conta que vai para o céu e essa é a felicidade suprema. O impio não conta nada, não conta com o céu nem com o inferno, não conta com o bem nem com o mal. E não pode haver nada mais agradável do que ver-se uma pessoa livre de contas.

A lei que instituiu a pena de morte, julgando fazer uma grande partida ao criminoso, enganou-se redondamente. Não fez mais do que livrá-lo do remorso. Bendita a morte que assim lava uma consciência impura! Diz-lhe: — não penses mais nisso, não te rales, mais, já deste o que tinhas a dar! Estás reformado... com a morte por inteiro. Apodrece.

Quando se morre alcança se regalias que nunca nos deram em vida. Até a barba nos mandam fazer sem que a gente tenha de pagá-la e vai-se para a morte de ponto-em-branco, como quem vai para um baile. Ou o Alto de S. João, ou o Estoril!... A vida cada vez se parece mais com uma loja de barbeiro. Morre-se para dar lugar ao senhor que se segue. E a morte ta nos vai escanhoando com uma regularidade assombrosa.

Há criaturas que morrem sem nunca ter feito bem a ninguém, sem nunca ter dado uma côdea a um pobre, mas, depois de mortas, vão pagar todas as suas dívidas para com o seu semelhante, dando um grande banquete aos guzanos.

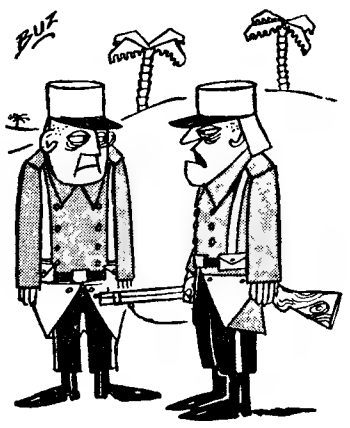
A morte é tão generosa que até aquele que nunca na vida conseguiu reunir meia duzia de amigos á sua volta, acaba sempre por levar um grande enterro. E é a felicidade para todos: para o morto porque se vê livre dos seus amigos e para os seus amigos porque desde aquele momento contam com mais uma vaga.

A morte é tão boa que até se inventou aquele inefável ditado que diz: «Cavalo morto, cevada ao rabo», que quer dizer que, se em vida lhe davam ração pela boca, depois de morto até pelo rabo lha querem dar.

A morte é tão util; tão necessária que até consegue esta coisa paradoxal: dar vida á Humanidade. Se não fosse ela, se não fosse que ela dizima regularmente, inexorávelmente, a população do globo, já nos teriamos comido todos uns aos outros, por falta de outra comida! Todos! Como os grilos do padre Patagónia.

A morte! Ainda é a morte que nos mantém a vida!

ALFREDO FRANÇA



— Gostaria que houvesse alguma coisa onde alistar-me para esquecer a Legião Estrangeira.

Um homem agarrado

Um usurário, quando morre, só deixa este Mundo porque não pode levá-lo consigo.

Acabou a «Chave de Ouro»
E fechou a «Brasileira».
Vai-se o café, vem o ouro
Que vale mais um tesouro
Que um calix de bagaceira!

Há muita gente que chora
E que acha que foi asneira
Fechar os cafés e agora
E' certo aumentar cá fora
Inda mais a pasmaceira.

O Xá e o chá

O xá e o chá

Na visita do Xá da Pérsia á Grã-Bretanha, houve uma dificuldade dificil de vencer. Parecia que oferecer chá ao Xá era uma coisa desprimorosa. Ele não havia de beber-se a si próprio...

Qualquer dia está vazio
Com esta grande macaca
O nosso velho Rossio,
Pois também já lhe fugiu
O das cabeças de vaca...

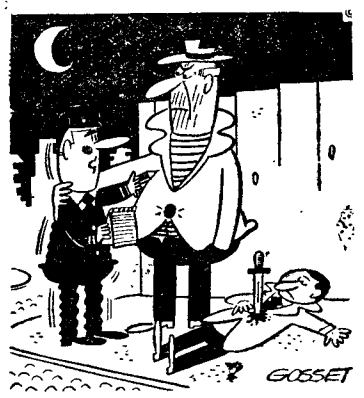
Morreu a «Flórida» á esquina
Que era uma casa pachola
Mas teve sorte mofina
E já não se descortina
Mais que o «Gelo» e que o «Nicola».

E havia um certo filé
No velho tempo passado
Em se pagar um café
Ou um simples capilé
P'ra ali estar horas sentado.

Mas de todas as maneiras
E ao fim de tantos arranços
Não há que ter mais canceiras:
Tiraram-nos as cadeiras
Mas vão-nos dar alguns bancos...

A. F.

QUE DESASTRE...



— Bem, o senhor assistiu e viu como a vítima foi atropelada por um camião que se pôs em fuga.

ANEDOTA

Duas pulgas encontram-se no forro dum casaco:

— Olá! Como vieste?

— De cão.

As maiores marinhas mercantes do Mundo

A maior marinha mercante do mundo, não incluindo os navios-tanques, é a dos Estados Unidos, que, em 1957, contava 23.500 mil toneladas brutas. O numero de navios ultrapassava os quatro mil.

Segue-se a Comunidade Britanica, com 20.400 mil toneladas brutas e cerca de 8 mil navios.

Vem depois a Libéria com 8.400 mil toneladas de arqueação; mas a maioria dos navios são de outros países, arvorando o pavilhão liberiano por conveniência, em virtude dos poucos impostos a que estão sujeitos.

A Noruega contava 8.100 mil toneladas com 2 mil navios.

A Itália tem 4.300 mil toneladas de navegação, em cerca de mil navios.

O Panamá tem 4.100 mil toneladas mas está também incluido entre os países do pavilhão de conveniência.

O Japão conta igualmente 4.100 mil toneladas, mas sem pavilhão de conveniência.

A Holanda possui 3.900 mil toneladas brutas, com mais de mil e quinhentos navios.

A França tem 3.800 mil toneladas.

A Alemanha Ocidental 3.100 mil toneladas.

A Suécia 2.900 mil

A União Soviética 2.600 mil.

Quanto a Portugal, a arqueação bruta dos navios mercantes portugueses, incluindo os navios-tanques, era em 31 de Dezembro de 1958, de 462.700 toneladas. Os navios eram 183.

*

Há que dizer que a tonelagem americana subirá muito desde que se contem os navios que navegam nos grandes Lagos, que só este ano virão para o alto mar, depois dos gigantescos trabalhos para tornar navegável o S. Lourenço, com sistema de comporta no Niagara.

O tentilhão é um dos mais admiráveis cantores do reino das aves. Na Bélgica, na linha de uma tradição que se perde na noite dos tempos, realizam-se concursos de canto de tentilhões. Um juri altamente especializado dá uma nota a cada ave e poucos sabem quão difícil é dá-la em consciência pois o tentilhão tem um canto complexo e de variadíssimas notas

Os interlocutores de Genebra

SELWYN LLOYD

O representante da Grã-Bretanha tem o papel árduo de desmancha-prazeres. Ninguém ignora que na aliança ocidental ele é o intérprete da tese britanica da maleabilidade contra a rigidez dos seus aliados. O primeiro ministro confiou-lhe a misão de ponta de lança e o encargo de quebrar essa rigidez. A diplomacia soviética sabe que esse é um dos melhores trunfos, senão o melhor trunfo, do seu jogo em Genebra.

CHRISTIAN HERTER

Em Genebra o secretário de Estado americano tem uma dupla função: arbitrar as divergências entre os seus aliados e defender a tese ocidental dos ataques e do confronto com a tese soviética. Essa prova ditará o seu futuro político e a sorte da conferência na qual desempenha um papel predominante. Apesar de ocupar há pouco tempo as suas elevadas funções a sua presença impôs um estilo novo ás negociações.

DE MURVILLE

É o fiel intérprete das ideias do general Charles de Gaulle. Este pensa, sobretudo, no Mercado Comum e na guerra da Argélia ao definir o papel que reservou ao seu país na conferência. A sua intransigência é o produto dessas preocupações. Que o chefe da resistência esteja convencido de que só uma estreita colaboração com a Alemanha, vencida e reunificada, pode fazer regressar a França á sua grandeza tradicional eis uma das realidades predominantes em Genebra.

ANDRÉ GROMYKO

A União Soviética é Kruchtchev e o representante deste em Genebra cumpriria fielmente as suas directivas. A partilha definitiva da Alemanha como realidade predominante da vida internacional é a revelação que os seus diplomatas levaram a Genebra. Dela resultam os efeitos políticos e estratégicos que negam os postulados em que assentaram nos ultimos catorze anos as relações Leste-Oeste. É com ela que o Ocidente terá no futuro de contar.

Diário de Bordo

DIA 9

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica inaugurou o novo hospital regional de Setubal e seguiu para o Algarve ✱ Em Ovar, o ministro da Justiça inaugurou a Casa dos Magistrados e a luz eléctrica nos lugares de Marinha e Torrão de Lameiro.
NO ESTRANGEIRO — Chegaram a Genebra os ministros dos Estrangeiros da França, dos Estados Unidos e da União Soviética, para a conferência Leste-Oeste ✱ Eisenhower dirigiu apelo a Kruchtchev para a suspensão dos ensaios nucleares atmosféricos ✱ Três chefes africanos pediram em Bruxelas a criação da Federação Independente do Congo.

DIA 10

EM PORTUGAL — Foram publicadas cartas trocadas entre Salazar e Roosevelt, durante a guerra, a propósito dos Açores ✱ Foram inauguradas a barragem da Bravura, obra de rega do Alvor, as obras exteriores do porto de Portimão ✱ O embaixador Alvaro Lins partiu para Itália, em férias.
NO ESTRANGEIRO — O Governo francês recusou novos aumentos de salários e ordenados ✱ Montgomery publica o seu primeiro artigo sobre a viagem á Russia ✱ Selwyn Lloyd chegou a Genebra e conferenciou com Gromyko

DIA 11

EM PORTUGAL — Em Santo Tirso foi inaugurado o Palácio da Justiça com a assistência do titular da respectiva pasta ✱ Em Almada foi homenageado o governador civil de Setubal ✱ A Emissora Nacional instituiu o prémio Pedro de Moura e Sá ✱ Foi atribuido o Prémio Municipal da Arquitectura ao prédio do lote 367 da Avenida dos Estados Unidos da América ✱ O comodoro Sarmento Rodrigues e dr. Mota da Veiga falaram aos militares do Colégio da N. A. T. O. da posição de Portugal perante a mesma organização.
NO ESTRANGEIRO — Começou com três horas de atraso, a Conferência de Genebra ✱ Um jornal de Londres diz que tropas russas entraram no Afeganistão ✱ As delegações alemãs, em Genebra, serão apenas consultoras ✱ Em Plymouth foram entregues á marinha portuguesa as duas fragatas adquiridas á Inglaterra

DIA 12

EM PORTUGAL — Henrique Galvão partiu para a Argentina ✱ Começaram, em Fátima, as cerimónias do 42.º aniversário das aparições ✱ Foi aberta, no Museu de Arte Antiga, uma exposição de arte paquistana ✱ Chegou a Lisboa o almirante Burke, chefe das operações navais dos Estados Unidos ✱ Faleceu James Ramsay, presidente da Camara de Comércio Britanica.
NO ESTRANGEIRO — Os Russos propuseram em Genebra que a Polónia e a Checoslováquia participem na conferência como membros ordinários ✱ Os jornais jugoslavos aumentaram o preço para o dobro ✱ Um avião comercial fez o percurso Nova York-Londres, em 6 horas e 49 minutos ✱ Chegou a Moscovo uma delegação comercial britanica.

DIA 13

EM PORTUGAL — As cerimónias em Fátima tiveram centenas de milhar de pessoas ✱ Na Cova da Iria, esteve D. Carmen Franco ✱ Eduardo Malta tomou posse da direcção do Museu de Arte Contemporanea ✱ Chegou a Lisboa o alcaide de Madrid ✱ O almirante Burke regressou a Washington.
NO ESTRANGEIRO — A França concedeu facilidades de cambio ✱ Em Genebra os ocidentais não aceitaram a Polónia e a Checoslováquia como membros ordinários da conferência ✱ O Brasil venceu a Inglaterra, por 2-0, em futebol ✱ Em Argel o primeiro aniversário do movimento que levou de Gaulle ao poder teve grande vibração.

DIA 14

EM PORTUGAL — O chefe do Estado inaugurou o Congresso dos Municípios, a que assistem 200 delegados de 17 países. ✱ Em Mafra o subsecretário do Exército anunciou a reforma geral das forças de terra. ✱ A Assembleia Nacional aprovou o plano de urbanização da área de Lisboa. ✱ A Sociedade de Geografia prestou homenagem á memória de Gago Coutinho. ✱ Partiu para a Suíça o grupo nacional de futebol. ✱ Na Caparica foi inaugurada a exposição de Arte Sacra.
NO ESTRANGEIRO — Os ministros ocidentais apresentaram em Genebra um plano geral de paz. ✱ No Luxemburgo morreu, com 96 anos, a ultima filha de D. Miguel, a infanta D. Antónia. ✱ Um dirigível americano despedaçou-se contra um hangar, em Nova Jersey. ✱ Pierre Benoit apresentou a sua demissão de membro da Academia Francesa. ✱ Parece solucionada provisóriamente a crise da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço.

DIA 15

EM PORTUGAL: — Chegou a Lisboa o presidente da Republica da Indonésia, dr. Soekarno ✱ Em Pegões houve grande festa, celebrando o dia de Santo Isidro, padroeiro dos lavradores ✱ O congresso dos municípios tratou dos direitos municipais.
NO ESTRANGEIRO: — Um bombardeiro americano caiu morrendo os 6 tripulantes ✱ Em Genebra, Herter propôs aos Russos uma redução dos efectivos militares, e troca da rápida libertação da Alemanha ✱ Por excesso de lotação voltou-se um barco no rio Touton, no Chile. Houve 15 mortes ✱ Butler, ministro do Interior inglês, recusa-se a rever a lei da pena de morte ✱ Foi prorrogado por 5 anos, o acordo comercial franco-russo.

As maiores profundidades dos Oceanos

O homem está neste momento empenhado em conquistar o espaço e atingir os planetas ou queimar as suas ilusões na fornalha da luz dos astros. Foguetões e satélites artificiais têm-se desprendido da terra e fugido á sua gravidade.

Foge da Terra o homem, como se estivesse farto de a conhecer e de lhe analisar os cantos e recantos. Mas não é exacto. O homem quer conquistar o espaço, quando ainda discute a forma exacta da Terra e sem ter ainda conseguido descer ás maiores profundidades até agora assinaladas nos oceanos.

Com efeito, até agora a maior profundidade a que o homem desceu foi atingida por Augusto Picard, em 30 de Setembro de 1953, no Mar Tirreno, com 3.200 metros! É muito pouco, se se pensar que qualquer avião anda a 7 e 8 mil metros e mais...

A maior profundidade conhecida nos oceanos é de 10.870 metros, no Pacífico, em frente ás ilhas Marianas. No Atlantico registaram-se 9.218 metros, ao Norte de Porto Rico; enquanto no Indico se atingiram 7.000 metros em frente a Sumatra e no Artico se registaram 4.745 metros a 77°,95' N; 175° OW.

Nos mares e golfos, o ponto mais profundo encontrado foi nas Antilhas, em frente ás Ilhas Caimã, com 6.946 metros; nos mares da China conseguiram-se atingir 5.513 metros, a Oeste de Luzon; e no Mediterraneo, em frente á Grécia, verificaram-se 4.745 metros.

O oceano Pacífico é o de maior profundidade média, com 4.280 metros, sendo a profundidade média do Atlantico de 3.925 metros, a do Indico, de 3.963 e a do Arctico de 1.205 metros.

No Mar Báltico a profundidade média não vai além de 54 metros e no Mar do Norte é de 93 metros apenas.

Dois mundos frente a frente. Mas já pouco diferenciados a não ser no tom de pele. O tenente do Exército etiope fotografa o imponente sargento George Rossiter dos «Coldstream Guards» no seu deslumbrante uniforme. Os «Coldstream Guards» colaboram no «Tatoo» Luso-Britanico a realizar integrado na Feira das Industrias Britanicas. O batalhão dos «Coldstream Guards» foi criado em 1650, para a Campanha de Cromwell na Escócia mas só vinte anos depois recebeu o título que hoje tem. Em 1704, alguns dos seus homens serviram em Portugal, sob o comando de Lord Galway, tendo-se instalado em Almeida. Durante a Guerra Peninsular, de 1809 até 1813, os «Coldstream Guards» estiveram no nosso País, batendo-se sob as ordens de Wellinghton. Batalharam no Porto, no Buçaco e nas Linhas de Torres. Trata-se, pois, de um batalhão que, através da sua actividade secular, está bem ligado a Portugal

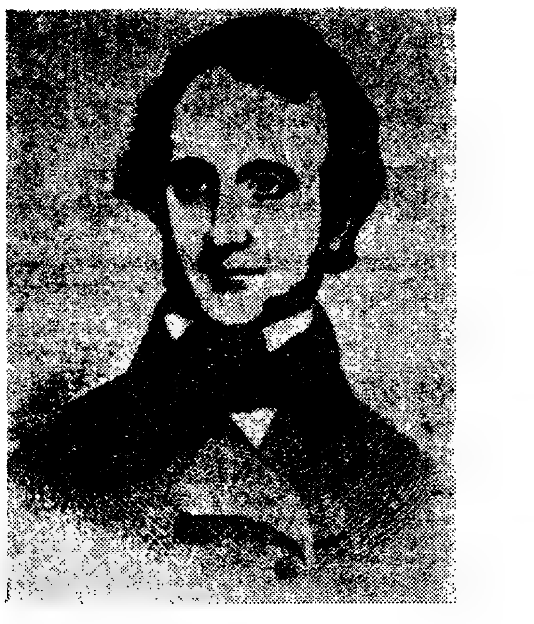
///

Para ser um bom pai

Se formos capazes de nos observar a nós próprios com os olhos dos nossos filhos, ficaremos surpreendidos por não sermos, exactamente, como supunhamos — e saberemos modificar-nos de modo a tornarmos a nossa família mais feliz.

///

Concurso Gigantes da Humanidade



Raros serão os jovens que não teriam já lido alguma pequena obra-prima deste grande e infeliz escritor — *«O Escaravelho de ouro»*, *«O poço e o pêndulo»*, *«O caso da Rua Morgue»*, e outros contos pertencentes ás suas *«Histórias extraordinárias»*.

Orfão desde muito novo, entregue aos cuidados de um padrasto, levando depois uma vida difícil — este contista e poeta americano acabou por morrer cedo e na miséria. O drama da sua vida reflecte-se-lhe em toda a obra, ou em quase toda. Charles Baudelaire disse:

«Dans les Nouvelles *de... il n'y a jamais d'amour».*

E' em grande parte uma verdade: a atmosfera que se respira nas suas obras é ou de pesadelo, ou de mistério ou de angustia. O romance policial encontra nele um dos mais geniais antepassados: *O Escaravelho de Ouro* e *O Caso da Rua Morgue* são dois exemplos extraordinários. Também a ele se deve a criação de figuras de detectives que ficaram clássicas: a de Dupin ou de Legrand.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 23 de Maio acompanhadas do nome e morada completos, da data de nascimento dos concorrentes e do seu numero de ficheiro, caso não seja a primeira vez que nos escrevam.

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA
Toda a correspondência deve ser dirigida

A conversa da semana

A colaboração dos nossos leitores é indispensável ao «JUVENIL», ou ele deixaria de ser, na realidade, um jornal de jovens.

Que género de colaboração aceitaremos?

Toda: contos, poesias, impressões de viagem, problemas juvenis, etc.

Sabemos que muitas vezes os jovens têm receio de publicar os seus trabalhos; motivo: esses trabalhos «ainda não estão muito bem feitos».

Nesse caso, nós perguntamos: então, amigo, quando é que as suas produções chegarão a ser 100% perfeitas?

E ainda perguntamos: e como é que se fazem coisas perfeitas antes de se passar pelas imperfeitas?

Mãos á obra, amigos! Nem todos podemos ser escritores; mas todos devemos comunicar aos outros as nossas impressões sobre o que nos cerca, os nossos problemas. Necessitamos de conversar: e claro: no «Juvenil» a conversa é por escrito.

Uma outra questão nos preocupa: que pensam os nossos leitores do seu jornal? O que é, em seu entender, que deve ser modificado? Que secções novas deveriam aparecer?

Ao solicitarmos que todas as semanas nos indiquem os três artigos que mais lhes agradaram, nós pretendemos obter uma pequena orientação sobre as preferências dos nossos amigos.

Isto, porém, não basta: façam críticas amplas: digam a vossa franca opinião. A isto também se chama colaborar e constitui mesmo uma das formas mais úteis de colaborar.

Em tempos iniciámos um inquérito junto dos nossos Amigos, mas nunca lhe demos a amplidão que ele merecia. Apesar disso houve professores que se referiram com interesse á nossa iniciativa e o dr. Rui Grácio dedicou-lhe mesmo um interessante artigo.

Resolvemos agora voltar a apresentar aquele inquérito aos nossos jovens leitores.

Antes, porém, de nos lançarmos em tal iniciativa desejaríamos saber o que pensam os Amigos sobre o assunto. Isto é:

a) que género de perguntas devem ser feitas aos jovens?
b) se preferem que se faça uma pergunta de cada vez ou se publique o inquérito por inteiro.
c) se gostariam que fizéssemos aos adultos as seguintes perguntas:
   1) acha alguma diferença entre a juventude do seu tempo e a actual?
   2) é melhor ou pior?

Poderíamos lançar o nosso inquérito sem este «prefácio»: mas pretendemos, por todas as formas, que os leitores colaborem connosco.

Quando pedimos aos Amigos que nos mandem trabalhos, referimo-nos também aos artísticos: desenhos sobretudo.

Faz falta a colaboração artística de jovens num jornal de jovens.

Estamos a lembrar-nos de alguns amigos particularmente dotados: a Maria Sousa Rodrigues, o irmão, Victor Rodrigues, o António D. Saraiva, etc. Porque esperam?

Nesta conversa da semana apresentaremos todos os alvitres e críticas dos nossos leitores.

azul e

à Teresa Maria

O menino do casaquinho branco
e das calças azuis
brinca na relva
e o corpo pequeno, roliço, suja-se de verde,
de verde.
— Menino, queres uma flor?
E o menino riscado de branco e de azul
e de verde
olha,
e os olhos do menino são brancos e azuis e verdes.
Rebola-se mais e o corpo roliço,
no fato bonito,
é verde de verde.
— Menino queres um pássaro?
E o menino riscado de branco e de azul e de verde
olha,
e os olhos do menino são brancos e azuis
e verdes.
Leva as mãos ao alto, o menino de cor,
— Que queres tu, menino?
E o menino olha, verde, azul e branco,
e rebola-se mais.
— O Sol!
— O Sol, menino?
E o menino sorri no azul,
no branco
e no verde.
E os olhos que riem,
brancos,
azuis,
verdes
são oiro — de repente — no amarelo distante
do Sol impossível.

por **HUGO SANTOS** (Amigo 1606)

Fazia calor. O calor de um verdadeiro dia de Verão, quando abalei na camioneta que ia completamente cheia. Tinha de fazer oitenta quilómetros desde X... a Y... As estradas eram más: paralelepípedos mal distribuídos, e a camioneta antiga. Iamos muito devagar, aos saltos, por entre o Sol e a poeira.

No banco da frente, um velho obeso, em mangas de camisa, ressonava plàcidamente. O casaco descansara no suporte das malas e a gravata, desapertada e sebenta, repousara sobre o peito brilhante de suor. Uma mosca rondava-lhe a cara, teimando pousar-lhe no nariz. Espantava-a com um braço, entreabria um olho e logo voltava a adormecer. O calor apertava cada vez mais e o cheiro da gasolina em breve começou a enjoar-me. Recostei-me o melhor que pude e recordei...

Recebera de manhã um telegrama: «Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames», assinava-o «o Director». A tia Marta, a vizinha de cima, dissera-me ao receber a triste nova: — «Mas lá só uma...». E' verdade. Mas, pensando bem, fora melhor. Sofrera muito nesta dura vida. Pobre velhota que era a minha mãe! Meu pai bebia demais. Batia-lhe e batia-nos, a mim e ao meu irmão, o Jorge. No entanto, quando lhe passava, arrependia-se e chorava amargamente. Coitado! E a mãe perdoava-lhe sempre. Até que um dia lhe veio aquele terrível mal á garganta. Quase asfixiava! A mãe segurava-me nos joelhos e chorava por ele, agarrada a mim. Uma manhã encontrámo-lo morto. A velhota sofreu um grande choque: gostava muito do pai. [illegible] Mas não para uma daquelas [illegible]. Não! [illegible] que importava?

POR
PAULO FERNANDO BARBOSA Amigo 1.341

E, quando no dia seguinte o levaram para sempre, a mãe chorou muito. Eu chorei muito também. Não por ele que partia; ainda era muito novo para compreender a dura realidade que é a morte; mas pela mãe: via-a chorar e chorava com ela.

O tempo correu veloz. Eu entrei para uma oficina como aprendiz. O Jorge, porém, nunca quis trabalhar. Era tal qual o pai. Deus perdoe a ambos. Bebia demais e exigia muito dinheiro á mãe. Ela nunca lho recusava. Era o seu Jorge, o seu menino... Havia dias que nem vinha a casa. E quando voltava a mãe nunca lhe dizia nada. Punha-lhe a ceia na velha mesa de pinho e olhava-o enquanto comia.

Foram as companhias que o perderam. E perdeu-se para sempre. Sete anos de trabalhos forçados que só durariam três. O seu débil corpo não resistiu e morreu na prisão. Este foi o golpe de misericórdia na velhota. Os cabelos puseram-se-lhe completamente brancos, e nunca mais voltou a sorrir. Até os olhos belos pareciam ter perdido o brilho.

Levei-a então para o asilo. Fomos com o padre Job e por lá se ficou. Há já oito anos. Vinha vê-la quando podia. Geralmente aos sábados, que é o meu dia de folga. Como chorava agarrada a mim! Hoje vou

(Continua na ultima página)

Alguns minutos após ter conseguido o nosso grande detective reaver a máquina que, por autêntico milagre, não destruira o Mundo, efectuou-se na sala nobre da esquadra uma recepção aos jornalistas aos quais Pararraios autorizara a fazer todos as perguntas que quisessem, a si e ao seu ajudante Basílio.

Para ganharmos espaço, vamos evitar todas as palavras desnecessárias e reduzir ao mínimo as descrições. Limitar-nos-emos a trasladar o relato estenografado da sessão, com as perguntas e respostas.

1.º jornalista — Qual o sentido da vitória que acaba de alcançar?

Pararraios — Ela significa que a Humanidade ficou livre de um terrível perigo, o maior de todos — o da sua completa destruição.

O mesmo jornalista — E porquê?

Pararraios — A *máquina de fazer parar o tempo* é de um manejo extremamente simples. Bastava que um louco se apoderasse dela para que o perigo surgisse.

2.º jornalista — Acha que o perigo terminou?

Basílio — Pois claro, meu caro senhor! O Mundo pode dormir descansado — e eu também. E já não é sem tempo!

Pararraios — Bem, para lhes ser franco devo dizer-lhe que não estou convencido disso.

Basílio — Ele a dar-lhe!

Pararraios — Por este lado, o perigo passou de facto. Mas há outras *máquinas de fazer parar o tempo* por esse Mundo fora, máquinas que um louco pode utilizar. Mais ainda: não apenas um louco — mas um simples acaso, um engano, um desastre insignificante, um quase nada, um nada mesmo... *Todos* nós temos de o impedir...

3.º jornalista — O que propõe?

Pararraios — Que todas essas máquinas tenham o destino que esta vai ter — isto é, a destruição...

Basílio — Até que enfim, oiço alguma coisa de jeito!

4.º jornalista — Diga o nome de um dos benfeitores da Humanidade...

Pararraios — Sherlock Holmes.

Mesmo jornalista — Esse não existiu...

Pararraios — Tudo o que foi criado existe.

Basílio (para o jornalista) — Apanhe dessas, que é para saber!

5.º jornalista — Qual o maior crime?

Pararraios — O que se perpetra a coberto dos bons sentimentos.

6.º jornalista — O que se encontra na base de todos os crimes?

Basílio — Alto. A isso respondo eu. Há crimes em tanta quantidade devido á má organização social. Dêem a toda a gente a possibilidade de comer, cada dia, um bom bife, um bom prato de bacalhau com todos, deixem-na depois disso, bater uma soneca — e depois verão que os crimes desaparecem.

Pararraios — Isso não basta.

Basílio — Bem, se em vez de um bife, forem dois, tanto melhor.

7.º jornalista — Já viu a morte perto?

Basílio — Perto? Já andámos com ela aos ombros!

Mesmo jornalista — O que pensaram nessa altura?

Basílio — Para ser franco, não pensei nada senão em sacudir a água do capote.

Pararraios — Em ter uma morte digna.

8.º jornalista — A vida tem um sentido?

Pararraios — Mal é senão! O desequilíbrio da vida moderna assenta em não se ter proporcionado um sentido á vida de muitos milhões de jovens.

9.º jornalista — Qual o seu divertimento preferido?

Pararraios — Ler e agir.

Mesmo jornalista (para Basílio) — E o seu?

Basílio — Que o meu amo não aja.

10.º jornalista — Quer, por nosso intermédio, mandar alguma mensagem aos seus jovens amigos?

Pararraios — Escreva lá. Amigos! Que onde houver uma injustiça estejam vocês contra ela!

Mesmo jornalista (para o Basílio) — E o senhor?

Basílio — Bem, disso de mensagens não sei nada. O mais que posso fazer é convidá-los para virem jantar comigo.

11.º jornalista — E para terminar, sr. Pararraios, deseja o senhor mostrar-nos a máquina que provocou todo este sarilho?

Pararraios — Ia precisamente fazer o que pede. Aqui está?

Tirou uma caixinha e de dentro da caixinha, um cubo de marfim.

— Mas é um dado de jogar! — exclamou um jornalista — Não há duvida, é um dado vulgarissimo, com pintas e tudo!

— E' um dado! — exclamaram todos. — Onde está a alavanca.

— Lá dentro — respondeu calmamente Pararraios. — Peço que não carreguem muito.

— Homem! — exclamou um jornalista, tirando meia duzia de dados da algibeira. — E' precisamente igual a estes, que vieram de Hong-Kong!

— Não o junte a eles! — gritou Pararraios.

Era tarde...

(Continua)

Gente nossa

No fundo da grande
cidade
moderna
cisterna
de dor
de horror
crueldade
existe
persiste
infeliz caminheiro
humilde
trapeiro.

O dia findou
e deixou
às portas da noite
— capricho
real... —
o lixo
no qual
o trapeiro procura
(última saída...)
o pão e a vida.

Um dia — acredito...—
o trapeiro não há-de
ter mais precisão
de ir buscar seu pão
ao lixo da grande
moderna cidade
que nunca descansa
cidade de dor
de horror

de esperança...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado 23 de Maio

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO NUMERO ANTERIOR: «Gente nossa», ESTORIL; «Gigantes da Humanidade»: EL GRECO.

1. — Amigo 1598 — M.ª Lucília F. Sousa (Lisboa).
2. — Amigo 1600 — António Luís Pereira (Queluz).
3. — Amigo 1561 — Susana Barroso Lopes (Queluz).
4. — Amigo 1601 — Rui Carlos Costa Pereira (Lis.).
5. — Amigo 1499 — Anibal Paulista (Lisboa).
6. — Amigo 1602 — M. Rita Pereira (Lisboa).
7. — Amigo 1420 — Célia de Matos Raposo (Barreiro).
8. — Amigo 99 — M.ª Cristina Bentes Ferreira (Lisb.).
9. — Amigo 976 — Ester Neto Vilão (Barreiro).

1 a 3 — «Shane», colecção MINIATURA, Livros do Brasil, Ld.ª.
4 e 5 — «CALICULA», colecção MINIATURA, Livros do Brasil, Ld.ª.
6 — 9 — «A VERDADE EM PRIMEIRA MÃO», de Joyce Cary, da editora ARCADIA.
PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE EL GRECO:
10. — Maria Fernanda Afonso (Lisboa).
10. — «O INTIMO FUROR», de KAMALA MARKANDAIA, das edições EUROPA-AMÉRICA. «A GÉNESE DA HUMANIDADE», por C. Arambourg.

Em primeiro lugar, não podemos deixar de agradecer as felicitações que nos enviaram. E'-nos grato, mais uma vez, verificar o interesse dos nossos jovens pelo jornal que lhes dedicamos, e a amizade que essas cartas patenteiam claramente. Obrigado.

Amigo 331 — Rui Malhoa Amaral e Santos: O teu livro já seguiu.

Amigo 1514 — Manuel Paula de Campos (Castelo Branco): Só poderei manifestar-me depois de ver os trabalhos. Embora não se destinem ao Juvenil, se quiseres podes mandá-lo. Depois tos devolverei.

Amigo 1164 — Carlos Alberto Colaço (Amadora): Os trabalhos têm de esperar vez. Quanto aos teus amigos, nenhum deles consta do ficheiro. Certamente a carta se extraviou. Se quiseres ser gentil, manda outra vez.

Amigo 1477 — Maria Manuela Viegas (Faro): Os livros foram separados, porque pensei que gostarias de receber a tua encomenda, em teu próprio nome. Já aí chegaram?

Amigo 1580 — Maria da Piedade Gandarez (Lisboa): Nem imaginas como fiquei contente pelas tuas melhoras. Já recebeste o prémio? O postal é já escrito por ti? Manda notícias, sim?

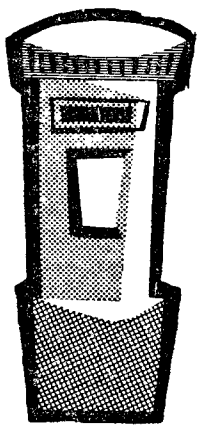
Amigo 223 — João J. G. Ventura (Coimbra): Na verdade, o livro seguiu por engano, como bem calculaste. Agradeço que o devolvas para o remetente, para evitar mais trapalhadas.

Amigo 1485 — Jorge Correia Diogo (Amadora): Manda a data do teu nascimento. Recebi o trabalho.

Amigo 1491 — António Degois Pereira: Recebemos, sim, os trabalhos. O livro já seguiu.

Amigo 957 — Maria S. Gabriel (Barreiro): Já recebeste os livros? Será muita curiosidade, perguntar o lado de parentesco entre ti e Magda Pimentel?

Amigo 1603 — Aníbal José (Estoril): Repete a morada, pois vinha ilegível e indica a idade. Sem isto não podes concorrer.



Amigo 1604 — Teodomira Silva (Cascais): Manda a idade.

Amigo 1606 — Afonso Maldonado Cortes (Lisboa): Manda a idade.

Amigo 1237 — João Santos Mendes (Estoril»: Manda a idade.

Foram devolvidos, sem qualquer nota do correio, os livros dos Amigos:

Mário Pedro Falcão;
Paulo de Almeida;
Luís A. da Silva.

Pedimos a estes concorrentes o favor de levantar os prémios na Av. de Roma, 78-2.º, esq., Lisboa.

Nesta morada podem ser levantados todos os prémios a partir do JUVENIL n.º 104, cinco dias a partir da data da sua publicação, desde que a pessoa se apresente devidamente identificada.

Prémios que não puderam seguir por falta de moradas:

Luís Fernando dos Santos (Torres Vedras) — 2 livros; José António Cartaxo Vicente (Lisboa) — 2 livros; Maria Emília Rodrigues; Maria Matilde Pessoa de Figueiredo; Candido Augusto Carneiro; Natália Sousa Costa; Vitor Lourenço de Araujo; Maria Teresa Oliveira Lemos; Maria do Céu Alvares; Jaime Teixeira da Silva (Porto) — 2 livros; Luís Marques Ribeiro; José Alves; António Veiga Esteves (Porto); Manuel Pena Costa (2 livros).

Os livros estão á vossa disposição na Av. de Roma, 78-2.º, esq.º, para os Amigos que vivem em Lisboa e arredores.

Pedimos a atenção dos Amigos premiados para o facto de, embora raras vezes, os livros serem substituidos por outros. Este facto só se verifica quando a obra oferecida está esgotada, ou em vias disso e não convém ao editor oferecê-la. Então é substituida por outro equivalente.

Amigos entrados nas ultimas semanas:

1565 — Benjamim Margarido; 1566 — Luís de Jesus Ferreira; 1567 — Luís F. Andrade dos Santos (Torres Vedras); 1568 — Vitor João de Araujo (V. Franca); 1569 — Candido Augusto Carneiro; 1570 — Natália de Sousa e Costa; 1571 — Maria Matilde Pessoa de Figueiredo; 1572 — M.ª Emília Rodrigues; 1573 — José Cartaxo Vicente; 1574 — Mário Pedro Falcão; 1575 — Augusto de Matos (Entroncamento); 1576 — M.ª Teresa Passos Santos; 1577 — João José Ventura Mateus; 1578 — M.ª José Gyão (Torres Novas); 1579 — Maria S. B. Cardoso (Cacilhas); 1580 — M.ª da Piedade Gandarez; 1581 — Augusto Teixeira de Carvalho; 1582 — João António de Oliveira Reboredo; 1583 — Mário Miguel Amaro Ferreira; 1584 — Goetan de Oliveira; 1585 — Américo da Costa Morais; 1586 — Deolinda Silva Garcia; 1587 — Wardemar Luis da Costa; 1588 — Joaquim Feliciano Martins; 1589 — Tomás Trigo; 1590 — M.ª Zita Araujo; 1591 — Carlos Alberto M. Subtil (Colares); 1592 — M.ª Virgínia Gaspar (Barreiro); 1593 — M.ª Amélia Bastos; 1594 — Carlos Alberto Carvalho; 1595 — Helena Rita Rocha Pereira (Barreiro); 1596 — Rui Fonseca e Sousa; 1597 — Marina Beatriz Monteiro Caio (C. Branco); 1598— M.ª Lucília Sousa; 1599 — M.ª Helena Pinto e Castro; 1600 — António Luís da Costa Pereira; 1601 — Rui Carlos Correia Vieira; 1602 — M.ª Rita Pereira; 1603 — Aníbal José Estoril); 1604 — Teodomira Rodrigues Silva (Cascais); 1605 — M.ª Fernanda Afonso; 1606—Afonso Maldonado Cortes; 1607 — Hugo Santos (Campo Maior).

José de Alencar

Infelizmente os grandes clássicos brasileiros são *hoje* pouco conhecidos entre nós. Livros do Brasil, Ld.ª, que se tem dedicado á valiosíssima tarefa de revelar os modernos escritores brasileiros ao nosso público — Erico Verissimo, José Lins do Rego, Fernando Sabino, Gilberto Freire, José Américo de Almeida, Cyro dos Anjos, Carolina Nabuco, Joracy Camargo — teve a excelente ideia de editar o célebre romance de José de Alencar «*Guarany*».

Eis um livro que sobremodo recomendamos aos nossos leitores.

Outras edições ultimamente feitas por Livros do Brasil, Ld.ª:

Formas Primitivas da Cultura, pela grande antropóloga Ruth Benedict.

A Vingança é Minha, por Mickey Spilane.

Naquele Dia Inesquecivel, por James Hilton.

Os Cavaleiros da Távola Redonda

POR

TROTE

POUCOS metros andados a donzela convidou Lançarote para um pequeno repouso no castelo de seus pais, distante dali umas duas léguas.

— Nem sabeis, senhor cavaleiro — disse a jovem — os perigos que nos espreitam. Bom é que saibais alguma coisa do assunto, pois só assim tereis possibilidade de vencer o que até hoje nenhum cavaleiro foi capaz de vencer.

Lançarote fitou longamente a jovem nos olhos: eram azuis e límpidos como a água que não sofreu a menor das impurezas; e fixavam-no lealmente, sem qualquer temor. Lançarote sentia-se disposto a acreditar na franqueza daqueles olhos; mas lá no mais fundo do seu íntimo a voz da prudência dizia-lhe que se não fiasse: «Na verdade, amigo, que sabes tu dessa mulher? Lembra-te que a beleza física nem sempre está do lado da beleza moral; o belo nem sempre dá a mão ao bem. Repara nos seus cabelos negros; negros quando os olhos são azuis!...

Já viste união mais estranha? Ah! Lançarote, Lançarote, que não sei que suspeita me persegue... Porque há-de um cavaleiro acreditar por força numa mulher? Quem te diz que ela não é aliada de Turquino, Mão de Ferro? Quem te diz que não foi ela que atraiu á desgraça todos os cavaleiros da Távola Redonda até agora desaparecidos? Pois não eram eles homens valorosos, capazes de enfrentar todos os perigos? E no entanto todos desapareceram misteriosamente...»

Enquanto ouvia esta voz Lançarote não deixava de fitar a donzela desconhecida: e via-lhe a pureza da face, o talhe nobre da boca, as linhas delicadas do nariz e ouvia o timbre da sua voz, onde nada soava falso. Porque não confiar em tantos testemunhos? E vinha-lhe vontade de dizer que podia, que devia acreditar inteiramente na desconhecida.

«E' a razão ou é o sentimento que segues?» — teimou a voz.

— Não, senhora minha — respondeu precipitadamente Lançarote — nada nos separa, descansai. Eu apenas estava escutando uma voz que me persegue.

— Uma voz? E que vos dizia ela?

— Ah, senhora, bem descrente é a prudência! Vede que me pedia que não me fiasse de vós...

— Porquê? Não fiar em mim? Porque não hão-de os homens crer uns nos outros? Porque havemos de erguer entre nós os escudos da duvida, quando temos compreensão para nos entendermos e bondade para nos amarmos?

Lançarote sentiu uma profunda comoção invadi-lo. Havia naquelas palavras uma grandeza que não podia enganar. Desembainhando subitamente a espada e acendendo-a ao sol no mais alto do seu braço, gritou, olhando o céu:

— O' espirito da duvida, tão tentador como o demónio! Podes estar certo de que me não roubarás a fe no homem. Foi essa fé que me armou cavaleiro: é essa fé que me traz pelos caminhos do Mundo a lutar para que os monstros daninhos não turvem a Paz, que é o Reino da Confiança.

Satisfeito por ter dito tais palavras Lançarote voltou-se orgulhoso para a jovem e acrescentou:

— Contai comigo, senhora, e desculpai a minha franqueza, pois até o apóstolo Pedro foi fraco.

A donzela sorriu. Abanava a cabeça. A mão distraida tecia um caracol imaginário na crina do seu corcel. Por fim olhou Lançarote como se acordasse. Murmurou: «obrigado, senhor». E depois, de alto:

— Temos de partir.

Esporearam os cavalos e a galope dispararam por uma íngreme vereda. «Ofendi-a!» — dizia de si para si Lançarote. «Ofendi-a!». O caminho era acidentadissimo; as covas profundas sucediam-se aos montículos: e de todo o lado se eriçava um espesso mato que feria as pernas dos pobres cavalos. Mas como montava bem a donzela! A velocidade e o vento entranhavam-se-lhe nos longos cabelos e desenrolavam-nos em longas fitas negras. E outra vez a desconfiada voz da prudência lhe insinuou a ideia de que devia estar de pé atrás: «Sabes ao menos como se chama a mulher a quem segues?» Nervoso, Lançarote esporeou o cavalo. O nobre animal ergueu a cabeça, resfolegou e atirou-se ao caminho com furia. Havia passado bem uma hora e acabavam de atingir uma eminência donde se avistava, num pico mais acima, um castelo macambuzio.

— E' ali o castelo de meus pais — apontou a jovem, e picando a montada prosseguiu. Pouco depois paravam em frente da porta principal da fortaleza.

— Ei! — bradou a jovem.

— Quem é lá? — perguntaram do alto das ameias.

A rapariga pôs as mãos em concha em torno da boca e gritou:

— Então não me conheces, Gundivaldo? Já não sabes distinguir a filha do teu senhor?

O homem debruçou-se através do espaço de uma ameia, fortemente apoiado aos altos merlões que a ladeavam; assim permaneceu uns segundos: depois sumiu-se como por encanto.

Lançarote e a jovem fitaram-se admirados e iam certamente a fazer qualquer comentário quando lhes chegou aos ouvidos um chiar agudo. Era a ponte levadiça que descia.

No pátio do castelo, onde passeavam porcos e galinhas, recebeu-os uma senhora uqe acorreu de braços abertos para a jovem:

— Ah, minha filha, que já imaginava que Turquino te apanhara! Eles vieram em grupo — aí uns duzentos... Ou mais? Eram mais, Astragildo?

O pajem achou que seriam mais, seriam e então a senhora continuou a lamentar-se:

— Pois aí tens, minha filha: eram mais de duzentos! Atiraram contra as ameias nuvens de flexas; quiseram afincar uma escada, mas Knut derrubou-os... Ah, que cabeça a minha! Ainda te não disse que Knut foi ferido. Onde arranjaremos tão bom cavaleiro, agora que já não temos quem nos defenda?

Parou a olhar para Lançarote. Parecia só agora ter dado por ele:

— aquele? Quem és tu que ainda não me vieste beijar a mão? Ou não te disseram que esse é o dever dos cavaleiros quando encontram uma Dona que poderia ser mãe deles: E tu, filha, ainda não me disseste quem era aquele cavaleiro...

A rapariga sorriu:

— Pois não disse, senhora Mãe... E como havia de dizer se só vós tendes falado? Já alguma vez ouviste falar em Lançarote do Lago?

A senhora recuou com os olhos muito abertos e murmurou vezes sem conto:

— Mas Deus ainda existe? Mas Deus ainda existe?

Depois ergueu para o cavaleiro seus olhos macerados de sofrer:

— Sois vós o Lançarote, flor dos cavaleiros que meu filho tanto amava?

Então fitou arrebatadamente o céu e desprendendo-se em soluços, com as mãos enclavinhadas á altura do queixo, desabafou:

— Ah, Senhor, que finalmente te compadeceste de mim! Mandaste quem vingará todos os injuriados e todos os oprimidos!

(Continua)

Ia a responder — e talvez de alto — que seguia a razão quando a jovem lhe perguntou com profunda tristeza:

— Senhor, em que pensais? Vejo em vossos olhos que alguma coisa nos separa...

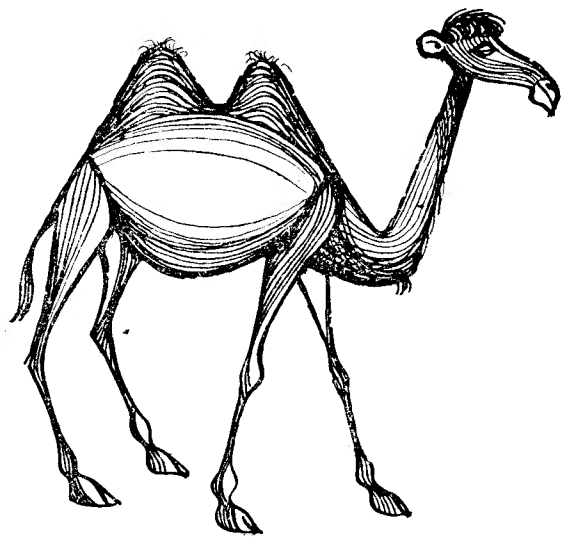
ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Também, quanto a isto, podemos considerar os animais caçadores e os caçados. Assim, os narizes podem ser de ponta achatada, narinas bem juntas na frente ou os de narinas que se abrem de lado. Nos primeiros, encontramos os cães e seus familiares caçadores; nos segundos, as pobres vítimas daqueles — veados e outros herbívoros.

O olfato — ou faro — contitui a melhor arma do animal que tem de buscar a presa para dela se alimentar. Ora vivendo da carne, tem de a descobrir, onde quer que esteja escondida. Por isso as narinas, bem colocadas na frente do focinho, facilitam esta busca, por vezes minuciosa e difícil. Pelo contrário, os animais herbívoros não estão nada interessados com os cheiros que têm na frente dos focinhos; as ervas, conhecem-nas eles bastante bem sem ser pelo faro... mas os animais seus inimigos, que os espreitam de todos os lados, esses sim, interessam. Por isso, as narinas são abertas, aos lados do focinho, tal como os olhos, e recebem os cheiros vindos de todas as direcções.

Os narizes não interessam, apenas, no aspecto do faro; mas também na necessidade de mais ou menos ar para a respiração. O cavalo, muito maior do que nós, tem as narinas também maiores, porque na



corrida necessita muito mais oxigénio para a respiração. Um gato, muito menos, e um ratinho, ainda muito menos. Assim, os narizes apresentam um tamanho que está em paralelo com as suas funções.

Não quer dizer que isto aconteça a todos os animais corpulentos — o boi-cavalo possui narinas estreitas — o perigo que corre é muito diminuto. Tornaram-se estreitas, á força de longos anos sem aplicação ou, pelo menos, de aplicação muito restrita. O boi manso apresenta a mesma particularidade; de manso, não tem necessidade de grandes correrias, nem grandes golfadas de ar. Já outro tanto se não dá com o seu parente bufalo — de ventas largas e profundas, de vida activa e grandes e vertiginosas carreiras.

O nariz do elefante presta-se a vários serviços — sem ele ficaria práticamente indefeso. Não poderia comer, fosse o pasto no chão ou as folhas nos ramos do alto...

A necessidade de defender a tromba, tão util, leva-o a ser extremamente cuidadoso. Ela adverte-o dos perigos a tempo de serem evitados; serve, pois, de uma espécie de antena, de braço, de pescoço e de mão, para respirar e para cheirar. Se o animal tem necessidade de atravessar um rio, a tromba funciona como o periscópio dos submarinos, pois o nariz está na ponta da tromba, que conserva debaixo de água. A tromba serve também, de mangueira absorvendo a água e de chuveiro deitando-a depois pela costas. Na extremidade da tromba tem um dedinho que lhe permite apanhar pequenos objectos, como um amendoim, por exemplo. Mas o dedinho tem uma força semelhante á própria tromba.

E digam agora que o nariz não é feição!...

O camelo, pelo contrário, tem as ventas muito reduzidas. Vivendo sujeito a tempestades de areia, frequentes no deserto, pode suportá-las sem nada sofrer com isso. As narinas são moles e estreitas. Podem aumentar, quando o animal corre, mas podem fechar completamente, se a areia o incomoda. Nenhum animal de ventas abertas poderia sobreviver no deserto, além do pacífico camelo.

O jacaré também mete o nariz debaixo de água, quando nada, contudo pode manter-se muito tempo sem respirar. Pode até comer debaixo de água, sem que o líquido lhe entre nos pulmões. No comprido focinho, mesmo na ponta, as ventas são muito apertadas e podem fechar-se completamente, tal como se dá com o camelo. As vias respiratórias fecham-se completamente, de modo a não deixar entrar um mínimo de água. Quando flutua, só ficam de fora as narinas e os olhos.

Assim pode manter-se mergulhado, fugindo aos animais que vêm beber.

Uma viagem

por **JOÃO MARATA (13 anos)**

Ainda não hu muito tempo passou-se comigo uma história fantástica.

Era um dos melhores homens-rãs e tinha sido incumbido de ir analisar e verificar um rio subterraneo, desconhecido.

Quando me açabei de equipar, um ajudante disse-me que tomasse cuidado, pois naquele dia tinha apenas duas horas de oxigénio, menos uma que o habitual.

Mergulhei! E logo entrei num mundo fantástico e extra-terreno. Biliões e biliões de peixes de diferentes cores, davam a ideia de me sobrevoarem e qual não foi o meu espanto, quando vi um peixe espavorido, querendo-se escapar, tendo por fim o ser destroçado por todos eles.

Como o peixe não era lá muito pequeno, vi logo que aquele cardume era de peixes carnívoros e, apressando-me atravessei a cortina de sangue e, por assim dizer, passei a outra sala.

Era uma caverna escura. Quando ia a acender a minha lampada de pilhas vi uma luz a aproximar-se e aguardei.

Era um monstruoso peixe luminoso das grandes profundidades, de dentes grandes e salientes, afiadissimos na ponta, olhos grandes e sem barbatanas todo ele fazendo lembrar uma moca.

Então o peixe, voltando-se para mim, começou a abrir e a fechar os olhos e, como eram luminosos, projectavam uma luz mais ou menos incidente.

Não percebi o que era aquilo e vim depois a saber que era a sua linguagem, pois que assim chamou todos os outros para me perseguirem.

Uma hora era passada.

Internei-me para dentro da caverna ante a perseguição e fui dar a um sítio amplo, mas deserto. Não via ninguém. Até que senti uma picada, depois outra e ainda outra. Eram peixes invisíveis e cada vez me ia internando mais, até que fui dar com peixes inofensivos.

Fiquei louco de contente, mas logo a minha se extinguiu, pois tinham-se passado duas horas.

Comecei a sentir-me aflito sem poder respirar até que acordei.

Estava com a cabeça debaixo do travesseiro!...

(AMIGO N.º 1.602)

Reflexões

Por **FERNANDO TAVARES RODRIGUES** 18 anos

A VELHA continua quase imóvel nos degraus cinzentos e frios, numa atitude de quem sonha (que serenidade a dela: pálpebras cerradas e lábios entreabertos) e de quem escuta, suspensa (que atenção, que gosto pelo mundo exterior).

Entretanto, o Mundo caminha veloz.

Uma tendência do homem é o simbolismo, os momentos traduzidos em símbolos, os seus melhores instantes relembrados em coisas mais ou menos duráveis.

Mas nada contém o tempo. Nada contém a transição.

Uma obra de arte é bela quando nos faz esquecer o tempo, quando a consciência do devir se esvai. Ante o belo o homem pára e, mais, esquece o movimento.

Nesta altura, decerto importante para a Civilização, que importa, pois o belo? Que interesse pode ter a Arte?

O principal é triunfar: é a ideia insistente de todos. Para triunfar é preciso correr, cerrar os lábios, contrair os músculos da face, lutar com esgares estampados no rosto. O suor escorre... mas é preciso triunfar. Triunfa. Sobre quê? De que maneira? Quem pensa nisso?

Porém, não sejamos severos demais para com o homem moderno.

Os problemas do espírito, ainda que os mais banais, não são encarados, ou tendem para isso, apenas por motivos extrínsecos.

A técnica é absorvente. Mas não se pensa no fim da técnica, interessa só a técnica, ela mesma. E' o triunfo do que se chama o entusiasmo.

Mas o homem moderno, se é um grande entusiasta, também é um angustiado. Ainda está no estádio intermédio, mais umas décadas, e ei-lo um técnico mesmo sem diploma.

Mas creio que, apesar de tudo, o homem vai TRIUNFAR. E a vitória do homem será sobre o passado e o presente. Este e aquele serão ultrapassados com inteligência, cultura, descontracção e actividade. Inteligência e cultura para «saber», descontracção e actividade para «poder». «Fazer», será uma questão de adaptação. O homem fará quando passar ao estádio seguinte. De certeza que fará. E' preciso, portanto, saber e poder, para fazer bem.

A técnica vencerá, não o homem, mas pela «mão» do homem. Com a técnica o homem será feliz. Hoje não é. Mas vai vencer esta crise, que é apenas de movimento: medo do movimento, inferioridade perante o movimento. E quando vencer as dificuldades, naturais, resultantes da aplicação de conclusões mais ou menos inesperadas do seu pensamento, que vieram agravar a crise de movimento — o homem VENCERÁ —, e os jovens não terão motivos para se admirarem ao notar no rosto doente de uma VELHA cega e quase imóvel nuns degraus cinzentos e frios, um interesse e talvez amor pela gente que não vê.

Amigo N.º 357

Colaboração dos leitores

O «Juvenil» orgulha-se de contar entre os seus colaboradores um grande numero de Amigos dedicados.

Temos muito prazer em publicar essa colaboração visto desejarmos que este Suplemento seja, cada vez mais, obra dos seus jovens leitores espalhados por todo o País.

Enviem-nos, pois, os trabalhos literários a que se dedicarem — poemas, contos, reportagens, críticas, ensaios, biografias, relatos históricos, etc. Não é preciso dactilografá-los. A unica condição é não ultrapassarem os trabalhos, em prosa, as 300 palavras.

PALAVRAS LEVA-AS O VENTO

Há pessoas que parecem uma coisa e no fundo são outra. Superficialmente, tudo leva a crer que se trata de pessoas simples. Algum tempo de convivência logo nos prova que são pessoas complicadas.

O mesmo se pode dizer das palavras.

Ninguém tem dúvidas de palavra *bom* e do seu feminino *boa*. Todos sabemos que ser bom é ter bondade, préstimo para alguma coisa. Mas se nos ouvirem a empregar

durante alguns minutos chegarão á conclusão de que o assunto não é tão simples como á primeira vista parece...

Assim, *homem bom* não é o mesmo que *bom homem*. O homem bom tem bondade, tem grandeza; o bom homem é um pobre diabo, um paz de alma...

Ninguém gostará de apanhar um susto; mas qual de nós já não apanhou *um bom susto*? Bom aparece aqui, portanto, com o significativo de grande.

Na frase «daqui até lá, é um bom quilómetro» a palavra de que estamos tratando não dá ao pobre do quilómetro qualquer ideia de bondade, antes pelo contrário: reforça a ideia de distancia, vinca a dificuldade de fazer o trajecto.

E se fulano é um *bom copo* e o seu compadre um *bom garfo* isso apenas quer dizer que eles comem bem e lhe bebem melhor. Quanto á bondade propriamente dita, do copo e da colher onde é que ela está?

Na frase «isso é bom de dizer» *bom* surge com o significado de fácil. Mais um para o rol... «Em boas contas» queremos dizer, apenas, que as contas estão certas... E se dizemos de um comerciante que tem um *bom nome* não queremos de maneira alguma significar que tem um nome bonito ou que se trata de uma pessoa bondosa — mas sim que o comerciante é honesto.

Chegamos ao ponto de afirmar que «fulano teve uma boa morte» e isto não equivale a dizer que teve a morte que merecia, mas sim que a sua morte foi feliz, rápida, sem sofrimentos...

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

Como já vimos no caso do *bom homem*, a palavra *bom* pode encerrar uma ideia pejorativa que ainda se vê melhor na frase que tantas vezes pronunciamos «essa é boa!» Aqui, dizemos com a palavra *boa* o que diríamos com a palavra infeliz, ou desastrada, por exemplo.

Mas há mais. *Bom* pode significar precisamente o contrário daquilo que realmente significa. Empregando a palavra *bom* podemos querer dizer mau... Não acreditam? Então tomem nota daquela frase infelizmente tão empregada na nossa Língua de uma pessoa que diz de outra que lhe pregou forte partida: «Se eu um dia lhe puder ser bom...».

E por hoje basta, para ficarmos com a ideia de como é rica e difícil a língua portuguesa.

(Continuação da 1.ª página)

chorará. Ultimamente já não estava no seu juizo perfeito. A's vezes conhecia-me e então falávamos do passado; outras vezes não se lembrava quem eu era. Quando assim acontecia vinha-me embora triste. O director apertava-me a mão e dizia-me: «Coitada... Coitada...». Agora foi-se, Mas foi-se com Deus.

A camioneta continuava a bailar pela estrada batida pelo sol. O velho da frente continuava dormindo e a mosca abalara.

Adormeci.

Quando acordei tinhamos chegado. O calor não diminuira e a roupa colava-se-me ao corpo com o suor. Doiam-me os rins e estava agoniado. O velho obeso ressonava ainda, corado como um tomate. O condutor veio e acordou-o. Lançou uma praga, vestiu o casaco e saiu atrás de mim. Limpei a cara com um lenço e dirigi-me para o asilo. No grande portão verde, o guarda cumprimentou-me e deu-me os pêsames. Disse que ia levar-me ao director. Atravessei diversos corredores com ele a meu lado e sempre falando. Mal o ouvia. Creio que falou da minha mãe e da sua morte. Que era uma santa senhora e que tivera muita pena. Enfim, o costume.

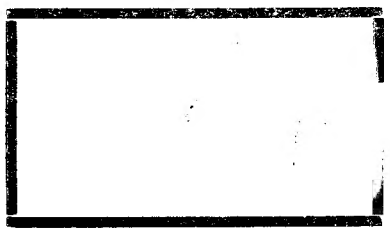
Chegámos ao gabinete. Entrei. O director levantou-se e abraçou-me. Apenas pude murmurar um obrigado. Depois saí e fui novamente levado pelo porteiro até á camara mortuária. Agora já não falava. Aí chegados, abriu-me a porta e deixou-me só. Quatro velas ardiam em torno do caixão preto. Quatro. A mãe lá estava, pálida e serena. As mãos cruzadas no peito e, entre elas, um crucifixo de prata. Olhei-a e num relance revi todo o passado. A morte do pai, os polícias levando o Jorge e as lágrimas que tantas vezes a vira chorar. Mas seriam lágrimas ou pérolas de bondade que vira correr-lhe pelas faces? Uma opressão enorme apertava-me. Um soluço estrangulou-se-me na garganta, e, de joelhos, chorei amargamente.

ATENÇÃO!

Mais uma vez pedimos aos amigos que não se esqueçam de, ao enviarem as suas respostas para o concurso, de nos indicar:

1 — O nome completo
2 — A data do nascimento
3 — A morada
4 — Se estudam, em que curso e ano.
5 — Os três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil».

Estas recomendações tanto dizem respeito ao concurso «Gente nossa» como ao concurso «Gigantes da Humanidade».



O meu nome é Henrique Inácio. Como sou muito moreno, chamam-me o Ben Barek. Jogo nos principiantes.

O meu lugar é a extremo-esquerdo.

Se eu gosto da bola? Pois claro que gosto, nem se pergunta! E então quando há muita gente a assistir! Bem, enerva um bocadinho, o jogo custa a assentar. Se calha as coisas saírem ao nosso jeito, o publico incita, e tal, é bom. O pior...

Mas isso agora não interessa.

Porque é que estou naquele grupo? Ora, calhou. Disseram que eu tinha jeitaça, deram-me uma ficha para assinar e pronto.

Essa história de clubismos...

Chegam-se ao pé de mim e dizem: recebes trinta dele por vitória, dez por cada treino, arranja-se saires mais cedo para compareceres aos treinos. Assina. E eu assino. Não me perguntam se eu sou da cor. Dizem que eu ganharei tanto e tanto. Pronto. Bem, eu confesso, eu de facto não sou da cor, mas as lecas ao fim do mês caem que nem ginjas!

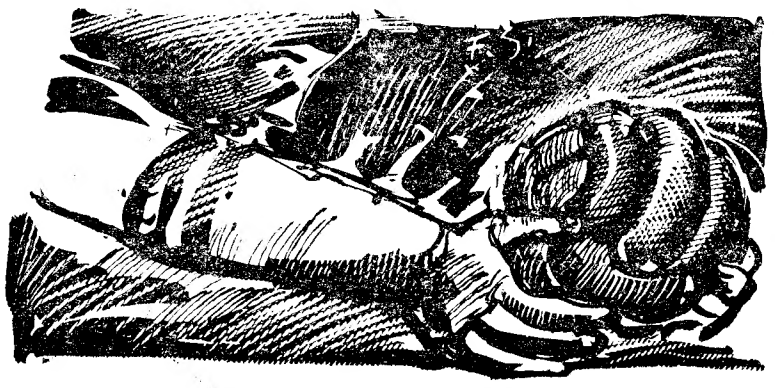
Sou franco que antigamente gostava mais de jogar a bola do que gosto agora. Olhe que cheguei a passar dias inteiros a jogar com uma de trapo na Junqueira, nem me lembrava de almoçar. Aquilo era como no Olímpia: acabava uma sessão, começava logo outra.

Não não. Agora cada jogo deixa-me mais velho. Palavra de honra, se não tenho cabelos brancos. Vou ganhar! Vou perder? E' que se perco, são trinta paus que se vão á viola.

Não vamos mais longe, aqui no domingo. Jogámos para o campeonato com um clubeco. Nós a dominarmos com insistência, e nada! Confesso: fui para o jogo sem apreensões. Mas o tenho cabelos brancos! Vou ganhar! -redes a defender tudo, comecei a desmoralizar. Lá se iam os trinta escudos que me faziam tanto arranjo. Nessas alturas parece que o tempo não anda — voa, e quanto mais a gente quer agarrá-lo mais ele faz negaças. E o adversário a reter a bola ou a mandar a bola fora. E o tempo a correr... E outra bola á trave... E eu aflito a ver-me sem os trinta escudos... Nisto, faltavam dois minutos para o jogo acabar... Agarro cá na bola, aproximo-me da grande área, atiro uma brasa. Só vejo o guarda-redes no ar, como um boneco de trapos, «agarrou-a!», pensei eu, mas logo a seguir os meus companheiros caíram-me em cima e compreendi que os trinta escudos estavam salvos...

Agora diga lá se não é motivo para uma pessoa ganhar cabelos brancos e doenças no coração! E note que há um clube que paga sessenta escudos aos principiantes! Qualquer dia peço a minha transferência para lá.

MANUEL AGRA



Anedotas

Pior a emenda

O senhor Periquitão, nosso distinto amigo, vai a uma exposição de pintura. Pára diante de um quadro e comenta para o sujeito a seu lado:

— Este quadro X um horror, não acha?

— Perdão! O senhor ignora, certamente, que o autor dele sou eu!

E o senhor Periquitão muito confuso:

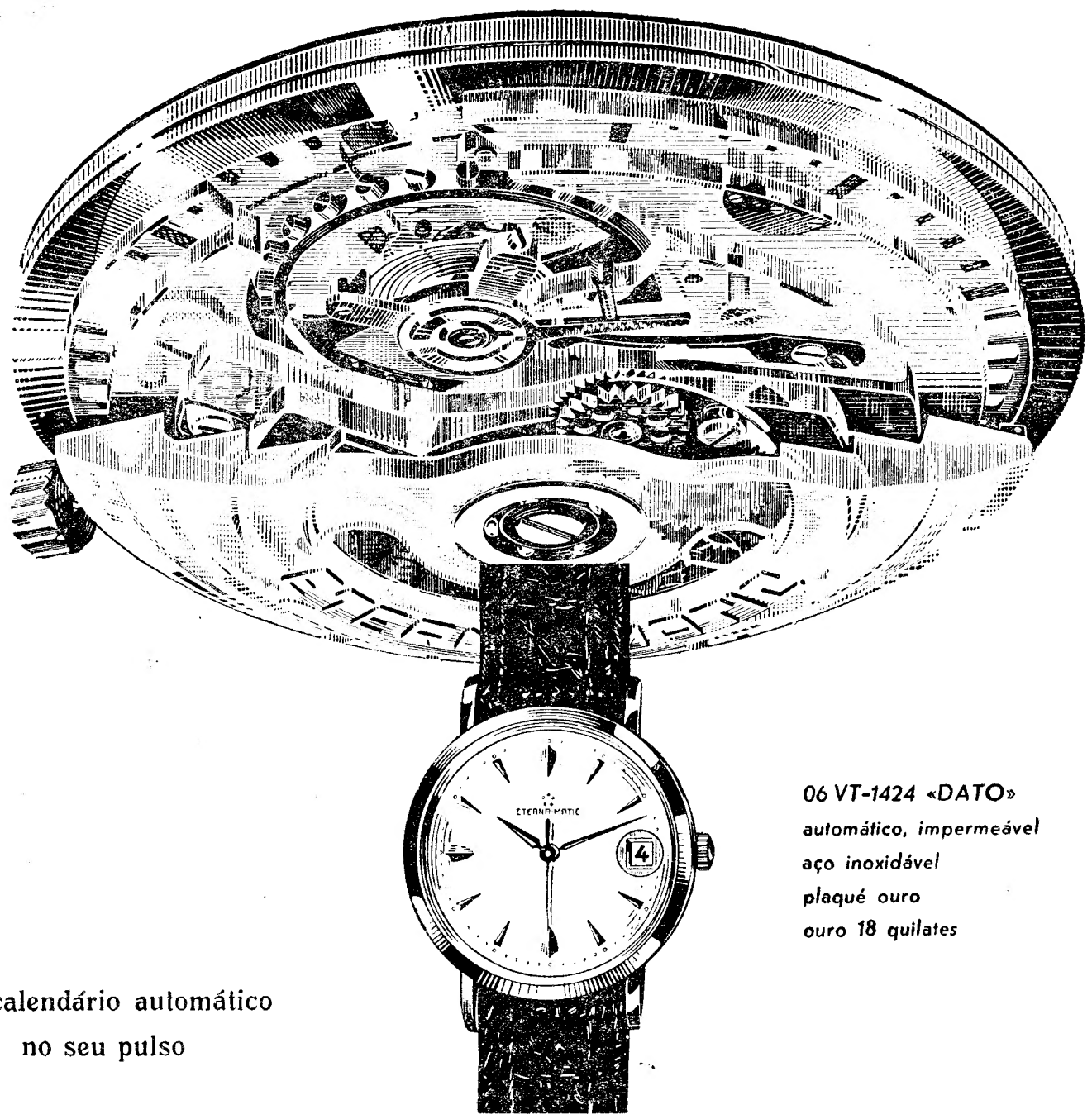
— Mil desculpas! Sabe, eu, de pintura, não percebo absolutamente nada. Limito-me a repetir o que oiço dizer a toda a gente...

Inventos

A avó do Periquito ficou extasiada diante do «écran» da televisão. No caminho para casa não falava noutra coisa. Dias depois, assistiu ás evoluções dum helicóptero. Novo espanto nos olhos esgaseados da simpática velhinha. Finalmente, pôde falar, por telefone, com um filho que tem no Brasil.

Comentário:

— Ás vezes ponho-me a pensar no que inventarão depois de eu morrer. Mas, por mais que pense, não me vem á ideia coisa nenhuma!



06 VT-1424 «DATO»
automático, impermeável
aço inoxidável
plaqué ouro
ouro 18 quilates

um calendário automático
no seu pulso

AUTOMÁTICO
COM ROLAMENTO DE ESFERAS

ETERNA · MATIC «DATO» prestar-lhe-á um duplo serviço, indicando-lhe a data além da hora exacta. Regularmente, à meia noite — e sem que V. lhe toque — a data avança de um dia. O «DATO» será para si um amigo inseparável sem o qual, em breve, não poderá passar.

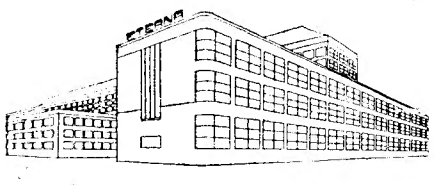
Esta criação ETERNA confirma uma vez mais a supremacia técnica do ETERNA · MATIC, que os americanos não hesitaram de "baptizar" de "the watchmaker's watch" (o relógio que o próprio relojoeiro usa). Por inúmeras vezes o sistema automático ETERNA · MATIC foi reconhecido como cientificamente o mais moderno.

Sua base: uma massa oscilante que, constituida por um "ROTOR", gira livre e silenciosamente sobre um rolamento de esferas que dá corda automàticamente ao menor movimento do braço

Foi ETERNA que teve a genial ideia de substituir o eixo vulgar que se desgasta, pelo famoso rolamento de esferas, eliminando, desta forma, o desgaste, "sombra negra" de todo o mecanismo.

Automático com rolamento de esferas

A última palavra em relojoaria



ETERNA é um dos mais importantes fabricantes suiços de cronómetros. Isto prova a qualidade excepcional e a precisão dos relógios da nossa fábrica centenária, sempre na vanguarda do progresso.

ETERNA · MATIC é o primeiro relógio automático do mundo com "ROTOR" sobre rolamento de esferas. Este rolamento é mais pequeno que a cabeça dum fósforo e o diâmetro das suas esferas não ultrapassa 65 centésimas de milímetro. Embora construídas em aço, são tão leves que flutuam na água.

ETERNA S. A., GRENCHEN (SUISSE) – REPRESENTAÇÃO E SERVIÇO EM 124 PAISES

Martha Graham no N. Y. City Ballet

Será, sem duvida um acontecimento da maior importancia na história do bailado: Martha Graham vai trabalhar para o New York City Ballet.

O grande encontro era inevitável Martha Graham, a mais completa representante da «Modern dance» americana, e George Balanchine, o mais legítimo herdeiro de toda a tradição do bailado clássico, tinham de encontrar-se e não opor-se, como sempre pretenderam os detractores das duas formas de arte, destinados a coexistirem e não a aniquilar-se. Além de tudo o mais, é o reconhecimento de uma artista de génio e de uma arte nova de 50 anos. E' a primeira vitória da «modern dance» sobre o terreno do bailado. Claro que muitos bailarinos têm passado pela escola renovadora da dança americana, mas agora é a própria Martha Graham que é convidada para coregrafar na companhia de Balanchine e trabalhar com os seus intérpretes bem preparados para criarem o estilo neo-clássico do mestre de «Concerto barroco». Mas isto não é tudo. Martha Graham estará também á frente da companhia como bailarina.

Por ora, Martha Graham trabalha exaustivamente na criação de um «ballet» com duração aproximada de uma hora sobre musica de Anton Webern.

Integra-se este notável acontecimento, no ambito das comemorações do X aniversário do New York City Ballet, um ano brilhante que já viu a colaborar nesta companhia, que sempre foi olhada como um espelho de arte de Balanchine, os mais dispares artistas. Lembremos apenas a presença de Brigit Culberg, a notável coregrafa sueca, que se inscreve na linha do bailado dramático iniciada por Kurt Joass.

Turismo no Algarve

Recordam-se daquela animada e pitoresca canção brasileira: «O que é que a baiana tem?...» Vinha de pois no movimento pitoresco da canção o inventário gracioso das tantas coisas belas que a baiana tinha...

Mal comparado, assim é o nosso Algarve: tem as praias mais lindas do Mundo; tem um clima mais suave do que a Costa Azul; tem as Caldas de Monchique que podem ser as melhores Termas do Sul; tem o Promontório de Sagres onde viveu e morreu o infante D. Henrique; tem a paisagem mais aliciante do País; tem os mais belos monumentos históricos; tem lendas, flores e poesia; tem estradas para automobilismo; tem frutos, mariscos, magnífico peixe, doces regionais; tem tudo isto e muitas outras coisas mais...

Tem tudo, de belo e atraente, para fomentar o turismo... mas não tem turismo.

Quando se organizará o turismo no Algarve?

(Voz do Sul, de Silves).

Grito de alarme :

Pede-se a intervenção urgente do Governo ou da Fundação Gulbenkian (já que os descendentes de honroso nome não bastaram) para que se salve a residência do mestre Roque Gameiro e se adapte a Museu, Casa de Artistas ou Refugio intelectual.

Pede-se, enfim, qualquer atitude que obste á ameaça de destruição artística que paira sobre o solar da Venteira.

(Notícias da Amadora).

«Portas de Mértola às duas horas»

O tema não pode ser outro, com a chuva sistemática e impertinente que tem caído hoje sobre a cidade.

Parece, no entanto, que a água caída constitui grande benefício para a agricultura, especialmente as searas. E dizem os lavradores que estas «gotas» são dinheiro. Acreditamos que sim e não somos como aquele «habitué» que irónicamente dizia:

«— Para mim tanto me faz. Sejam os anos bons, sejam maus, compro sempre o pão ao mesmo preço...»

Claro, que na frase ia mais uma tentativa de gracejar do que uma expressão séria daquilo que pensava. Nem outra atitude se compreenderia.

E como as tertulias estavam impedidas de reunião na «Baixa», recolheram-se nos «cafés».

(Diário do Alentejo, de Beja).

Um homem morto

Na Rua Nove de Abril, n.º 2, em Queluz, onde residia, foi encontrado morto, na quinta-feira, 30 de Abril transacto, o servente de pedreiro António Cameira Esteves Silva, de 30 anos, natural de Enguias (Belmonte), tal facto sendo participado, pela polícia local, á autoridade competente do concelho de Sintra, pelas 21 horas desse dia. Segundo informação do sr. presidente da Junta de Frequesia daquela vila, essa autoridade não pôde comparecer imediatamente por falta de transporte, o que só se verificou no dia seguinte, cerca da meia-noite, sendo então transportada num carro enviado pela Camara de Sintra, a cujo presidente foram solicitadas providências nesse sentido. Pelas 12 horas de sábado, 2 do corrente, o corpo foi finalmente levantado pelos Bombeiros de Sintra para ser autopsiado na casa mortuária do cemitério de S. Marçal, nesta vila.

(Jornal de Sintra).

Telefones deficientes

Devido aos trabalhos motivados pelas «quebradas» entre as freguesias de Ponta Delgada e S. Vicente e consequente rebentamento das linhas de alta tensão os telefones automáticos estão a funcionar alimentados por baterias, as quais têm de ser reforçadas de dois em dois dias.

Sucede que, por força do sistema adoptado, nem sempre os telefones cumprem a sua missão com eficiência, o que está a causar grandes transtornos aos respectivos assinantes das freguesias de Ponta Delgada, Boaventura e Arco de São Jorge.

Com a morosidade como os trabalhos decorrem, é certo manterem-se as deficiências verificadas nos telefones e é precisamente este o aspecto que mais preocupa as gentes daquelas freguesias.

Não seria posível acelerar o ritmo desses trabalhos, de modo a restabelecer-se mais rápida e normalmente as comunicações telefónicas entre a cidade e aquela área nortenha?

(Jornal da Madeira, do Funchal)

Edificio escolar de Vale-de-Açor

E' deveras desolador — segundo nos informam — o estado de abandono a que foi votado o edifício escolar gémeo de Vale-de-Açor, localidade da freguesia de Alcaria Ruiva.

O tecto de uma das salas ameaça ruir e todo o edifício necessita de pinturas interiores e exteriores. Sabemos que a Camara Municipal de Mértola tem grandes encargos com a construção dos edifícios do Plano dos Centenários que estão espalhados por todo o concelho mas estamos certos que, com um pouco de boa vontade, (a qual aumentará se, directamente, alguém responsável pelos destinos da administração, tiver conhecimento do estado em que se encontra o referido edifício), se tomarão as necessárias providências para a conveniente reparação.

Bom seria que se aproveitasse o período das próximas férias para a execução dos melhoramentos necessários.

(Diário do Alentejo, Beja).

As Portuguesas e a miopia

Há uns cinquenta anos não se via nas ruas uma unica mulher de óculos fixos — é evidente que, não sei por que motivo, a miopia aumentou muito entre o belo sexo. Há ainda algumas que não ousam desfeiar-se usando-os na rua, mas nos cinemas nota-se que, apenas desaparecem as luzes, quase todas os retiram das carteiras, para onde reentram em cada intervalo. Há, porém, outras que parece fazerem ostentação do seu defeito e, nem só os usam sempre, mas escolhem aros dos mais estapafurdios, com formas estranhas, obliquas e em materiais escuros, que lhes dão ás vezes um aspecto quase mefistofélico.

Isto porque não querem reparar nos pequenos cartazes dos oculistas, em que se mostram gentis americanas com óculos quase invisíveis, que não as desfeiam ou ridicularizam. São eles formados por pequenas prisões laterais que ligam as lentes ás hastes, sem que na curva inferior das lentes haja mais nada. São levissimos, quase imperceptiveis, mas naturalmente frágeis, pelo que, em casa devem então usar outros com aros mais sólidos e resistentes ás quedas.

Nos países do Norte, onde todas as mulheres sabem que os homens não gostam de ver senhoras com óculos, que ás vezes parecem que nos estão a observar ao microscópio, ou que são mestras alemãs, pois que essas sim, todas usam óculos.

Para as outras, as que fazem gosto em si e procuram agradar, a óptica alemã resolveu há muito o problema: inventou pequenas lentes concavas, soltas, de tamanho menor que uma moeda de 50 centavos, que, quando estão em sociedade, introduzem entre o globo ocular e as pálpebras, não se notando nada porque não deformam o olho nem prejudicam a sua cor, parecendo mesmo que, pelo hábito, não incomodam nem o inflamam. E, afinal, é sempre preciso sofrer um pouco para ser bela e atraente.

E' claro que isto não serve para as miopias avançadas, que exigem lentes grossas, que, felizmente para as damas, quase só se vêem em homens, os quais, quando os olhamos de frente nos apresentam, por efeito das lentes, olhos minusculos.

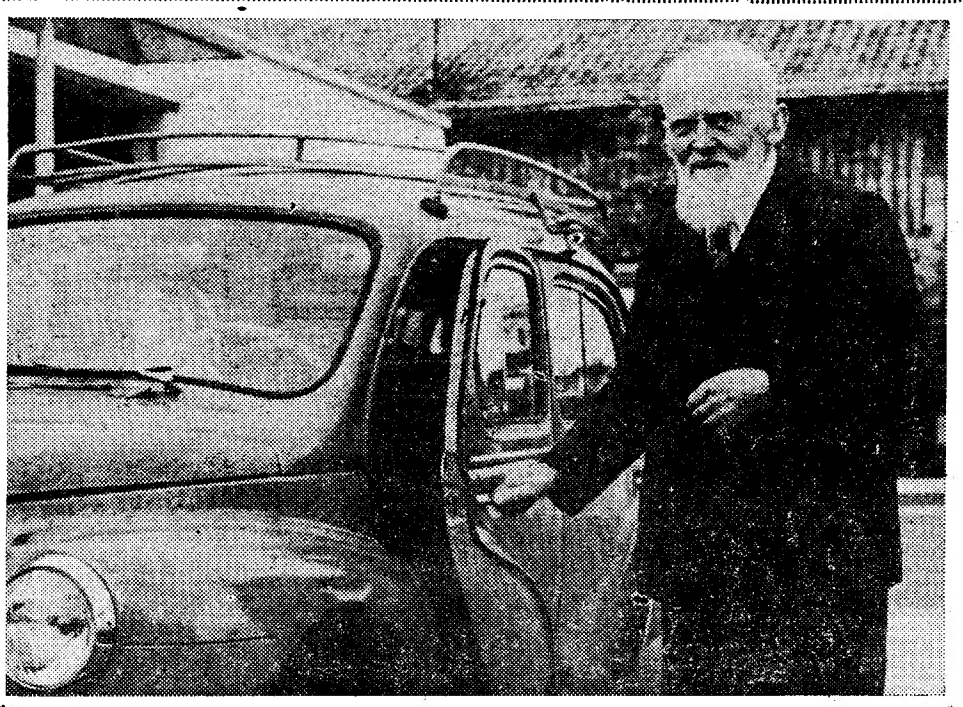
Conheci na Noruega uma jovem erudita e encantadora, professora universitária, que usava essas lentes, que trazia sempre na carteira, para as colocar quando ia ao teatro comigo.

Em Portugal habituaram-se já tanto ao desagradável uso de óculos fixos que, as que não têm falta de vista, usam e abusam de óculos escuros, que as tornam irreconhecíveis, e mesmo estando á sombra, o que lhes faz perder a resistência á luz devendo enfraquecer os nervos ópticos. Os óculos fumados devem retirar-se apenas se saia de uma praia ou do Sol. Há quem lhes chame, por isso «oculista», e, como os usam permanentemente, no Verão escurece-lhes a pele em volta dos aros ficando branca apenas a que rodeia os olhos, o que a algumas dá um curioso aspecto de certa espécie de macacos.

No Japão a miopia é quase geral nos homens, de modo que, quando alguém pergunta qual a maneira de distinguir um japonês de um chinês, respondem que, se usa óculos, é certamente japonês.

Para terminar recordarei uma passagem de uma farça de Gervásio Lobato, representada no antigo Ginásio, em que há um julgamento. O juiz inquire três testemunhas a quem pergunta: nomes, idades e profissões. Todos declaram ser oculistas! O magistrado manifestou o seu espanto ao oficial de diligências, que responde: como não havia nenhuma testemunha ocular, arranjei três oculistas...

AMADEU FERREIRA D'ALMEIDA



Edmond Ziegler tem 93 anos e é dentista numa aldeia da Alsácia. Com esta idade e a respeitável barba que ostenta, o sr. Ziegler é, no entanto, um hábil e seguro automobilista. Ziegler é o sócio mais velho do Automóvel Clube de França e o mais antigo automobilista da Alsácia e talvez de toda a nação. Guia há 64 anos e nunca teve um desastre. A idade nem sempre quer dizer cansaço.

A exposição [illegible]

No salão do Grupo Amigos de Lisboa, inaugura-se amanhã, ás 18 horas, uma exposição de miniaturas de chapéus modelos regionais portugueses e outras e de bengalas antigas.

Os expositores, sr.ª D. Guida Keil e srs. Carlos Gonçalves e dr. Eduardo Neves dirão algumas palavras a propósito dos objectos expostos.

A volta ao Mundo (1)

Espanha

SUPERFÍCIE — 503.061 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO — 29.500.000 habitantes.

PRINCIPAIS CIDADES — Madrid (1.928.000 habitantes), capital; Barcelona (1.603.000), Valência (853.000), Sevilha (410.000), Saragoça (305.000), Málaga (290.000), Murcia (232.000), Granada (192.000), Córdova (183.000), Las Palmas (170.000), La Coruña (160.000), Valladolid (142.000), Palma de Maiorca (141.000), San Sebastian (130.000), Alicante (120.000).

GOVERNO — Monarquia, sendo o generalíssimo Franco, a título de regente vitalício o Chefe de Estado e presidindo ao Governo. As Cortes, que colaboram com o Caudilho compõem-se de 560 membros (13 ministros, 50 procuradores nomeados pelo Caudilho. 103 membros da Falange, 142 representantes dos sindicatos, 50 perfeitos das capitais de província, reitores de universidades e representantes de academias e grupos profissionais). Há 50 províncias cujos governadores são nomeados pelo poder central.

CLIMA — E' em geral seco e de temperatura extremas desde a temperatura suave da região mediterranica até aos frios intensos de Avila, onde chega a descer a 19º negativos.

ESCRITOR MAIS REPRESENTATIVO — Miguel de Cervantes Saavedra.

PINTORES — Velasquez, Goya e Picasso.

COMÉRCIO — Em 1957, exportações de 470 milhões de dólares e importações de 862 milhões.

SERRA MAIS ALTA — A Serra Nevada (3.481 metros).

RIO DE MAIOR EXTENSÃO — O Ebro (744 quilómetros), pois que o Douro, o Tejo e o Guadiana têm parte do seu curso em Portugal.

LINGUA — Castelhano ou espanhol.

RELIGIÃO — Católica.

EDUCAÇÃO — Primária gratuita, em 62.580 escolas. Há 13 universidades e 53 seminários.

MOEDA — Peseta.

ESPECTACULO NACIONAL — Tourada.

O processo «Anastasia» continua...

Em Hamburgo, prossegue o processo relativo á suposta filha do czar Nicolau II, que reivindicou os seus direitos e vive, actualmente, sob o nome de sr.ª Andersen. O presidente do tribunal insiste em que esta receba, antes da próxima audiência, os peritos de medicina legal que deverão examinar o seu estado mental e as cicatrizes comprovativas dos golpes de baioneta.

A sr.ª Andersen continua a ter uma vida bastante precária, acentuada pela recente doença de Frau von Heidebrandt, que a ajudava nos trabalhos domésticos. A suposta princesa russa vive na maior reclusão, contactando apenas com uma mulher de confiança que lhe leva os géneros alimentícios. Dois cães enormes e ferozes vedam a entrada da sua habitação miserável a todos os importunos e mesmo ás pessoas que lhe procuram prestar socorros.

"O Testamento de Orfeu"

novo filme de Cocteau com Picasso

Jean Cocteau que já realizou «Orfeu», vai iniciar, em Outubro, em Baux de Provence, as filmagens do seu novo filme «O Testamento de Orfeu», que será interpretado por ele próprio e Edouard Dermitte. Em papéis episódicos, actores célebres, amigos do poeta e académico, prestarão o seu concurso anónimo. Assim, veremos, com surpresa, Yul Brynner, Jean Marais, Marie Bell e até o grande Pablo Picasso.